

EXPERIÊNCIAS DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO DOCENTE NA PERSPECTIVA INCLUSIVA

Claudete da Silva Lima Martins
Cristiano Corrêa Ferreira
Organizadores



EXPERIÊNCIAS
DE ATUAÇÃO
PROFISSIONAL
NO CONTEXTO DA
FORMAÇÃO DOCENTE
NA PERSPECTIVA
INCLUSIVA

EXPERIÊNCIAS DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO DOCENTE NA PERSPECTIVA INCLUSIVA

CLAUDETE DA SILVA LIMA MARTINS
CRISTIANO CORRÊA FERREIRA

ORGANIZADORES



Universidade Federal do Pampa

**LIVRO EXPERIÊNCIAS DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL NO CONTEXTO DA
FORMAÇÃO DOCENTE NA PERSPECTIVA INCLUSIVA**

FICHA TÉCNICA

Reitor da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)

Roberta Ribeiro Jorge

Pró-Reitor de Extensão e Cultura

Paulo Rodinei Soares Lopes

Pró-Reitor Adjunto de Extensão e Cultura

Franck Maciel Peçanha

**Coordenadora do Programa de Extensão Tertúlias Inclusivas
do Pampa e do Curso de Extensão em Produção de Recursos
Pedagógicos Acessíveis para estudantes com deficiência**

Claudete da Silva Lima Martins

**Professor Pesquisador e Gestor do Curso De Extensão
"Desenho Universal para Aprendizagem com foco no
público da educação especial e na perspectiva inclusiva"**

Cristiano Corrêa Ferreira

Professoras Formadoras

Laureane Marília de Lima Costa

Rosângela Kittel

Solange Cristina da Silva

Colaboradora e palestrante convidada

Simone De Mamann Ferreira

**Equipe do Curso De Extensão "Desenho Universal
Para Aprendizagem Com Foco No Público Da
Educação Especial E Na Perspectiva Inclusiva"**

Pesquisadoras

Jôse Storniolo Nunes Brasil

Cristiane Bueno da Rosa de Azambuja

Secretária

Jéssica Corrales da Silva Brandli

Designer Gráfico e Educacional

Augusto da Costa Soares

Editor de Vídeos para Acessibilidade

Marcelo Rodrigues Barboza Duarte

Revisora de Língua Portuguesa

Larissa do Prado Martins

Comunicadora Social

Simôni Costa Monteiro Gervasio

Tradutores e Intérpretes de Libras

Ringo Bez de Jesus

Alini Mariot

Audiodescritora

Giovana Brizolla Algarve Santos

Supervisor

Ricardo Costa Brião

Tutores/as

Adriana Martins da Silva

Débora Barros de Moraes

Dienuza da Silva Costa.

Ederson Rodrigues Ripardo

Emanuelle Aguiar de Araujo

Fernanda de Lima Pinheiro

Fernando Ramires de Carvalho

Francine Carvalho Madruga

Gabrielle Coggo

Iracema Barbosa Pinheiro

Lenice Rodrigues Antunes

Lília Jurema Monteiro Masson

Luciana Moraes Soares

Mariléia Corrêa Camargo Rocha

Mary Anny da Silva Machado Moraes

Michela Lemos Silveira

Mireille Mabel Machado Dworakowski

Roseli de Fátima da Silva Feitosa Galvão

Samara de Oliveira Pereira

Tais Granato Nogueira

Tamara Campos Vaz

Tatiana Ritta Bianchi

Tenely Cristina Froehlich

Thainá Pedroso Machado

Ticiane da Rosa Osório

Wilson Tuiuti de Vargas Gonçalves

Vinicius Freitas de Menezes

Yuri Freitas Mastroiano

**Obra financiada pela Secretaria de Modalidades
Especializadas de Educação (SEMESP-MEC)**

Observação:

**O conteúdo dos textos publicados neste livro é de
inteira responsabilidade dos respectivos autores
que os encaminharam para publicação.**

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)**

Experiências de atuação profissional [livro
eletrônico] : no contexto da formação docente
na perspectiva inclusiva / organizadores
Claudete da Silva Lima Martins, Cristiano
Corrêa Ferreira. -- 1. ed. -- Bagé, RS :
UNIPAMPA, 2024.
PDF

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-83164-00-1

1. Educação inclusiva - Brasil 2. Formação
docente - Metodologias ativas 3. Professores -
Relatos I. Martins, Claudete da Silva Lima.
II. Ferreira, Cristiano Corrêa.

24-215601

CDD-370

Índices para catálogo sistemático:

1. Professores : Relatos de experiências pedagógicas
: Educação 370



Universidade Federal do Pampa

SUMÁRIO

Prefácio	7
Processo de tutoria em um curso sobre o DUA: O que dizem os cursistas?	13
<i>Thainá Pedroso Machado</i>	
Produção audiovisual na perspectiva inclusiva para um design educacional transformador	19
<i>Marcelo Rodrigues Barboza Duarte Augustho Soares</i>	
Aromas e lembrança: uma abordagem multissensorial aplicada ao ensino de química utilizando os princípios do desenho universal para aprendizagem	27
<i>Yuri Freitas Matroiano Adriana Martins Da Silva Tenely Cristina Froehlich</i>	
Relato de experiência: vivências de uma tutoria em desenho universal para a aprendizagem	35
<i>Uilson Tuiuti De Vargas Gonçalves Ticiane Da Rosa Osório</i>	
O trabalho de supervisão e o mapeamento do percentual de engajamento de cursistas em curso EAD	41
<i>Ricardo Costa Brião</i>	
Tertúlias DUA: Experienciando a prática colaborativa	48
<i>Michela Lemos Silveira Francine Carvalho Madruga Emanuelle Aguiar De Araujo</i>	
A experiência com design gráfico acessível no curso DUA tertúlias	54
<i>Augustho Da Costa Soares Marcelo Rodrigues Barboza Duarte</i>	
Tutoria e envolvimento: experiências e discussões com foco no desenho universal para a aprendizagem	74
<i>Samara De Oliveira Pereira Fernanda De Lima Pinheiro Claudete Da Silva Lima Martins</i>	

Tutoria: reflexões sobre práticas colaborativas de aprendizagem na perspectiva do DUA	74
<i>Roseli De Fátima Da Silva Feitosa Galvão</i> <i>Tamara Campos Vaz</i> <i>Michela Lemos Silveira</i>	
O perfil dos participantes do curso de extensão desenho universal para aprendizagem - DUA	81
<i>Jéssica Corrales Da Silva Brandli</i>	
Perspectiva Inclusiva: DUA em harmonia com os estilos de aprendizagem	87
<i>Mariléia Corrêa Camargo Rocha</i> <i>Mireille Mabel Machado Dworakowski</i> <i>Taís Granato Nogueira</i>	
O uso da comunicação social e das tecnologias da informação em um curso de extensão online	94
<i>Simôni Costa Monteiro Gervasio</i> <i>Cristiane Bueno Da Rosa De Azambuja</i>	
O intérprete de libras no contexto do desenho universal para aprendizagem (DUA)	105
<i>Alini Mariot</i> <i>Ringo Bez De Jesus</i>	
Sobre os autores e autoras	115

Prefácio

A obra “Experiências de atuação profissional no contexto da formação docente de perspectiva inclusiva”, reúne uma coletânea de relatos profissionais, traduzidos em narrativas acadêmicas, que por sua vez, se entrelaçam as vivências de tutores e profissionais da equipe técnica do curso de Desenho Universal para aprendizagem com foco no público da educação especial e na perspectiva inclusiva, realizado no ano de 2022.

O curso de extensão é promovido pelo Programa de extensão Tertúlias Inclusivas do Pampa e Grupo de Estudos e Pesquisas em Inclusão e Diversidade na Educação Básica e Educação Superior (INCLUSIVE) vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado Acadêmico em Ensino) da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) sob a coordenação da Professora Dra. Claudete Lima Martins e pelo Prof. Dr. Cristiano Corrêa Ferreira, em parceria com a Secretaria de Modalidades Especializadas do Ministério da Educação (SEMESP_MEC), por meio da Rede Nacional de Formação de Profissionais da Educação – RENAFOR.

Vale ressaltar, que assim como nas demais edições dos cursos de formação realizados pelo grupo INCLUSIVE, neste ano, contamos com mais de seiscentos (600) cursistas de todas as regiões do Brasil, incluindo uma sala bilíngue de LIBRAS e língua portuguesa, que reúne professores ouvintes e surdos, usuários da Libras, que realizam suas atividades de inclusão em uma perspectiva de direitos linguísticos.

Além de toda a pluralidade de ações, o curso conta com uma equipe executora de excelência, com profissionais experts e qualificados, que se destacam entre estudantes de licenciaturas, pesquisadores, professores da Educação Básica, acadêmicos do Mestrado em Ensino da UNIPAMPA e colaboradores, com o objetivo de discutir e oportunizar o fortalecimento da tríade ensino-pesquisa-extensão e a oferta de formação acadêmico-profissional na perspectiva inclusiva para professores das escolas públicas brasileiras.

Esta edição, em especial, se une as inúmeras publicações realizadas pelo Programa de extensão Tertúlias Inclusivas do Pampa, fortalecendo o processo de inclusão, e a formação docente, em todos os níveis educacionais, com vistas a promoção da inclusão, na perspectiva de implementação de práticas pedagógicas plurais e inovadoras.

Esta coletânea é composta por treze (13) artigos, construídos por vinte sete (27) autores, que resultam em narrativas traduzidas em reflexões de cunho teórico-prático, profissional e acadêmico.

Desta forma, essa obra é compreendida como uma polifonia do conhecimento, onde emergem experiências que servirão de subsídio para práticas profissionais e docentes de toda rede educacional brasileira, colaborando na manutenção e criação de espaços e práticas inclusivas, que contemplem ou que tenham o interesse, na temática do Desenho Universal da Aprendizagem no contexto educacional.

Brevemente discorreremos sobre os capítulos e as nossas principais percepções diante das leituras, com o objetivo de instigarmos os leitores a realizarem as suas considerações e reflexões, integrando esta grande tertúlia da inclusão.

Inicialmente, no capítulo I, denominado “Processo de tutoria em curso sobre DUA: O que dizem os cursistas?” Thainá Pedroso Machado nos apresenta a perspectiva dos professores que participaram do curso de extensão Desenho Universal para a Aprendizagem com foco na Educação Especial e na perspectiva Inclusiva, evidenciando as concepções destes cursistas a respeito do DUA e sua aplicabilidade, bem como a análise das ações formativas realizadas no próprio curso, como os encontros síncronos semanais de bate-papo com a tutora, que também é autora do texto.

O capítulo II, “Produção audiovisual na perspectiva inclusiva para um design educacional transformador”, redigido por Marcelo Rodrigues Barboza Duarte e Augustho Soares, tem por objetivo retratar a experiência de trabalhar como produtor audiovisual do curso de extensão voltado a formação de professores da Educação Básica em DUA, destacando como elementos de discussão e análise a produção audiovisual para acessibilidade na comunicação educacional e o recurso audiovisual como ferramenta para o design educacional de perspectiva inclusiva, temas que embora complexos e muitas vezes pouco explorados pela literatura, são extremamente importantes e pertinentes, especialmente para proposição de ações de formação acadêmico-profissional que se propõem a ser inclusivas e, portanto, acessíveis. Os autores nos brindam com reflexões importantes, as quais evidenciam que há mudanças que precisam ser realizadas para construção de uma sociedade e, portanto, uma educação inclusiva, mas que tais mudanças não podem ser meramente discursivas, implicam em transformações atitudinais que gerem também transformações nas práticas educacionais, compreendidas pelos autores, no contexto sociotecnológico contemporâneo. Destaca-se ainda, que os autores oferecerem aos leitores exemplos de ações e materiais audiovisuais construídos no âmbito do curso, ilustrando-os com imagens representativas dos mesmos, o que tanto ratifica o compromisso profissional dos autores

com o curso quanto e, principalmente o seu envolvimento e engajamento com a proposta formativa de perspectiva inclusiva desenvolvida no curso.

No capítulo III os autores Yuri Freitas Matroiano, Adriana Martins da Silva e Tenely Cristina Froehlich apresentam-nos o relato de uma experiência, de intervenção didática, aplicada em uma turma de 3º ano do ensino médio de escola pública do Rio Grande do Sul, denominada “Aromas e lembranças: uma abordagem multissensorial aplicada ao ensino de Química utilizando os princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem”. Para tanto, os autores inicialmente tecem uma discussão teórica a respeito do DUA, destacando suas primícias e princípios, para na sequência relatarem a experiência de intervenção aplicada, com muita sensibilidade lembrando-nos que os aromas se referem a aprendizagens construídas, mas também lembranças, emoções e saudades.

O capítulo IV denominado “Relato de experiência: vivências de uma tutoria em desenho Universal para a Aprendizagem”, produzido por Uilson Tuiuti de Vargas Gonçalves e Ticiane da Rosa Osório, enfatiza a experiência de tutoria vivenciada pelos autores buscando, trazendo dados a respeito do curso como a carga horária, modalidade, recursos, turmas, cursistas, período, contexto, organização metodológica e didática para na sequência apresentar a experiência de tutoria, em cada uma das “tertúlias” oferecidas pelo curso. Os autores que são tutores do curso, ressaltam que para eles foi desafiador e muito gratificante trabalhar com os cursistas que são professores de atendimento educacional especializado, com vasta experiência profissional na área pois assim, possibilitando a qualificação da formação tanto dos cursistas quanto dos próprios tutores, despertando possibilidades de desenvolvimento profissional e de novas práticas educacionais.

“O trabalho de supervisão e o mapeamento do percentual de engajamento de cursistas em curso Ead”, de Ricardo Costa Brião, compõe o capítulo V deste livro. Nele o autor apresenta algumas questões relacionadas aos estudos sobre DUA e barreiras para na sequência relatar sua experiência de atuação como supervisor do curso DUA, com foco no engajamento de tutores e cursistas.

No capítulo VI, “Tertúlias DUA: experienciando a prática colaborativa”, as autoras Michela Lemos Silveira, Francine Carvalho Madruga e Emanuelle Aguiar de Araújo, relatam a experiência de atuação na tutoria do curso DUA. Para tanto, as autoras descrevem a experiência enfatizando a perspectiva de trabalho colaborativa implementada por elas, em três turmas do curso DUA, denominadas como: Acessibilidade, Flexibilidade e Protagonismo, o que acreditamos que corroborou para que elas tenham construído novos saberes e atuado de forma muito competente, comprometida, sensível, rigorosa e dedicada na tutoria do curso.

O capítulo denominado “A experiência com design gráfico acessível no curso DUA TERTÚLIAS, de autoria de Augustho da Costa Soares e Marcelo

Rodrigues Barboza Duarte, apresenta o trabalho de design gráfico desenvolvido no curso DUA e que possibilitou a produção de materiais visuais estáticos tanto para o público externo quanto interno ao curso. Dentre os materiais produzidos os autores destacam a organização visual dos cadernos de estudos, recursos pedagógicos, identidade visual do curso, cartazes, capas para as turmas no ambiente virtual de aprendizagem, modelos de slides entre outros. No texto os autores descrevem as ações de acessibilidade realizadas para que os materiais fossem acessíveis, as quais implicaram no desenvolvimento de ações colaborativas com outros profissionais (comunicadora social, audiodescritora, coordenadores, tradutores e intérpretes de Libras), com um modelo de trabalho remoto no qual foi utilizado o aplicativo de gerenciamento de projetos Trello. Ao longo do capítulo os autores apresentam os materiais produzidos acompanhados de referencial teórico pertinente, de forma clara, objetiva, descritiva e inspiradora, o que nos permite pensar que a atuação profissional do design gráfico pode ser potencializada e qualificada a partir da compreensão do seu papel social especialmente se esta atuação for realizada pelo viés da acessibilidade e da educação inclusiva.

No capítulo VIII, denominado “Tutoria e envolvimento: experiências e discussões com foco no Desenho Universal para a Aprendizagem, as autoras Samara de Oliveira Pereira, Fernanda de Lima Pinheiro e Claudete da Silva Lima Martins, realizam um relato da experiência de tutoria no curso DUA, articulando essa atuação com as aprendizagens e estudos realizados pelas autoras no Mestrado Acadêmico em Ensino da UNIPAMPA. Assim, as autoras brindam os leitores com um relato de experiência “regado” por referenciais e discussões teóricas importantes. O envolvimento das autoras com o curso e com os estudos relacionados com o DUA, se articulam para fundamentar suas práticas, seja como tutoras e/ou como pesquisadoras, reconhecendo que a formação é um processo contínuo e permanente, principalmente quando se tem por mote a busca pela quebra de barreiras e educação inclusiva.

Outro capítulo que apresenta relato da experiência de tutoria no curso DUA é o redigido por Roseli de Fátima da Silva Feitosa Galvão, Tamara Campos Vaz e Michela Lemos Silveira, denominado “Tutoria: reflexões sobre práticas colaborativas de aprendizagens na perspectiva do DUA”. Neste capítulo, as autoras trazem as suas experiências de participação no curso acompanhadas por discussões teórico-práticas a respeito do DUA, Educação Especial, capacitismo e atendimento educacional especializado. Para tanto, as autoras apresentam os temas tratados em cada um dos três módulos do curso (denominados como tertúlias) enfatizando a importante atuação da tutoria na mediação da formação.

O capítulo X, apresentado nesta obra, denominado: “O perfil dos participantes do curso de extensão Desenho Universal para Aprendizagem – DUA”, de autoria de Jéssica Corrales da Silva Brandli, resgata a legislação que orienta a educação inclusiva ressaltando a importância da formação do-

cente nesta área. Assim, a autora que atuou como secretária do curso, relata sua experiência apresentando os principais dados informativos do curso, as etapas de construção e a interação entre equipe técnica, formadoras e cursistas. Neste capítulo, temos o relato descritivo do curso, o que possibilita aos leitores conhecer um pouco mais sobre o curso bem como sobre os professores da educação básica que foram cursistas dessa formação, evidenciando a diversidade da formação e dos sujeitos dela. Destacamos, o que a própria autora reconheceu, ao afirmar que sua participação no curso lhe proporcionou muitas aprendizagens que não dizem respeito às questões profissionais, pois houve “um ganho significativo de experiências em relação à acessibilidade e, com certeza, acabará impactando em experiências profissionais futuras”.

Certamente, o êxito da formação proposta pelo curso, se deve em grande parte ao engajamento dos profissionais envolvidos, tanto na equipe técnica, quanto de tutoria, formadores, pesquisadores e coordenadores, que não apenas realizaram as atividades previstas, mas engajaram-se nelas, comprometendo com o trabalho formativo e, conseqüentemente, aprendendo e qualificando sua própria formação.

“Perspectiva inclusiva: DUA em harmonia com os estilos de aprendizagem”, de Mariléia Corrêa Camargo Rocha, Mireille Mabel Machado Dworakoski e Taís Granato Nogueira, compõem o XI capítulo desta obra. Nesta produção, as autoras nos levam a refletir sobre os diferentes estilos de aprendizagem (auditivo, cinestésico e multimodal) que impactam diretamente o modo de aprender de cada sujeito, levando em consideração que cada indivíduo é singular e único.

Para as autoras, “o Desenho Universal para Aprendizagem (DUA) busca compreender e lidar com a individualidade humana, ao mesmo tempo em que lida com o coletivo, num ambiente em que existem pessoas com diferentes modos de aprendizagem, promove a acessibilidade e amplia o direito de todos/as aprenderem”.

Portanto, essa obra nos convida a refletir sobre o papel do DUA diante das possíveis alternativas diante das diferentes formas de aprender.

No capítulo XII, “O uso da comunicação social e das tecnologias da informação em um curso de extensão online”, de Simôni Costa Monteiro Gervasio e Cristiane Bueno da Rosa de Azambuja, as autoras realizam uma discussão sobre a utilização de recursos e conhecimentos oriundos das áreas da Comunicação Social e Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), apresentando diretrizes e resultados, com vistas a enaltecer a interdisciplinaridade dos profissionais envolvidos, a acessibilidade implementada pela área e o DUA presente nas ações de cunho técnico- didático-pedagógico e dos materiais produzidos, especialmente os da área da comunicação social e da tecnologia da informação e comunicação, desenvolvidos pela equipe.

O destaque desta produção na área da tecnologia da informação e comunicação foi a “mediação técnico-pedagógica. Esse papel compreendeu o diálogo com a equipe de professoras formadoras, auxiliando com a definição na escolha de tecnologias e com o formato de apresentação de materiais e atividades, e o encaminhamento e gerenciamento de tarefas, relacionadas aos materiais didáticos, a outros integrantes da equipe técnica.”

No que tange a Comunicação Social, o destaque foi a construção do plano de Comunicação Social que “contribuiu com o desenvolvimento do curso, em termos de uma ferramenta disseminadora de informações e facilitadora das interações, contribuindo efetivamente para o andamento do curso e formação dos participantes, considerando [...] a preocupação constante em tornar todos os materiais acessíveis.”.

Desta forma esse capítulo nos mostra a integração das áreas da Comunicação Social e da tecnologia da informação e comunicação em prol da interdisciplinaridade e da integração exitosa entre as equipes de trabalho antes, durante e após o curso.

O capítulo XIII, de autoria de Alini Mariot e Ringo Bez de Jesus, denominado: “O Intérprete de Libras no contexto do Desenho Universal para Aprendizagem (DUA)”, apresenta o impacto da participação do Tradutor e Intérprete de Libras frente a proposta de implementação do DUA, incluindo as percepções das narrativas dos participantes Surdos participantes do curso, e a plena acessibilidade linguística esperada neste contexto. Através deste capítulo, demais tradutores e intérpretes de Libras e língua portuguesa das redes de ensino do Brasil, encontrarão subsídios para que as suas práticas profissionais, sejam pedagogicamente construídas e organizadas desde a concepção e organização do DUA, considerando a importância do seu papel em ambientes escolares que implementam, discutam e desejam a presença do DUA em suas práticas educacionais.

Portanto, esta obra apresenta um conjunto de capítulos que não apenas apresentam experiências de atuação em curso de formação docente, mas que traz um convite aos leitores para se inspirarem e se engajarem em processos formativos que tenham o compromisso ético, político e social que orientou o curso DUA e que fundamenta o Programa de extensão Tertúlias Inclusivas do Pampa, buscando assim, a garantia de educação inclusiva, que é a educação para TODOS.

*Claudete da Silva Lima Martins
Ringo Bez de Jesus*

Processo de tutoria em um curso sobre o DUA

O QUE DIZEM OS CURSISTAS?

Thainá Pedroso Machado¹

Introdução

Um grupo de arquitetos no ano de 1970 foram inspirados a criar um conceito que chamaram de Desenho Universal. Para eles, o *design* dos ambientes e dos produtos poderia ser previamente pensado como forma de permitir o uso pelo maior número de pessoas possível, sem que houvesse a necessidade de adaptações posteriores.

É interessante frisar que a origem de tal concepção não decorre somente da busca por respostas para demandas sociais de setores que reivindicavam a plena participação de todos. Havia também uma percepção de que adaptações não planejadas voltadas à acessibilidade de prédios ou residências, eram caras e esteticamente feias (CAMBIAGHI, 2019).

Com o passar dos anos, a sala de aula começou cada vez mais heterogênea e o movimento do Desenho Universal começou fazer sentido para um grupo de professores que possuíam o desafio da entrega de uma educação de qualidade, garantindo a aprendizagem. Então, surge o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA), pensado por um grupo de professores da universidade de Harvard.

¹ Licenciada em Química e Biologia, mestre em Ensino, professora da rede privada de ensino e tutora do curso de extensão DUA. Universidade Federal do Pampa. Bagé – RS.

Nesse sentido, o DUA é um modelo especialista que visa facilitar o processo de ensino-aprendizagem de cada estudante, por meio de um planejamento pedagógico contínuo, somado ao uso de recursos digitais.

Seus autores apoiaram-se em extensivas pesquisas sobre o cérebro humano para estruturar o modelo. Tais investigações revelavam duas importantes constatações. Em primeiro lugar, a noção de que é fantasiosa a ideia do “estudante regular”. Nossas categorizações são, na verdade, uma grossa simplificação que não reflete a realidade e nos cega diante de uma gigantesca variedade de particularidades observadas em cada aluno.

Em segundo lugar, o fato de que a aprendizagem do ser humano ocorre por meio de um complexo processo, sistematizado por esses estudos a partir de três redes cerebrais: uma rede de reconhecimento, especializada em receber e analisar informações, ideias e conceitos; outra rede, chamada de estratégica, responsável por planejar, executar e monitorar ações e uma terceira rede, denominada afetiva, que desempenha o papel de avaliar padrões, designar significância emocional a eles e estabelecer prioridades (NUNES; MADUREIRA, 2015).

De modo resumido, o Desenho universal para aprendizagem é o exemplo de uma abordagem educacional mais condizente com a convicção de que toda pessoa tem o direito de estudar e buscar o seu melhor como ser humano.

Ao mesmo tempo, dialoga com a proposta de ressignificação do papel do professor, enxergando-o como um mediador do processo de aprendizagem. Ou seja, favorece a ruptura do formato tradicional de sala de aula, caracterizado por fileiras de estudantes sentados diante de um professor a quem é delegada a missão de transmitir o conteúdo e, posteriormente, verificar se o mesmo foi absorvido por meio de provas.

No entanto, o DUA representa uma interessante ferramenta para que as equipes pedagógicas planejem suas aulas de forma mais criteriosa, almejando o acesso de todos ao conhecimento, e deem conta da crescente diversidade presente nas escolas.

A inclusão escolar exige cada vez mais que os professores do ensino comum e os professores especialistas sejam preparados em seu processo de formação para o atendimento de estudantes do público-alvo da Educação Especial (BUENO, 2008). Ressalta-se, portanto, a necessidade de investimentos em programas de formação inicial e continuada, que se voltem para a reflexão do cotidiano escolar, possibilidade de troca de experiências e construção coletiva de novos saberes pedagógicos (BEAUCHAMP, 2002).

De acordo com Lopes (1997, p. 574), é indispensável uma “formação de professores que reflita sobre sua própria prática, bem como para a utilização da reflexão como instrumento de desenvolvimento do pensamento e da ação”.

Por compreender a relevância que o Desenho Universal configura para promover uma educação para todos, que o grupo de pesquisas INCLUSIVE da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), ofertou uma formação, caracterizada como um curso de extensão com duração de três meses, chamado “Desenho Universal para a Aprendizagem com foco na Educação Especial e na perspectiva Inclusiva”. O curso teve como público alvo os professores da educação básica de todo o Brasil e como objetivo principal contribuir com os avanços da educação inclusiva no Brasil, proporcionando novos conhecimentos para os professores.

Diante disso, o presente relato, de autoria de uma das tutoras do curso, tem como objetivo trazer as concepções dos cursistas sobre os encontros síncronos ocorridos via plataforma virtual semanalmente, que foram planejados seguindo os princípios do DUA.

Procedimentos Metodológicos

O curso *Desenho Universal para a Aprendizagem com foco na Educação Especial e na perspectiva Inclusiva*, configurado como uma ação de extensão do grupo de pesquisas INCLUSIVE, ocorreu nos meses de agosto, setembro e outubro de 2022.

O curso teve 25 (vinte e cinco) turmas, 600 (seiscentos) cursistas e 28 (vinte e oito) tutores. Utilizou como ambiente virtual para a aprendizagem (AVA), o Google Sala de Aula e para encontros síncronos com tutores a plataforma de vídeo Google Meet. No ambiente virtual, foram postados cadernos de estudos, sequência de atividades que deveriam ser realizadas pelos cursistas e, também, vídeos aulas com a explicação de conceitos trazidos nos cadernos de estudos.

Além disso, para melhor aproveitamento dos cursistas, semanalmente, ocorreu um encontro síncrono virtual com os tutores e suas respectivas turmas. Portanto, o relato traz as concepções dos 25 (vinte e cinco) cursistas da turma Equidade,² sobre os encontros síncronos que buscava atender os princípios do DUA.

Vale ressaltar que os encontros síncronos não eram obrigatórios para aprovação no curso, mas que a turma em questão obteve um alto índice de participação. Os encontros aconteceram todas as segundas-feiras durante os três meses do curso, às 19 horas por meio de uma sala virtual do Google Meet.

² Os nomes das turmas foram definidos a partir de mobilizações feitas pelo supervisor do curso, com relação as concepções dos tutores sobre a Educação Inclusiva.

Ao final do período, após os cursistas já terem passado por todos os estudos ofertados e com uma visão mais clara sobre o conceito do DUA, eles foram convidados a responder um questionário de avaliação sobre os encontros síncronos, planejado pela tutora, autora deste relato.

O questionário foi composto por perguntas de respostas abertas e outras perguntas de múltipla escolha, com o objetivo de compreender quais foram as concepções dos cursistas sobre a aplicabilidade de DUA nos encontros síncronos (GIL, 1999).

Resultados e Discussão

Planejar uma aula tendo em vista a utilização do Desenho Universal para a Aprendizagem, requer de que o pensamento do professor esteja voltado aos três princípios: 1) Engajamento; 2) Representação e 3) Ação e Expressão. Tais princípios, apontam a importância de se pensar na diversidade do processo de aprendizagem, pois a forma de cada estudante aprender deve ser respeitada para que possamos superar o ensino tradicional, excludente e homogêneo (SILVA *et al.*, 2013).

Embora o processo de tutoria não esteja ligado ao ensino regular, mesmo assim, se configura como um espaço de aprendizagem, onde o tutor assume um papel de facilitador do conhecimento e deve compreender e respeitar o tempo de aprendizagem de todas as pessoas que estão no espaço para aprender.

Desse modo, a tutora autora desse relato planejou os encontros síncronos seguindo as premissas do Desenho Universal para a Aprendizagem. Em todos os encontros foram utilizados recursos digitais, tais como slides em Power Point e/ou vídeos motivacionais. Além disso, a tutora organizou as atividades que estavam disponibilizadas no ambiente virtual de aprendizagem, em um documento em que os cursistas pudessem acessar facilmente pelo celular, onde as tarefas estavam divididas por semanas, conforme caderno de estudos e, de modo que, pudessem evitar atrasos nas entregas.

Já no primeiro mês de curso foi possível identificar que o índice de atividades entregues pelos cursistas foi altíssimo, constatação esta que foi evidenciada também pelo supervisor do curso, indicando que a turma Equidade, era uma das que possuía a maior entrega, dentre todas as turmas do curso.

Nessa mesma perspectiva, os cursistas relataram, por meio de questionário, que a organização das atividades por semana, facilitaram a rotina de resolução para entregas e que, dessa maneira, conseguiram acompanhar as semanas conforme o caderno de estudos, evitando o acúmulo de atividades para o final do curso.

Quando abordados sobre os encontros síncronos, a maioria dos cursistas relataram que eles eram organizados de uma maneira “muito prática” (CURSISTA 03, QUESTIONÁRIO DA AUTORA, 2022). Sinalizaram também, que os materiais utilizados nos encontros, “principalmente as atividades de mobilização”, conseguiram fazer com que os cursistas ficassem “engajados e dispostos a participar dos encontros e trocar experiências” (CURSISTA 13, QUESTIONÁRIO DA AUTORA, 2022).

Mesmo que a maior parte dos materiais que foram utilizados em aula, eram recortes dos cadernos de estudos, elaborados pelas professoras formadoras do curso, a maneira como foram trazidos para os encontros foi um ponto de destaque na visão dos cursistas:

Considero que a maneira com que os recortes dos cadernos foram utilizados nos nossos encontros, foram excelentes para que pudéssemos adquirir novos conceitos, mas ao mesmo tempo, refletir sobre nossas práticas e compartilhar com todos os cursistas do grupo” (CURSISTA 07, QUESTIONÁRIO DA AUTORA, 2022).

Quando os cursistas foram interrogados em questionário o que mais havia chamado a atenção, as respostas foram muito positivas.

Todos os nossos encontros tinham uma atividade motivacional, uma espécie de engajamento, as vezes um vídeo, as vezes apenas uma frase de impacta que faziam a gente refletir desde o primeiro momento. Quando a aula começava, nós tínhamos os recortes de atividades ou conceitos que estavam nos cadernos, mas tinham em conjunto, perguntas que nos obrigavam a refletir e votar nosso pensamento sempre para nossa prática, o que favorece a aprendizagem e também já pensarmos o que devemos mudar e o que devemos aprimorar na nossa prática pedagógica” (CURSISTA 18, QUESTIONÁRIO DA AUTORA, 2022).

Pensar uma aula a partir dos pressupostos do DUA requer que aconteça uma mobilização inicial, ou seja, que eles se sintam engajados no processo de fazer a aula acontecer e, isso foi possível perceber que os cursistas estavam engajados.

Considerações Finais

Como o curso de formação de professores, caracterizado como uma ação de extensão, possuía como tema central o Desenho Universal para a Aprendizagem, nada mais justo do que pensar estratégias de trazer essas concepções desde o início do curso.

Como os encontros foram organizados nesses pressupostos, ou seja, com o sentido de fazer com que os cursistas, ao final do curso, entendessem

que os encontros da turma eram uma forma de aplicar o DUA, o trabalho final eram identificar se realmente esses planejamentos fizeram sentido.

O que se pode perceber, a partir das respostas dos cursistas é que, eles foram muito mobilizados para a participação ativa nos encontros, pois não basta estar em uma tela, com câmera e microfones fechados que aprenderão. É preciso que participem, que exponham suas opiniões e dúvidas.

Alguns cursistas compreenderam que os encontros foram planejados na perspectiva do DUA, pois apontaram no questionário e durante o último encontro, onde já possuíam maior conhecimento sobre o tema.

Cabe destacar que, independentemente do nível de educação, seja ela nível básico, médio, graduação ou formação continuada, todas as pessoas têm o direito de aprender, e a pessoa que está com essa tarefa na mão deve utilizar todos os recursos para que isso aconteça. Portanto, considera-se o DUA ferramenta importante e essencial para que todos consigam aprender juntos.

Referências

BEAUCHAMP, Jeanete. Educação especial: relato de experiência. In: ALHARES, Marina Silveira; MARINS, Simone Cristina. (org.). **Escola inclusiva**. São Carlos: UFSCar, p. 99-104, 2022.

BUENO, José Geraldo Silveira. As políticas de inclusão escolar: uma prerrogativa de educação especial? In: BUENO, José Geraldo Silveira; MENDES, Geovana Mendonça Lunardi; SANTOS, Roseli Albino. (org.). **Deficiência e escolarização**: novas perspectivas de análise. Araraquara: Junqueira & Marin, p. 43-63, 2008.

CAMBIAGHI, Silvana. **Desenho Universal**: métodos e técnicas para arquitetos e urbanistas. Editora Senac São Paulo, 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LOPES, Alice Ribeiro Casimiro. Pluralismo cultural: preconizando o consenso ou assumindo o conflito? **Espaço**, Rio de Janeiro, n. 8, p. 31-37, 1997.

NUNES, Clarisse; MADUREIRA, Isabel. Desenho Universal para aprendizagem: Construindo práticas pedagógicas inclusivas. **Da Investigação às Práticas**: Estudos de Natureza Educacional, v. 5, n. 2, p. 126-143, 2015.

SILVA, S. C.; BOCK, G. L. K.; BECHE, R. C. E.; GOEDERT, L. **Ambiente virtual de aprendizagem Moodle**: Acessibilidade nos processos de aprendizagem na Educação a Distância/CEAD/UDESC. Anais. Congresso Brasileiro de Ensino Superior à Distância. Belém PA. 11 a 13 de junho de 2013.

Produção Audiovisual na Perspectiva Inclusiva para um Design Educativo Transformador

*Marcelo Rodrigues Barboza Duarte³
Augustho Soares⁴*

Introdução

As discussões contemporâneas sobre promover espaços e estruturas que possibilitem desenvolver uma educação verdadeiramente para todos têm sido um norte para o debate educacional. Nesse contexto, estabelece-se e consolida-se o reconhecimento de que todos os sujeitos são diferentes e, conseqüentemente, relacionam-se de formas diferentes dentro dos ambientes de aprendizagem. Essa compreensão, que faz parte do conceito de educação inclusiva (FIGUEIRA, 2017), contrapõe-se ao conceito de educação especial, que por sua vez preocupa-se por promover a educação apenas das pessoas com deficiência.

³ Jornalista; Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Federal do Pampa - Unipampa; Bagé, RS.

⁴ Jornalista; Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Federal do Pampa - Unipampa; Bagé, RS.

Nessa perspectiva, entende-se que a mudança não pode ser meramente discursiva, mas, sim, precisa resultar em transformações atitudinais que, de fato, estimulem práticas educacionais diferenciadas. Essas práticas devem ser compreendidas, ainda, no contexto sociotecnológico contemporâneo, tendo em vista os impactos que ele ocasiona em todos os âmbitos e dimensões da educação. Com isso, toda e qualquer ação desenvolvida no processo de ensino-aprendizagem, desde o planejamento e concepção de conteúdo até as formas de comunicá-lo, deve estar atravessada pela perspectiva inclusiva.

Dessa forma, a partir da realização do curso *Desenho Universal para Aprendizagem com foco no público da educação especial e na perspectiva inclusiva* (daqui em diante o chamaremos de DUA Tertúlias), este capítulo busca retratar a experiência vivenciada pelo primeiro autor enquanto produtor audiovisual para acessibilidade. Também se estabelece aqui a relação entre as questões que dizem respeito ao audiovisual e aquelas sobre o *design* educacional e à comunicação educacional, entendendo que ambas as conceituações foram parte importante do agir profissional e do resultado do trabalho.

Assim, nas próximas seções, abordaremos questões teóricas enquanto é descrita a experiência, considerando dois pontos fundamentais de discussão. Por um lado, a produção audiovisual para acessibilidade na comunicação educacional e, por outro, o recurso audiovisual como ferramenta para o *design* educacional inclusivo. É importante destacar que este capítulo tem por objetivo registrar e analisar uma vivência (MUSSI; FLORES; ALMEIDA, 2021), mas entendendo que as conclusões feitas aqui aplicam-se apenas ao nosso objeto de análise e não necessariamente estendem-se a vivências de terceiros.

O recurso audiovisual como ferramenta para o design educacional inclusivo

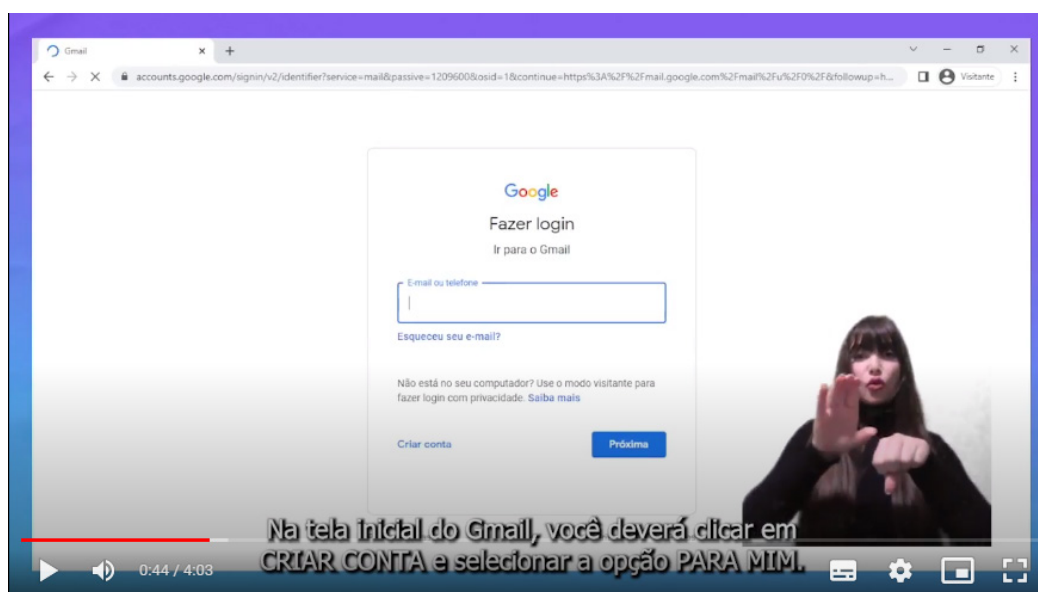
Em tempos em que o domínio dos recursos tecnológicos e das plataformas digitais imperam, para além de quaisquer vontades próprias, a utilização dos diferentes espaços e ferramentas oportunizados por esse contexto apresenta-se de extrema importância para estabelecer não só uma boa comunicação, dentro dos ambientes educacionais, mas também como os próprios mediadores do processo de ensino-aprendizagem. Entretanto, compreende-se que esse domínio tecnológico ainda não é uma realidade para muitas pessoas, o que demanda a produção de materiais didáticos que venham a suprir essa necessidade.

Nesse sentido, durante o planejamento e a execução do curso DUA Tertúlias teve-se importante cuidado no momento de propor procedimentos ou ferramentas, compreendendo que os mais de 600 (seiscentos) cursistas certamente estariam em momentos de domínio tecnológico diferentes. Essa

preocupação também esteve presente, inclusive, antes. Durante o processo de inscrições, decidiu-se produzir um tutorial que explicasse, com uma linguagem simples, o passo a passo, começando pela possibilidade/necessidade de criar uma conta do Google até o próprio preenchimento do formulário de inscrição.

Como pode ser observado na Figura 1, aqui buscou-se uma construção discursiva simples, não apenas em relação à locução do vídeo, mas também à sua estética visual. Quanto a isso, observa-se cotidianamente nas plataformas digitais uma preferência do público por tutoriais que apresentam apenas a captura de tela e o detalhamento processual, sem a necessidade de que o instrutor esteja em tela durante as orientações. Esse resultado é alcançado a partir do planejamento minucioso para produção audiovisual, estabelecendo um objetivo claro para o produto (PARREIRA JÚNIOR; OLIVEIRA, 2009).

Figura 1: Tutorial desenvolvido para inscrições do curso DUA Tertúlias



Fonte: dos autores, 2022

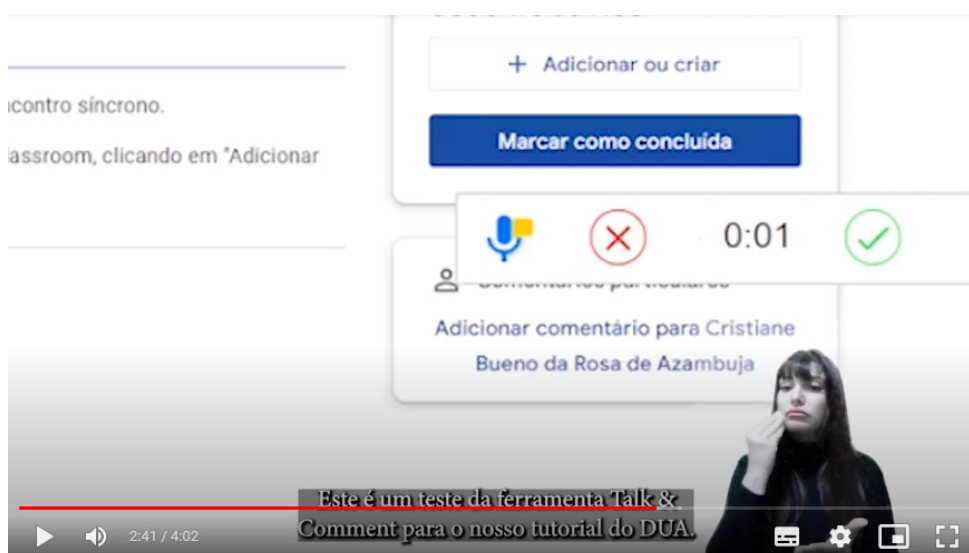
Audiodescrição: Print de tela do tutorial para inscrições do curso DUA Tertúlias. Sobre fundo branco, a página de login do Gmail. No canto inferior direito, imagem da intérprete de Libras que faz um sinal com as mãos. No rodapé o texto: "Na tela inicial do Gmail, você deverá clicar em CRIAR CONTA e selecionar a opção PARA MIM". Fim da audiodescrição.

Todos os tutoriais, bem como os demais conteúdos audiovisuais produzidos no contexto do curso DUA Tertúlias, contaram com os recursos de acessibilidade, sendo eles: audiodescrição, janela de interpretação em Língua Brasileira de Sinais e legendas. Buscou-se que os recursos de acessibilidade tivessem destaque nas produções audiovisuais, não sendo tratados apenas como recursos adaptados. Nesse sentido, é importante entender que a acessibilidade permite a compreensão universal do audiovisual, pois "um

recurso bem empregado traz à tona a apreciação e discussão da obra, e não do recurso em si” (NAVES et al., 2016).

A preocupação com a acessibilidade das produções audiovisuais ainda veio acompanhada por um cuidado sobre as diferentes possibilidades ferramentais que as plataformas digitais oportunizam. Nesse contexto, e levando em consideração as individualidades dos sujeitos que participaram do curso DUA Tertúlias, decidiu-se oferecer, dentro do design educacional integral do curso, ferramentas como *Talk & Comment*,⁵ que possibilita a interação dos sujeitos com os materiais e plataformas por meio de notas de voz. Assim, quando se propõe utilizar uma ferramenta nova, se faz necessário instruir os cursistas para sua utilização.

Figura 2: Tutorial da ferramenta Talk & Comment utilizada no curso DUA Tertúlias



Fonte: dos autores, 2022

Audiodescrição: print de tela com tutorial para inscrições do curso DUA Tertúlias. Sobre fundo branco, a página de login do Gmail. No canto inferior direito, imagem da intérprete de Libras que faz um sinal com as mãos. No centro da tela, acima do campo de login do Gmail um quadro com imagem de um microfone que mostra a opção de uso de voz. Fim da audiodescrição.

Todo o planejamento envolvido nesse contexto, desde a proposição de ferramentas e plataformas diferentes para interação, passando pelo oferecimento de tutoriais para que os cursistas aprendam a utilizá-las, até a construção dos próprios tutoriais, foi desenvolvido a partir de padrões audiovisuais do design educacional. Isso porque entende-se fundamental que todas as produções realizadas no contexto do design educacional sejam adaptadas à realidade do curso para o qual serão utilizadas (FASSBINDER, 2021), compreendendo que não só os cursistas têm suas particularidades, mas os cursos também as têm.

⁵ Extensão para o navegador Google Chrome que permite gravar e compartilhar áudios.

Produção audiovisual para acessibilidade na comunicação educacional

Essas particularidades, mencionadas acima, também diz respeito a outras questões ao redor dos cursos. Uma dessas especificidades é a comunidade didático-pedagógica construída ao redor deles, que no caso do curso DUA Tertúlias é composta por mais de 600 cursistas, cerca de 25 tutores e uma equipe técnica e de formação com mais de 15 pessoas. Nesse contexto, é fundamental ter em mente que vivemos uma configuração sociocultural baseada nos ambientes digitais em que prima a participação e a interação, isto é, onde estabelece-se uma comunicação multilateral (COUTINHO; BOTTENTUIT JUNIOR, 2007).

Assim, uma das premissas estabelecidas para a estratégia comunicacional do curso DUA Tertúlias foi aproximar a comunidade criada ao redor do curso. Para isso, utilizou-se dois personagens animados, desenvolvidos a partir de inteligência artificial por meio do software *LoomieLive*.⁶ Esses personagens receberam nomes relacionados ao curso, Dualina e Tertúlio (Figura 3), e a sua identidade visual teve a preocupação de abranger certa diversidade étnico-racial, buscando representar a miscigenação brasileira. Infelizmente, pelas limitações do *software*, não foi possível representar também as pessoas com deficiência.

Figura 3: Dualina (esquerda) e Tertúlio (direita), os avatares do curso DUA Tertúlias



Fonte: dos autores, 2022

Audiodescrição: Ilustração com fundo em tons de azul escuro e o desenho de Dualina e Tertúlio. À esquerda, Dualina, ela é negra, com cabelos crespos e curtos. Usa blusa branca com casaco cinza. Tem a mão direita aberta e próxima a orelha. À direita, Tertúlio, ele é um jovem negro, tem cabelos curtos, usa óculos de armação preta com blusa cinza de mangas longas. Ele tem a mão direita aberta próxima a orelha. No canto inferior direito, imagem do intérprete de Libras. Fim da audiodescrição.

⁶ Programa de computação gráfica para criação e animação de avatares.

Os personagens foram utilizados como protagonistas de audiovisuais para as redes sociais do curso DUA Tertúlias. Nesse sentido, alguns dos principais conteúdos desenvolvidos foram vídeos em que os personagens discorreram sobre conceitos do Desenho Universal para Aprendizagem, o capacitismo, as diferenças entre a educação especial e a educação inclusiva. Esse conteúdo, apesar de também ter como objetivo o fortalecimento dos conhecimentos dos cursistas, serviu como forma de comunicar importantes conceitos à comunidade que acompanhou a realização do curso pelas redes sociais.

Isso vem ao encontro do que diz Braga Júnior (2018) sobre a comunicação educacional. Estabelecendo um comparativo entre os ambientes escolares e as empresas, ele diz que “[...] é preciso compreender que a forma de se comunicar com os colaboradores e clientes, impacta diretamente na imagem da empresa, e consequentemente de seus profissionais” (BRAGA JÚNIOR, 2018, p. 34). Trazendo essa concepção ao contexto do curso DUA Tertúlias é possível afirmar que a produção e difusão de conteúdo para as redes sociais (Figura 4) permitiu uma melhor socialização do conhecimento produzido no próprio curso.

Figura 4: Um dos conteúdos produzidos para as redes sociais do curso DUA Tertúlias



Fonte: dos autores, 2022

Audiodescrição: Ilustração com fundo em tons de azul escuro e o desenho de Dudalina. Ela está à esquerda, é negra, com cabelos crespos e curtos. Usa blusa branca com casaco cinza. No canto inferior direito, a intérprete de Libras. No centro, o texto em letras brancas: “Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva”. Entende a deficiência pelo modelo social”. Fim da audiodescrição.

A aproximação com a comunidade do curso DUA Tertúlias também foi promovida através da realização de três lives que trataram sobre cada um dos módulos do curso (também chamados de Tertúlias) e, finalmente, uma

live de encerramento, em que foi apresentado um balanço das atividades realizadas, como forma de aproximar a todos os envolvidos as conquistas do curso e consolidar sua participação. De fato, esse tipo de atividade ao vivo, apesar de não ter como objetivo emular uma aula, geram o engajamento dos interessados no assunto e promove um sentimento de pertencimento (SILVA; BRITO, 2021).

Por fim, como pode ser verificado nas Figuras 3 e 4, assim como os materiais internos do curso, os conteúdos externos produzidos para as redes sociais foram contemplados com: audiodescrição dos elementos apresentados em tela; janela de interpretação em Língua Brasileira de Sinais; e legendas. Para a inserção destes dois últimos recursos de acessibilidade, buscou-se que ficassem suficientemente claros na tela para cumprirem corretamente seus objetivos. A janela foi estruturada com fundo branco e transparência para destaque do intérprete, enquanto o fundo das legendas foi configurado em fundo cinza com transparência.

Considerações finais

O processo de produção dos materiais audiovisuais do curso DUA Tertúlias, tanto aqueles utilizados de forma interna quanto externa, não significou apenas uma atividade técnica enquanto equipe, mas também uma oportunidade de aprendizagem. A realização de vídeos com recursos de acessibilidade não é uma realidade constante no mercado audiovisual, muito menos quando estamos falando de mais de um recurso acessível. Desta forma, consideramos que houve um ganho significativo de experiência em relação à acessibilidade audiovisual e, com certeza, acabará impactando em experiências profissionais futuras.

Por outro lado, percebe-se que a aprendizagem não foi apenas no que diz respeito às questões técnico-profissionais, mas a experiência também contribuiu para um crescimento dos autores enquanto sujeitos socialmente inseridos em uma sociedade e que lutam, a partir do seu lugar de fala, por espaços que possibilitem a convivência com a diversidade em sua mais ampla expressão. A conceituação do Desenho Universal, para Aprendizagem ou não, com a qual os autores tiveram o primeiro contato, inspirou-os a novos desafios, compreendendo que suas práticas pessoais e acadêmico-profissionais ainda têm muito a melhorar.

Em definitiva, é possível considerar que a atuação dos autores enquanto membros da equipe técnica, especialmente no que se refere à produção audiovisual, cumpriu os objetivos propostos, tendo contribuído para uma correta execução de todas as atividades que envolveram a realização do curso

DUA Tertúlia. Ao mesmo tempo, entende-se que os resultados alcançados durante a experiência são fruto de esforços profissionais, pois desde um primeiro momento os autores buscaram não só executar corretamente as tarefas propostas, mas fazê-lo de forma criativa e buscando superar as expectativas.

Referências

ANTONIUTTI, Cleide Luciane; FONTOURA, Mara; ALVES, Marcia Nogueira. **Mídia e produção audiovisual**: uma introdução. Curitiba: Ibpx, 2008.

BRAGA JÚNIOR, Francisco Varder. **Comunicação educacional**. Mossoró, RN: EdUFERSA, 2018.

COUTINHO, Clara Pereira; BOTTENTUIT JUNIOR, João Batista. **Comunicação Educacional**: do modelo unidireccional para a comunicação multidireccional na sociedade do conhecimento. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 5, 2007, Braga. **Anais...** Braga: Universidade do Minho, 2007. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1822/7770>. Acesso em: 15 nov. 2022.

FASSBINDER, Marcelo. **VideoMOOC-PL: uma linguagem de padrões de design educacional para apoiar a produção de vídeos educacionais para o contexto dos MOOCs**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências de Computação e Matemática Computacional, Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação, Universidade de São Paulo, p. 115, 2021.

FIGUEIRA, Emílio. **O que é educação inclusiva**. São Paulo: Brasiliense, 2017.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, online, v. 17, n. 48, p. 1-18, out./dez. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i48.9010>. Acesso em: 14 nov. 2022.

NAVES, Sylvia Bahiense et al. **Guia para Produções Audiovisuais Acessíveis**. Brasília: Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura, 2016. Disponível em: https://noticias.unb.br/images/Noticias/2016/Documentos/Guia_para_Producoes_audiovisuais_Acessiveis__projeto_grafico_.pdf. Acesso em: 14 nov. 2022.

PARREIRA JÚNIOR, Walteno Martins; OLIVEIRA, Lucineida Nara de Andrade. **Pesquisa de ferramentas para a produção de tutoriais digitais em formato de vídeo**. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DO PONTAL DO TRIÂNGULO MINEIRO, 1, 2009, Ituiutaba, MG. **Anais** Ituiutaba, MG: UFU; FEIT-UEMG, 2009. Disponível em: <http://www.ituiutaba.uemg.br/seminario/siteoriginal/index2.html>. Acesso em: 14 nov. 2022.

Aromas e lembança

UMA ABORDAGEM MULTISSENSORIAL APLICADA AO ENSINO DE QUÍMICA UTILIZANDO OS PRINCÍPIOS DO DESENHO UNIVERSAL PARA APRENDIZAGEM

*Yuri Freitas Matroiano⁷
Adriana Martins da Silva⁸
Tenely Cristina Froehlich⁹*

Introdução

A educação, como direito de todos, vigente em nossas legislações é pensada com enfoque na diversidade existente na sociedade, nessa diversidade estão as pessoas com deficiência. Percorremos um histórico de lutas por direitos a fim de garantir espaço, presença e participação em uma educação inclusiva que não tenha o foco na deficiência, dificuldade ou limitação, mas uma educação inclusiva que pense em práticas pedagógicas que contemplem a Educação para Todos, conforme prevê o artigo 205 de nossa Constituição Federal (BRASIL, 1988), que traz a Educação como direito de qualquer pessoa, sem discriminação.

⁷ Professor de Química na rede pública de ensino.

⁸ Professora na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental na rede pública.

⁹ Professora na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental na rede pública.

O Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA), surge na arquitetura nos anos 80 em que a intenção era promover a acessibilidade a ambientes diversos às pessoas em geral, não somente condicionado a pessoas com deficiência, mas que esses ambientes pudessem ser acessíveis a toda a diversidade. Mais tarde, David Rose e seus colegas no *Center for Applied Special Technology* (CAST), pensam o DUA como um conjunto de estratégias e princípios para se repensar práticas pedagógicas, flexibilização de currículos, dessa forma se propiciam adequações e condições de acessibilidade a todos os estudantes.

O DUA tem por objetivo possibilitar a inclusão de todos os estudantes no currículo escolar, garantindo a estes uma educação de qualidade e que atinja as necessidades de estudantes com e sem deficiência. Deste modo, o DUA apresenta três primícias importantes que se baseiam na investigação neurocientífica: engajamento, representação e ação e expressão.

1 Proporcionar múltiplos modos de apresentação: Neste princípio a informação apresentada deve ser exposta sob diferentes modos, visto que não existe um meio de apresentação ideal para todos, possibilitando modos múltiplos de percepção e compreensão dos conteúdos.

2 Proporcionar múltiplos modos de Ação e Expressão: As pessoas possuem diferentes modos de buscarem o conhecimento e de expressarem aquilo que sabem, ou seja, podem expressarem-se por meio de um texto, desenho, ou por intermédio da fala.

3 Proporcionar modos múltiplos de Implicação, Engajamento e Envolvimento: As emoções e a afetividade são sentimentos que fazem parte do processo de aprendizagem dos estudantes, ou seja, as pessoas reagem de maneiras diferentes devido ao modo ao qual são motivadas a aprenderem.

Fatores neurológicos e culturais, interesses pessoais, a subjetividade e os conhecimentos prévios, podem influenciar a variabilidade individual afetiva e de envolvimento de cada um.

De acordo com Nelson (2013) os princípios que norteiam o DUA podem ser percorridos em sete tópicos que apontam aspectos emocionais, a experiência do aluno, o conteúdo e estimulação

- (i) A aprendizagem está relacionada tanto aos aspectos emocionais quanto aos biológicos do indivíduo, isto é, a quantidade de sono e alimentação adequada, as predisposições e as emoções, são fatores que precisam ser respeitados;
- (ii) É importante que os alunos tenham experiências significativas, tempo e oportunidade para explorarem o conhecimento;
- (iii) As emoções têm uma importância fundamental uma vez que motivam a aprender, a criar e a conhecer;

- (iv) O ambiente é muito importante. Os conhecimentos aprendidos precisam ser significativos e se essas aprendizagens não forem usadas em outros ambientes, tais conhecimentos e conexões estagnam-se. Destaca-se nesse princípio, não só a relação entre diferentes contextos de aprendizagem, mas também a transferência dessas aprendizagens para outros ambientes;
- (v) A aprendizagem deve ter sentido para o sujeito, de modo que as informações se relacionem e estejam interligadas com quem aprende. Se não for assim, há memorização, mas não aprendizagem;
- (vi) Cada indivíduo é único e, conseqüentemente, isso nos remete para os estilos, ritmos e modos singulares de aprendizagem em cada indivíduo;
- (vii) A aprendizagem é aprimorada com desafios e inibida com ameaças, ou seja, o indivíduo precisa tanto de estabilidade quanto de desafio (NELSON, 2013 apud ZERBATO; MENDES, 2018, p. 150).

Partindo deste pressuposto, pode-se afirmar que não existe uma receita para se construir uma prática inclusiva, pois deve-se considerar as particularidades de cada estudante na sala de aula, de modo que o professor venha conhecer quais as necessidades da turma. Sendo assim o professor deve estar atento às novas metodologias de ensino, com o intuito de potencializar a prática docente. Logo, o relato a seguir apresenta uma abordagem ao ensino de química que utiliza os cinco sentidos (olfato, paladar, audição, tato e visão). Nesta aula foram trabalhados conceitos referentes a química presentes nos aromas e sua correlação com as lembranças emocionais que vivenciamos ao longo de nossa vida.

Procedimentos Metodológicos

A experiência relatada foi aplicada em uma escola pública da rede estadual de ensino situada no município de São Gabriel – RS durante o segundo semestre letivo de 2022, em uma turma de 3º ano do ensino médio no período do turno da manhã, compreendendo uma população amostral de 30 estudantes.

A proposta aconteceu em um encontro de dois períodos (duas horas/aula) para o desenvolvimento da atividade, visando a contextualização do tema gerador abordado – Aromas e Lembranças – associados à compreensão de conceitos teóricos relacionados às estruturas de moléculas orgânicas presente em compostos naturais.

“Alguns cheiros nos provocam fascínio e atração. Outros nos trazem recordações agradáveis, até mesmo de momentos de nossa infância. Aromas podem causar sensações de bem-estar ou nos dar a impressão de estarmos mais atraentes” (REZENDE, 2011, p. 1-3)

Sendo assim, foi procedida junto à turma uma dinâmica de sensibilização frente à temática enfatizando a questão emocional que um determinado cheiro pode causar em um indivíduo, desvendando assim a Química de Emoções que está contida nos aromas que passam por nossas vidas, bem como a importância de nossa memória olfativa, que nos remete recordações e lembranças imediatas.

Resultados e discussão

Os estudantes foram convidados a entrarem no mundo dos aromas, buscando-se realizar uma atividade de sensibilização, demonstrando assim que a química pode estar mais perto do que imaginamos. Estudos mostram que a influência dos aromas em nossas vidas nos remete a uma série de sentimentos e emoções segundo Ackerman:

“O olfato não necessita de intérprete, o que não acontece com os outros sentidos. O efeito é imediato e não diluído pela linguagem, pelo pensamento ou pela tradução. Um aroma pode ser extremamente nostálgico, porque detecta imagens e emoções poderosas, antes que tenhamos tempo para editá-las (ACKERMAN, 1992, p. 32).”

Os estudantes ficaram motivados com a realização da atividade, pois todo o ambiente foi caracterizado para que essa sensibilização fosse sentida na pele, a sala de aula foi aberta para uma noite de descobertas e sensações.

Todos os estudantes sentados em círculo, de olhos vendados, ao fundo tocavam a versão instrumental da música *A Thousand Years* da cantora Christina Perri, tudo isso para ativar as emoções da turma. Durante essa atividade houve a degustação de alguns doces com aromas marcantes, bem como a percepção de alguns sachês aromáticos contendo canela, cravo, casca de laranja e hortelã.

Neste contexto os estudantes foram instigados a refletirem como que os aromas estão relacionados a sentimentos, e que através do mesmo podemos lembrar de alguma pessoa ou até mesmo de uma situação vivenciada há anos, nos transportando para uma outra época.

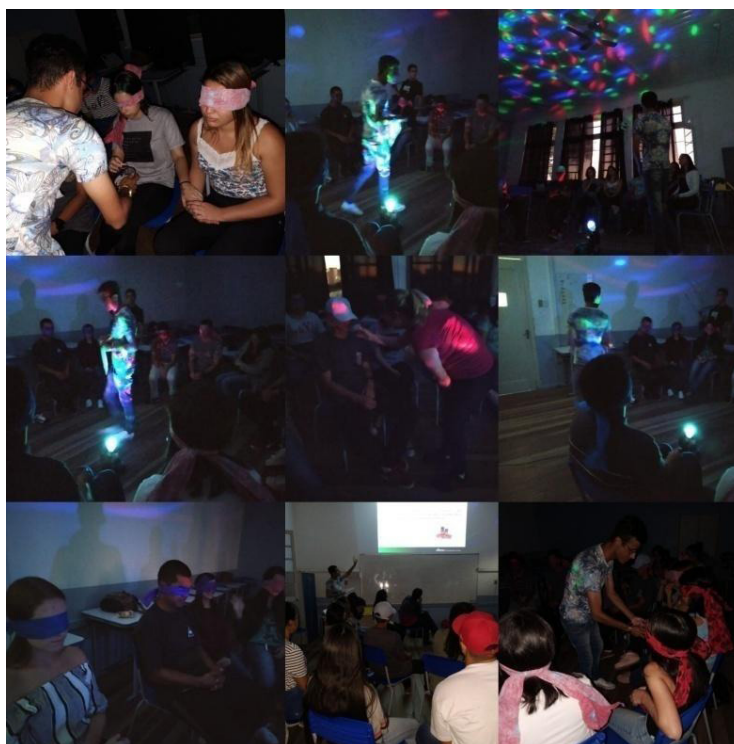
“As pessoas podiam fechar os olhos diante da grandeza, do assustador, da beleza, e podiam tapar os ouvidos diante da melodia ou de palavras sedutoras. Mas não podiam escapar do aroma. Pois o aroma é um irmão da respiração. Com esta, ele penetra nas pessoas, elas não podem escapar-lhe caso queiram viver. E bem para dentro delas é que vai o aroma, diretamente para o coração, distinguindo lá categoricamente entre atração e menosprezo, nojo e prazer, amor e ódio. Quem dominasse os odores dominaria o coração das pessoas (SÜSKIND, 1986).”

Partindo deste princípio foi solicitado que os estudantes buscassem em suas memórias alguma lembrança de um momento especial, que traga consigo um cheiro específico, pois os aromas podem nos fazer reviver experiências.

“Pode ser uma lembrança de saudade ou até de um amor, o cheiro do café da vovó, do bolo de fubá feito pela tia, do pão quentinho vindo da cozinha, o aroma doce de rosas provenientes do colo e do carinho de mãe, o cheiro da pipoca de cinema, o cheiro da fazenda e dos campos, o aroma de terra molhada, ou até mesmo de uma viagem inesquecível! O cheiro de infância! Do chocolate derretido! De fruta direto do pé!” (MASTROIANO, 2022).

Logo após a intervenção didática, todos os estudantes foram convidados a compartilharem suas lembranças e experiências durante a realização da dinâmica de sensibilização.

Figura 1: Estudantes participando da Atividade de Sensibilização



Fonte: os autores, 2022.

Audiodescrição: Composição de 9 fotografias com os estudantes que participaram da sensibilização. Eles estão em uma sala pouco iluminada, vendados e sentados em roda. Nas paredes e teto, projeções de imagens e luzes. Fim da audiodescrição.

Muitos estudantes relataram os seus sentimentos frente à sensibilização:

“Eu lembrei do cheiro do café passado e do bolinho de chuva, feito pela minha avó nas tardes frias do inverno, hoje ela já não existe e eu sinto muitas saudades daquela época” (Estudante1).

"Eu pensei em minha ex-namorada que usava um perfume bem marcante, e que me trocou por outro cara"! (Estudante2).

"O cheiro de chocolate derretido! Ah, é uma delícia"! (Estudante3)

"O aroma da pipoca de cinema"! (Estudante4).

"A realização desta atividade me emocionou bastante, vendo alguns colegas falarem em pessoas especiais que já se foram, eu destaco aqui a saudade da minha avó, do cheiro do café passado e do bolo de laranja" (Estudante5).

"Eu lembrei quando eu ia para a fazenda de meus tios, o cheiro de terra molhada, do pasto, e até mesmo do barro! Das grandes brincadeiras que eu e meus primos fazíamos quando éramos crianças" (Estudante6).

"O cheiro de chulé do meu irmão! Brincadeira! Hahaha! O cheiro de pão caseiro que minha mãe faz"! (Estudante7).

"Do perfume que minha avó usava, era um cheirinho tão bom"! (Estudante8).

"O cheiro do fogão a lenha! Aquele churrasquinho dos finais de semana" (Estudante9).

"O cheiro de chocolate me remete ao meu irmãozinho, quando ele vem me visitar" (Estudante10).

"O cheiro da pipoca, que eu comia com a minha tia no inverno" (Estudante11).

"Quando o ambiente foi aromatizado com a essência de Capim e Limão, eu me lembrei do aroma de casa limpa" (Estudante12).

"Cheiro de bolinho de chuva lembra a minha infância" (Estudante13).

"O cheiro da bergamota no sol de inverno" (Estudante14).

Dentre tantas lembranças, muitos alunos enfatizaram a saudade de suas avós como foi descrito acima, relatando sentimentos pessoais correlacionados a pessoas importantes em suas vidas, bem como momentos que marcaram suas histórias.

A turma pode, por meio desta atividade, compreender como a Química está presente em nosso cotidiano, e que tantas moléculas orgânicas e inorgânicas podem nos remeter a uma série de cheiros e aromas que estão ligados às nossas recordações e sentimentos mais profundos.

O olfato se processa como reação química junto aos receptores olfativos situados na parte superior da narina. Por estar bem próximo do sistema límbico, tem uma forte relação emocional, quase sempre inconsciente (OKAMOTO, 1996, p. 95).

A utilização de métodos alternativos que contextualizam a Química correlacionando-a com os conhecimentos prévios e a vivência dos estudantes oportuniza aos mesmos uma aproximação de suas realidades promovendo e despertando a curiosidade no indivíduo.

É perceptível na nuvem de palavras abaixo que uma parcela significativa da turma evidencia o aroma do “Café” como uma lembrança marcante em suas vidas, assimilando a partir deste pressuposto que existe no cotidiano destes aprendizes uma série de moléculas aromáticas.

Figura 2: Nuvem de palavras



Fonte: Mastroiano, 2022

Audiodescrição: Figura com várias palavras coloridas que formam o desenho de uma nuvem. Algumas têm um tamanho e destaque maior, como: Café, avó, chuva, aromas, rosas e verão. Fim da audiodescrição.

Considerações finais

A contextualização desta temática possibilitou o despertar da curiosidade dos estudantes, que se mostraram motivados e entusiasmados na realização dos estudos das fórmulas e moléculas orgânicas, compreendendo suas funcionalidades no âmbito do conhecimento dos aromas e das lembranças, o que nos remete às reflexões sobre os estudos no Curso DUA, em que é necessário que se conheça a turma toda, as especificidades de cada estudante, os diversos estilos de aprendizagens, as preferências, com uma aula que contemple múltiplas formas de conhecimento.

Durante as aplicações das intervenções didáticas os estudantes puderam ver que a química dos aromas está muito relacionada aos nossos sentimentos, e que isto é possível graças ao nosso bulbo olfativo que transmite sinais físicos e químicos ao nosso sistema límbico, região essa a qual nossas memórias ficam localizadas em nosso cérebro, e logo podemos associar algum cheiro a alguém, ou algum momento que nos relembre algum acontecimento, podem ser este bom ou ruim.

A partir dessa experiência podemos concluir que as práticas a partir dos princípios do DUA podem possibilitar um aprendizado significativo para o estudante, em que a sala de aula deixa de ser o lugar de mera reprodução de conteúdo, fórmulas e conceitos que em pouco tempo são esquecidos pela estudante, pois não teve significado. Uma prática docente baseada em diferentes formas de envolvimento, representação e ação e expressão, bem como não limitar a um único saber, pelo contrário o DUA amplia possibilidades de variabilidade e diversidade da prática para contemplar a todos os estudantes.

O Curso de Extensão Desenho Universal para a Aprendizagem com Foco no Público da Educação Especial e na Perspectiva Inclusiva, teve relevância para a prática dos cursistas, Tutores e todos os envolvidos, pois fez com que pudéssemos perceber dentro de nossa prática diária, mediante dinâmicas e técnicas que edificaram o desenvolvimento das atividades e a participação e interação de todos e todas estudantes através de uma prática sensível e acolhedora que são necessárias à educação.

Referências

- ACKERMAN, D. **Uma história natural dos sentidos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Imprensa Oficial, 1988.
- NELSON, L. L. Design and deliver: planning and teaching using universal design for learning. Baltimore, Paul. H. **Brookes Publishing Co.**, 151p., 2013.
- OKAMOTO, J. **Percepção ambiental e comportamento**. São Paulo: Plêiade, 1996.
- REZENDE, C. M. Há algo no ar: a química e os perfumes. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro, nº 283, 2011. Disponível em: <http://cienciahoje.org.br/artigo/ha-algo-no-ar/>. Acesso em: 12 nov. 2022.
- SÜSKIND, P. **O perfume**. [S.l]: Virtual books, 1986. Disponível em: https://www.academia.edu/4644814/Perfume_a_hist%C3%B3ria_de_um_assassino_-_Patrick_S%C3%BCskind. Acesso em: 10 nov. 2022.

Relato de experiência

VIVÊNCIAS DE UMA TUTORIA EM DESENHO UNIVERSAL PARA A APRENDIZAGEM

Uilson Tuiuti de Vargas Gonçalves¹⁰

Ticiane da Rosa Osório¹¹

Introdução

Os desafios da educação inclusiva levam a repensar nosso trabalho enquanto docentes diariamente. Pesquisas na área têm mostrado novas maneiras de qualificar nossas práticas e assim buscar oportunizar momentos de ensino e aprendizagem mais prazerosos, significativos, contextualizados e embasados teoricamente. Em meio aos diversos recursos tecnológicos e didáticos encontram-se algumas metodologias como propostas que permitem ampliar nossos horizontes em prol de melhorias em sala de aula.

No entanto, em tempos pós-pandêmicos, em que muitas destas práticas participativas ainda se mostram inibidas, é necessário dar maior visibilidade às ações e aos processos de aprendizagem existentes nas instituições de ensino, assim como assumir um papel buscando a participação de todos/as estudantes que, ao saberem o objetivo e o porquê de participarem, criam possibilidades de aprender e a partir disso serão capazes de gerar mudanças.

Nessa expectativa de uma educação que atenda às diversas demandas e características de aprendizagem, se faz necessário repensar o papel do ensino na perspectiva inclusiva e refletir sobre novas práticas que possam

¹⁰ Doutorando em Educação; Universidade Federal do Pampa; Uruguaiana - RS.

¹¹ Doutoranda em Ensino; Universidade Federal de Rio Grande; Rio Grande - RS.

dar condições de permanência com aprendizagem a todos/as estudantes. Dessa forma, emerge a necessidade de novos saberes/propostas e metodologias que atendam a diversidade. Essa perspectiva toma justificativa tendo a importância de esclarecimento e ampliação sobre inclusão no âmbito educacional, na qual, pensar inclusão escolar, exige comprometimento de todos os envolvidos, tendo em vista a pretensão de educar/ensinar e, principalmente, questionar a escola comum e sobre quais as barreiras enfrentadas no processo de ensino e aprendizagem são encontradas no contexto educacional.

Frente a essas inquietações e estudos voltados a implementação do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) no ensino permitem aprofundar as investigações sobre inclusão no âmbito escolar, de forma que esses conhecimentos possam contribuir com as redes de ensino e a implementação no espaço escolar, contribuindo para as relações de ensino e aprendizagem, assim como as relações entre docente e estudante.

O DUA teve origem com o *Design* Universal da Arquitetura, na década de 1960 nos Estados Unidos, sendo definido pelo planejamento de espaços e produtos acessíveis, sem necessidade de adaptação ou projeto especializado para pessoas com deficiência. Este planejamento acessível foi ampliado para a ação pedagógica, recebendo a denominação de *Universal Design for Learning* (UDL). Os fundadores do DUA e outros profissionais do Centro de Tecnologia Especial Aplicada (CAST) o definem como sendo uma prática pedagógica com a finalidade de remover toda e qualquer barreira que dificulte o processo de aprendizagem, criando currículos flexíveis, de maneira que esses contribuam para o aprendizado de todos/as estudantes.

Os pressupostos teórico-metodológicos do DUA trazem a ideia de que os/as estudantes em sala de aula possuem características diferentes e, assim, diferem nos modos de receber as informações, aprender e expressar o que sabem (as turmas são heterogêneas e os/as estudantes aprendem e demonstram o que sabem de formas muito diferentes), ou seja, cada um se expressa e aprende de forma única. Sendo assim, precisamos de um planejamento que também seja heterogêneo e contemple as diferentes formas de aprender (PACHECO, 2017).

O DUA incide na elaboração de um conjunto de objetos, ferramentas e processos pedagógicos que visam que o conceito de acesso e acessibilidade seja transposto no processo de ensino e aprendizagem dos/das estudantes no contexto da inclusão educacional a partir da apropriação destes subsídios teóricos e práticas durante a formação docente. Assim, assume como princípios norteadores: possibilitar múltiplas formas de apresentação do conteúdo, possibilitar múltiplas formas de ação e expressão do conteúdo pelo estudante e proporcionar vários modos de aprendizagem e possibilitar múltiplas formas

de auto envolvimento, promovendo a participação, interesse e engajamento na realização das atividades pedagógicas (CAST, 2011).

Foi partindo desse propósito que surgiu o curso de extensão em DUA tendo como foco o público da Educação Especial e na perspectiva inclusiva, o qual busca através identificação de barreiras e suas possíveis superações, compreender dos professores do Atendimento Educacional Especializado, que forma o ensino através das práticas pedagógicas vem sendo um desafio no contexto de cada realidade. O referido curso de extensão tem como uma de suas propostas inovar pedagogicamente no ensino, esse faz parte das iniciativas do Grupo de Estudos e Pesquisas em Inclusão e Diversidade na Educação Básica e Ensino Superior (INCLUSIVE) com vistas a dar visibilidade às estratégias de construção de um currículo flexível embasado nos pressupostos do DUA.

O curso foi composto para dar suporte à 24 turmas, em que cada uma delas contava com o auxílio de um tutor com a responsabilidade de mediar professores-cursistas que se deparam com o ensino inclusivo e, diariamente, barreiras no contexto educacional, mas que ainda buscam oportunidades de desenvolver suas atividades de forma a alcançar a aprendizagem de todos/as estudantes. O curso, de forma geral aqui apresentada, contemplou uma carga horária total de 90 horas e realizou-se entre os meses de agosto a outubro de 2022. A estrutura do curso foi organizada em três módulos específicos nos quais foram abordados os seguintes assuntos: Primeira tertúlia – concepções que atravessam as práticas das/dos profissionais da educação; segunda tertúlia – histórico, princípios e diretrizes do DUA – e a Terceira tertúlia – planejamento, práticas e recursos pedagógicos com foco no DUA.

Os estudos de Cosenza e Guerra (ANO), nos mostram que quando buscamos conhecer a diversidade dentro da sala de aula, ou seja, quando nos interessamos em saber quem são os sujeitos que compõem nossas turmas (nossos estudantes), como melhor esses aprendem, acabamos por engajá-los e conseqüentemente conhecer melhor suas potencialidades e, assim, oportunizar de que suas habilidades sejam potencializadas. Dessa forma, sendo o tutores responsáveis pelas Turmas 23 e Turma 8 do Curso de extensão a qual, alegremente, receberam respectivamente nessa ordem os nomes de Turma Participação e Turma Igualdade, levamos sempre em consideração que priorizar o diálogo entre os cursistas e as propostas de atividade, buscando conhecer da vivência de cada um e suas contribuições para um ensino inclusivo, destacamos como nosso objetivo principal desse relato enfatizar nossa experiência teorizada e como esta pode contribuir com outras propostas pedagógicas daqueles que buscam por fazer a diferença nos espaços educacionais, de modo que nossas vivências encorajem muitos profissionais a buscarem por práticas acessíveis.

Procedimentos metodológicos

Tendo as três tertúlias como princípio da proposta de extensão, promovemos aqui um espaço que denominamos os “três momentos propostas” (mobilização para o conhecimento; construção do conhecimento e elaboração da síntese do conhecimento). Dessa forma, cada caderno que representa uma das tertúlias está composto por esses três momentos e propostas específicas. De acordo com Costa et al., [2023], o Caderno 1 da primeira Tertúlia intitula-se “CONCEPÇÕES QUE ATRAVESSAM AS PRÁTICAS DAS/DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO” teve como principal intenção saber dos cursistas como questionamento inicial “Quem sou eu?, por querer saber das trajetórias pessoais, profissionais e acadêmicas. Em seguida ao se relacionar aos conteúdos foram trabalhados os modelos de concepção de deficiência e por fim, com ideia de estabelecer, conexões entre teoria e a prática foi proposto uma atividade de aplicação dos conceitos estudados ao longo da Tertúlia para análise e intervenção no contexto escolar.

O segundo Caderno, conforme Kittel et al., [2023], denomina-se de “HISTÓRICO, PRINCÍPIOS E DIRETRIZES DO DUA” objetivou a partir de um fórum de discussão refletir sobre os estilos de aprendizagem, a fim de conhecer o perfil de cada turma. Na sequência foi realizada uma discussão sobre barreiras e acessibilidade refletindo sobre o contexto de cada cursista, consequentemente, para finalizar, partimos com uma importante reflexão acerca da necessidade de identificar e remover as barreiras presentes nos contextos de ensino. E, por fim, o Caderno 3 nomeado como “PLANEJAMENTO, PRÁTICAS E RECURSOS PEDAGÓGICOS COM FOCO NO DUA”, segundo Ferreira et al., [2023], tencionou compartilhar as experiências escolares e práticas docentes que nos deixaram marcas. Seguindo o proposto, analisamos um planejamento realizado por um professor, para que depois fosse realizada uma proposição alinhada ao DUA, partindo da ideia de planejamento acessível.

Resultados e discussão

Diante de todo o exposto e com base nas reflexões no decorrer deste relato trazemos como principais resultados as nossas experiências e vivências enquanto Tutores do Curso de extensão DUA. O tutor da Turma 23 destaca de uma maneira mais detalhada como foi estar à frente de 25 professores do AEE em um curso de extensão, pensado na educação especial numa perspectiva inclusiva, que tencionou levar para os professores maneira, estratégias, possibilidades de romper com as barreiras impostas na educação. A escolha que me fez aceitar essa empreitada foi acreditar que cada um de nós tem a

chance de mudar um pouquinho da educação brasileira, isso começa no meu objetivo, no quem sou eu, no que eu quero como professor. Tendo o tema central diretamente ligado à minha área de pesquisa, pude compreender a realidade de outros professores em outras regiões do país e perceber que o tema de minha pesquisa pode e foi utilizado como metodologia possível de buscar a diferença para o ensino inclusivo.

Já a Tutora da Turma 8 ressalta que no transcorrer do curso foram propiciadas diversas aprendizagens, reflexões que aprofundaram os conhecimentos já existentes, assim como foram agregados novos e valiosos saberes. Outro ponto que merece ser enfatizado está relacionado aos momentos dos encontros síncronos aos quais oportunizaram o estreitamento de laços entre Tutores e Cursistas e que nestes espaços as distâncias espaciais foram ultrapassadas rompendo barreiras e valorizando a dialogicidade. Nestes momentos era possível conhecer e valorizar quem eram os sujeitos que compunham a Turma 8 - Igualdade e a partir disso conhecer um pouco mais das histórias de vida e trajetória de cada um e quais as motivações que os levaram até o Curso.

Foi dentro deste contexto que as similaridades de vidas foram sendo alinhadas e as proximidades verdadeiras foram se construindo encontro a encontro. A partilha de conhecimentos, de materiais e o auxílio mútuo tanto no espaço síncrono quanto no grupo de WhatsApp se fizeram essenciais para que o grande grupo conseguisse concluir com o êxito o Curso. Pelos motivos supracitados e também pelas construções não só científicas, mas principalmente afetivas, considero que a oportunidade única de fazer parte como Tutora do Curso DUA perpassa apenas a aquisição do aprender por aprender, já que o mesmo oportuniza a valorização do subjetivo agregando não apenas teoria, mas um crescimento profissional e acima de tudo pessoal.

Considerações finais

A partir dos estudos realizados, pode-se averiguar que, em se tratando dos princípios didático-pedagógicos e, especialmente, para o processo de ensino-aprendizagem, o Desenho Universal para a Aprendizagem poderá proporcionar acesso por meio da flexibilização e “participação” de todos/as estudantes no processo ensino-aprendizagem, além de poder contribuir para o ensino inclusivo.

Trabalhar com os professores de Atendimento Educacional Especializado, foi desafiador, no entanto, percebemos o quanto uma formação continuada pode fazer a diferença para aqueles que buscam, não só pela nossa experiência como tutores, mas pelo retorno potente de recebemos dos cursistas com a finalização do curso e com as novas perspectivas que esse gerou. O

Desenho Universal para a Aprendizagem nos mostrou uma nova forma de trabalho, uma maneira que desacomoda, que desperta para possibilidades de qualificação no processo de ensino-aprendizagem, além da necessária continuação do desenvolvimento profissional para os professores. Por fim, acredita-se que abrir-se ao novo permitirá que novas práticas sejam desenvolvidas no contexto escolar, tanto para os professores do Atendimento Educacional Especializado como para os estudantes.

Referências

CAST. **Design for Learning guidelines** – Desenho Universal para a aprendizagem. 2011. Universal version 2.0. Disponível em: www.cast.org/www.udlcenter.org. Acesso em: 08 de fevereiro, 2023.

PACHECO, D. P. **O ensino de ciências a partir do desenho universal para a aprendizagem**: possibilidades para a educação de jovens e adultos. Bagé, 2017.

COSTA, L. M. L; KITTEL, R; FERREIRA, M, S. Estudos da Deficiência na Educação: refletindo o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) como uma Possibilidade de Ensino para Todas as Pessoas. Capítulo 1 - Concepções que atravessam as práticas das profissionais da Educação, [2023?] No prelo.

KITTEL, R; FERREIRA, M, S; COSTA, L. M. L. Estudos da Deficiência na Educação: refletindo o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) como uma Possibilidade de Ensino para Todas as Pessoas. Capítulo 2 - Saber como incluir é importante, mas saber por que incluir é fundamental, [2023?] No prelo.

FERREIRA, M, S; COSTA, L. M. L; KITTEL, R. Estudos da Deficiência na Educação: refletindo o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) como uma Possibilidade de Ensino para Todas as Pessoas. Capítulo 3 - Planejamento, Práticas e Recursos Pedagógicos com Foco no Desenho Universal para a Aprendizagem/DUA, [2023?] No prelo.

O trabalho de supervisão e o mapeamento do percentual de engajamento de cursistas em curso EAD

Ricardo Costa Brião¹²

Ensinar não é uma função vital, porque não tem o fim em si mesmo, a função vital é aprender.

Aristóteles

Introdução

O DUA – Desenho Universal para a Aprendizagem trata de um modelo prático com perspectiva a ampliar as oportunidades de desenvolvimento de cada estudante por meio de planejamento pedagógico contínuo. Os primeiros

¹² Supervisão do curso DUA; Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA; Bagé- RS.

autores apoiaram-se em extensivas pesquisas sobre o cérebro humano para estruturar o modelo.

A perspectiva do Desenho Universal para Aprendizagem atinge frontalmente a ação educativa de professores que utilizam apenas a palavra falada, quadro e giz em sua prática cotidiana.

Assim, para Böck, Gesser & Nuernberg (2020), este modelo inviabiliza a aprendizagem para as pessoas com deficiência:

Em diferentes contextos, reproduz-se este modelo “tamanho único”, que pretende padronizar e, conseqüentemente, acaba por contemplar apenas um grupo de sujeitos. Esse procedimento, na maioria das vezes, inviabiliza a pessoa com deficiência e perpetua a exclusão nos ambientes que deveriam ser inclusivos (BÖCK; GESSER; NUERNBERG, 2020, p. 368).

Nesta perspectiva, o princípio da equidade, como ferramenta personalizada que identifica e aborda a desigualdade, é fundamental quando se pensa ou se deseja aplicar uma prática onde todos os sujeitos aprendam.

Eliminar barreiras à aprendizagem parece ser uma grande contribuição do DUA para a educação. Os estudos sobre DUA, apontam sempre para uma concepção de barreiras descritas por Sassaki (2006): atitudinal, arquitetônica, comunicacional, metodológica, instrumental, programática, sendo que a barreira atitudinal, segundo Diniz; Santos (2010) seria a raiz de todas as outras, por ser a expressão da cultura da normalidade, ora entendida como preceitos biomédicos, ora como preceitos morais que como sendo determinantes, apontariam aqueles merecedores de uma vida digna.

Concordamos com Maior (2022), quando este afirma que a existência de barreiras, de qualquer natureza, em ambientes como a escola, universidade, transportes coletivos, espaços públicos e privados impedem, até hoje, o acesso e participação plena das pessoas com deficiência ou alguma necessidade específica.

Assim, concordamos com Mingus (2010), a partir de sua proposição nos escritos do Comitê de Deficiência a Acessibilidade da Associação Brasileira de Antropologia, em 2020, que técnicas e tecnologias físicas sejam pensadas e praticadas, dentro de um paradigma com definição mais ampla de acessibilidade, baseada na ideia de justiça da deficiência.

O Curso de Desenho Universal para Aprendizagem - DUA - com foco no público da educação especial e na perspectiva inclusiva, objeto deste relato, foi desenvolvido pela Universidade Federal do Pampa – campus Bagé, foi realizado nos meses de agosto a outubro do ano de 2022, no formato EAD, com 25 turmas, cada uma com 25 cursistas, totalizando 600 envolvidos, e um

tutor que fazia a organização e mobilização de cursistas e acompanhamento das atividades no ambiente virtual e um supervisor que precisava mobilizar os tutores e acompanhar a turma semanalmente, para que, juntos, pudessem traçar formas de potencializar o engajamento dos sujeitos durante a semana de atividades.

A ação da supervisão no curso foi um desafio, porque trouxe a necessidade de visualizar as diferentes turmas durante todas as semanas de trabalho no curso.

O objetivo desta visualização foi orientar os tutores sobre o nível ou percentual de engajamento dos cursistas, durante a semana, na Plataforma Google Sala de aula.

Realizar o elo entre gestão e tutores também foi uma atribuição da supervisão do curso que, semanalmente, reunia-se em um dia com tutores e levantava demandas e em outro horário, com a gestão, onde se tratavam estas demandas.

Para este relato divide-se esta apresentação em partes como introdução, onde abordamos o conceito e finalidade do DUA, procedimentos metodológicos, onde abordamos a supervisão no formato EAD de ensino, os desafios que nos deparamos e ações que tomamos, a criação e a forma de medida do percentual de engajamento, os resultados e discussões onde abordamos os ganhos a partir da criação deste índice e as considerações finais, onde podemos observar o quanto o índice de engajamento colaborou com o desenvolvimento das ações de tutoria e supervisão.

Procedimentos metodológicos

A supervisão no formato EAD de ensino

A supervisão, no formato EAD de ensino, traz grandes desafios, como conhecer os cursistas, que se faz necessário mesmo em um formato dinâmico de organização dos tempos de aprendizagem; conhecer a estrutura do curso, os desafios que ele proporciona, as leituras que permeiam seus caminhos, mas o maior de todos os desafios é compreender quais são os obstáculos de acesso e domínio das tecnologias da informação e comunicação que cada cursista apresenta, pois a ultrapassagem destes obstáculos, será responsável pelo sucesso no curso.

Os desafios da educação à distância são observados ao longo da jornada do cursista, assim uma competência de supervisor e tutores faz-se necessária nesta caminhada, é o poder de observar, motivar, monitorar e sempre buscar esclarecer sobre os maiores obstáculos no domínio das tecnologias.

Se temos habilidades de leitura e compreensão de textos, precisamos, também, compreender como abrir e ou converter ou salvar arquivos em diferentes formatos, enviar em diferentes plataformas, que segundo os desenvolvedores, são na maioria das vezes intuitivas, porém não basta ser apenas intuitivas para aqueles que apresentam dificuldades no domínio das TIC's.

Para este curso, em formato EAD, tivemos a preocupação de mapear estas dificuldades e construir tutoriais de acesso em diferentes plataformas e em diferentes atividades, justamente para reduzir esses obstáculos e promover uma maior inserção de todos os cursistas. Cada tutor recebeu esta incumbência, mapear e auxiliar seus assistidos, enviando os referidos tutoriais para os que apresentavam dificuldades.

Assim, trabalhamos nesta perspectiva por compreender que a educação a distância compõe um processo educativo como os demais processos conhecidos, cuja finalidade naquilo que dispõe a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB em seu artigo 2º, 9 é "... o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho".

Desta forma, a criação de um percentual de engajamento semanal foi fundamental para mapear aquelas turmas que apresentavam maior ou menor engajamento no ambiente virtual, assim o tutor da referida turma poderia realizar as buscas necessárias para localizar o(os) cursista(as) que apresentavam dificuldades e mapear estas dificuldades.

A avaliação semanal do percentual de engajamento das turmas

O percentual semanal de engajamento foi uma técnica criada por esta gestão de supervisão, com finalidade de tentar orientar cada tutor sobre o engajamento de sua turma e obter uma visão geral sobre como se movimentavam as diferentes turmas no Classroom durante cada semana de curso.

Assim, em cada encontro de segunda-feira, o supervisor poderia relatar de forma privada, com os tutores, como estava o andamento de sua turma no Classroom.

Os tutores também acessavam o ambiente virtual, portanto, acompanhavam este movimento e podiam relatar as dificuldades de seus cursistas na execução das atividades.

Dificuldades que sempre foram direcionadas a equipe técnica, na perspectiva de favorecer uma rápida resposta ao cursista para que pudesse dar continuidade ao curso com aproveitamento.

O percentual de engajamento, dentro ambiente virtual, foi uma forma encontrada para acompanhar o andamento das ações dos cursistas, encaminhar e, também, amadurecer formatos de ações de mobilização de pessoas

para que os tutores pudessem organizar suas atividades e, assim, manterem seus cursistas presentes nas atividades semanais.

Mantivemos a ideia de que seria importante que os cursistas estivessem engajados semanalmente nas ações de execução de atividades, uma vez que o curso contou com três tertúlias, cada qual com seu caderno de estudos e tarefas semanais ao longo de cada tertúlia.

Como desde o início de cada tertúlia, todas as tarefas ficavam disponíveis no mesmo momento, o papel do Tutor como articulador de ações e como mobilizador para as atividades foi extremamente importante e indispensável.

Criando a forma de aferir o percentual de engajamento da turma no ambiente virtual de aprendizagem

O percentual de engajamento foi aferido da seguinte forma: computava-se o número de atividades com necessidade de retorno, por parte do cursista em cada Tertúlia, tipo: comentário, entrega de relato etc...

Calculava-se o percentual de cursistas que entregavam cada atividade semanal, por meio de uma regra de três simples.

Dividindo-se o percentual de cursistas que entregavam as tarefas, pelo número de tarefas que exigiam retorno, promovendo-se uma média, obtivemos um percentual, que chamamos de percentual de engajamento da turma.

Desta forma, nas reuniões de segundas-feiras, os tutores já entravam em reunião com a supervisão, sabendo previamente, qual o percentual de engajamento dentro de sua turma.

Esta informação tinha uma única finalidade: despertar os tutores para a realização da mobilização necessária, dentro de cada turma, para que os cursistas mantivessem o engajamento e, conseqüentemente, o melhor aproveitamento do curso.

As reuniões semanais de segunda-feira serviam para trocas de experiências, entre tutores, com turmas de maior índice de engajamento e o grupo todo. Assim poderíamos aprender observando como o colega Tutor mantinha seu trabalho e o alto percentual de engajamento, quais ações eram destinadas à mobilização da turma e como os demais tutores poderiam absorver estas aprendizagens.

As turmas avaliadas com maiores percentuais de engajamento mantiveram-se assim de início ao fim do curso, e com as trocas, nas reuniões de segunda-feira, as demais turmas puderam melhorar seus índices a medida em que os tutores foram trocando ideias e absorvendo aprendizagens a partir dos relatos dos colegas.

Resultados e discussão

Os encontros semanais nas segundas-feiras foram balizados pela mesma organização, uma apresentação que trazia o intuito de envolver os participantes, uma mobilização inicial seguida dos recados da semana por parte da gestão e, na sequência, atividades da supervisão que sempre incluía análise da semana corrente, com estudo sobre as atividades da próxima semana, esclarecendo as ações a serem efetivadas no ambiente e a mobilização que se poderia empregar.

Alguns tutores foram convidados para explanar sobre seus métodos, em algumas reuniões, cujos relatos foram utilizados para mobilização ao engajamento dos demais tutores, apresentaram suas atitudes de mobilização para o enriquecimento do grupo.

Os problemas encontrados durante a realização das atividades no ambiente de tutores - uma turma no ambiente virtual de aprendizagem destinada aos tutores, para que estes pudessem realizar as atividades antes dos cursistas, desta forma, antevendo e resolvendo os possíveis problemas. Desta forma, quando os cursistas fossem executar cada atividade os tutores já a teriam realizado e os possíveis problemas já resolvidos.

Esta ação não impediu que os cursistas trouxessem novas demandas a cada ação no ambiente, independente dos tutores e supervisão já o terem analisado e executado as atividades com certa antecedência.

Considerações finais

A criação do índice do percentual de engajamento de cada turma contribuiu para o monitoramento semanal das ações/movimentos dentro do ambiente virtual de aprendizagem. Apesar de os tutores terem este acesso, a leitura por parte da supervisão auxiliou na indicação de possíveis ações a serem tomadas diante de baixos índices de engajamento, bem como, de um reconhecimento ao papel da tutoria aplicada, por aqueles cujos índices de engajamento, se mantiveram sempre em condições elevadas nas leituras semanais.

As expectativas relacionadas ao índice de engajamento tinham como meta visualizar como os cursistas mantinham sua atuação no ambiente virtual, mas, após às leituras semanais e as discussões, pode-se observar que poderíamos construir coletivamente, mecanismos de ação e de mobilização que poderiam ampliar o dito engajamento de cada turma.

Diante disto, compreende-se que foi muito importante e de extrema necessidade a criação deste índice, no formato em que foi tratado. Super-

visão e tutoria estiveram sempre com as leituras atuais e pontuais de seu engajamento e juntos pensaram em alternativas semanais para a ampliação do conjunto de ações que aproximaram cursista e ambiente.

Referências

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** - Lei nº 9394, 20 de dezembro de 1996. SAVIANI, D. A Nova Lei de Diretrizes e Bases, 1996.

BÖCK, G. L. K.; GESSER, M.; NUERNBERG, A. H. **O desenho universal para aprendizagem como um princípio do cuidado**. Revista Educação, Artes e Inclusão, Florianópolis, 2020, v. 16, n. 2, p.1, jul. 2022.

DINIZ D; SANTOS W. **Deficiência e Direitos Humanos**: desafios e respostas à discriminação. In: Diniz D., Santos W., organizadores. Deficiência e Discriminação. Brasília: Letras Livres, EdUnB; 2010.

MAIOR, I. **A deficiência é a falta de oportunidades de participação em sociedade**. Instituto paradigma, 2022. Disponível em: <https://iparadigma.org.br/izabel-maior-a-deficiencia-e-a-falta-de-oportunidade-de-participacao-em-sociedade/>. Acesso em: 1 jul. 2022.

SASSAKI, R. K. **Inclusão**: construindo uma sociedade para todos. 7ed. Rio de Janeiro: WVA, 2006.

Tertúlias DUA

EXPERIENCIANDO A PRÁTICA COLABORATIVA

Michela Lemos Silveira¹³

Francine Carvalho Madruga¹⁴

Emanuelle Aguiar de Araujo¹⁵

“Um dia, quando olhares para trás, verás que os dias mais belos foram aqueles em que lutaste.”

Sigmundo Fried

Introdução

Este relato tem como intuito apresentar o desenvolvimento e a experiência dos encontros síncronos realizados em parceria com as tutoras de três turmas do Curso de Extensão *Desenho Universal para a Aprendizagem com foco no público da educação especial e na perspectiva inclusiva*, realizado pela Unipampa é oferecido em formato *on-line* e a distância, utilizando a plataforma do Google Class Room. O curso teve a duração de 90 horas, sendo realizado nos meses de agosto a outubro de 2022.

O curso foi dinâmico e acessível, pois os/as cursistas puderam organizar-se conforme a sua disponibilidade de tempo e as atividades obrigatórias a serem realizadas contemplavam as múltiplas formas de ação e expressão.

13 Tutora do Curso DUA; Mestra em Ensino-Unipampa, Professora do AEE rede municipal de Bagé - RS

14 Tutora do Curso DUA; Mestra em Ensino-Unipampa, Professora do AEE rede municipal de Bagé - RS.

15 Tutora do Curso DUA; Graduada em Geografia, UFPR, Gestora de recursos humanos SESC, Matinhos – PR.

Procedimentos metodológicos

A união das turmas Acessibilidade, Flexibilidade e Protagonismo, aconteceram durante o terceiro módulo do curso, nomeado *Planejamento, práticas e recursos pedagógicos com foco no Desenho Universal para Aprendizagem/ DUA*, e cada turma era composta de aproximadamente 25 cursistas, sendo opcional a participação no encontro síncrono, que aconteceu pela plataforma Google Meet.

Para esta pesquisa foi realizada um estudo de caso, que conforme Gil (2008) “é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado” (GIL, 2008, p. 57). Para o autor, o estudo de caso serve para

- a) explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos;
- b) descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação; e
- c) explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações muito complexas que não possibilitam a utilização de levantamentos e experimentos (GIL, 2008, p. 58).

O objetivo deste artigo é descrever sobre o trabalho desenvolvido entre as três turmas do curso DUA em consonância com a perspectiva colaborativa, durante os encontros síncronos entre turmas.

Assim, antes de cada encontro síncrono, as tutoras das três turmas realizaram reunião *online* para planejamento e organização das atividades a serem contempladas no momento síncrono, a partir da perspectiva dialética do conhecimento: Mobilização para o conhecimento, Construção do conhecimento e Elaboração da síntese do conhecimento (VASCONCELLOS, 1992).

Uma metodologia na perspectiva dialética baseia-se em outra concepção de homem e de conhecimento. Entende o homem como um ser ativo e de relações. Assim, entende que o conhecimento não é “transferido” ou “depositado” pelo outro (conforme a concepção tradicional), nem é “inventado” pelo sujeito (concepção espontaneísta), mas sim que o conhecimento é construído pelo sujeito na sua relação com os outros e com o mundo. Isto significa que o conteúdo que o professor apresenta precisa ser trabalhado, refletido, reelaborado, pelo aluno, para se constituir em conhecimento dele. Caso contrário, o educando não aprende, podendo, quando muito, apresentar um comportamento condicionado, baseado na memória superficial (VASCONCELLOS, 1992).

No decorrer dos três últimos encontros síncronos entre turmas, sistematizamos as apresentações do conteúdo e atividades, elucidadas no quadro acima, na perspectiva dialética em consonância com o DUA.

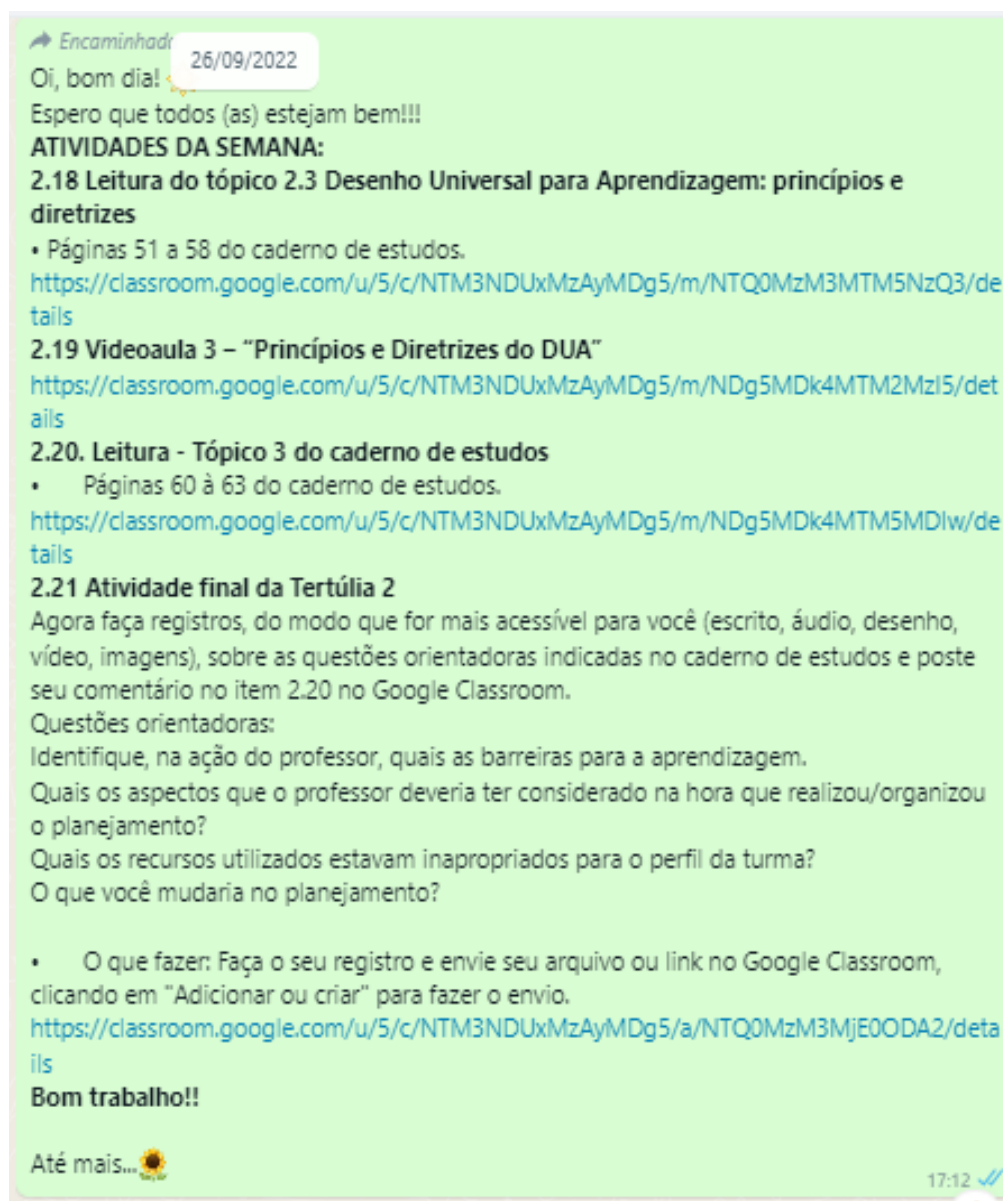
No momento inicial, denominado Mobilização para o conhecimento e engajamento, fizemos uso de vídeos mobilizadores e, posteriormente, retomamos as orientações do caderno, no intuito de auxiliar na construção dos conhecimentos e representação desta construção, a partir de relatos de cursistas que já haviam realizado as atividades propostas, com o objetivo de representar e elucidar cada atividade a serem realizadas pelos demais cursistas. Finalizando o encontro síncrono, os cursistas presentes realizaram breves relatos sobre o conhecimento adquirido e as formas de representação postados no ambiente virtual.

Resultados e Discussão

Os encontros foram bastante ricos, com trocas entre os cursistas e tutores. Foram oportunidades de tirar dúvidas e compartilhar conhecimentos. Durante o momento síncrono foi possível compartilhar de várias experiências e relatos realizados pelos/as cursistas presentes, e assim podemos refletir que nesse espaço virtual compartilhamos de muitos aprendizados, pois o curso ofertado de forma online, nos oportunizou conhecer diversas realidades e experiências.

O curso de extensão DUA nos possibilitou trabalhar de forma colaborativa e proporcionar atividades que viessem de encontro com a metodologia dialética baseada nos diversos estilos de aprendizagem, assim, após os encontros síncronos os cursistas executavam as atividades no *Google Classroom*, onde as atividades ofertadas sempre eram disponíveis para execução e oferecidas de várias maneiras para serem realizadas pelos cursistas, tais como: escrita, vídeo, áudio, apresentação, entre outras.

Figura 1: Mensagens compartilhadas entre as tutoras em seus respectivos grupos de WhatsApp

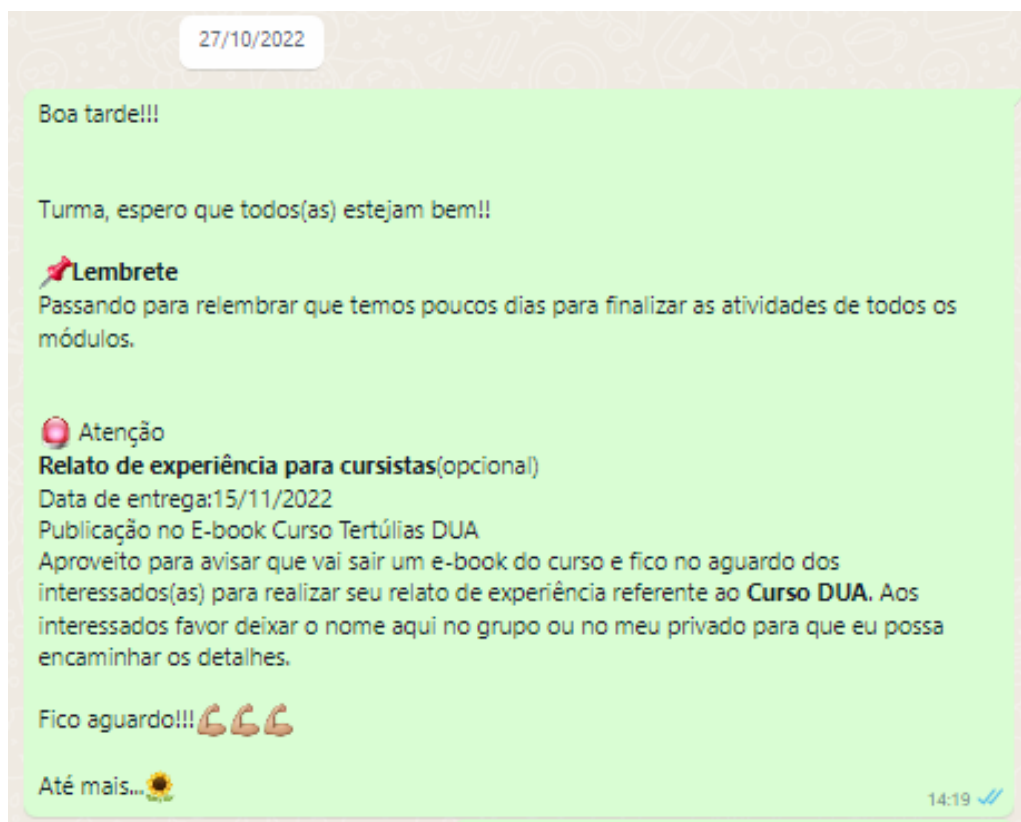


Fonte: As autoras, 2022.

Audiodescrição: Print de uma conversa de whatsapp. A tutora compartilha mensagem de bom dia e links das atividades da semana em vídeos e leituras, e também, link de como realizar o registro no Google Classroom. Fim da audiodescrição.

Durante as semanas que trabalhamos em colaboração organizamos um espaço virtual para compartilhar mensagens aos cursistas nos grupos de WhatsApp, tais como: dias dos encontros síncronos, lembrete das atividades e bem como, sistematizamos as apresentações que foram ofertadas aos cursistas das três turmas. A Figura 2 contempla esse trabalho colaborativo.

Figura 2: Mensagem aos coristas compartilhada entre tutoras



Fonte: As autoras, 2022

Audiodescrição: Print de uma conversa compartilhada entre as tutoras em seus grupos do whatsapp, com o texto: "Boa tarde! Turma, espero que todos(as) estejam bem. Lembrete: passando para lembrar que temos poucos dias para finalizar as atividades de todos os módulos. Atenção: relato de experiências para cursistas (opcional) Data de entrega: 15/11/2022. Publicação no E-book Curso Tertúlias DUA. Aproveito para avisar que vai sair um e-book do curso e fico no aguardo dos interessados(as) para realizar o seu relato de experiência referente ao Curso DUA. Aos interessados favor deixar o nome aqui no grupo ou no meu privado para que eu possa encaminhar os detalhes. Fico no aguardo. Até mais." Fim da audiodescrição.

Percebemos que os diferentes tipos de acesso a execução das atividades possibilitaram aos cursistas vivenciarem uma prática pedagógica baseada nos diversos estilos de aprendizagem e que um planejamento para todos requer a compreensão de que em uma sala de aula o professor necessita exercitar a construção e elaboração do planejamento de forma a contemplar Todos os alunos.

Considerações finais

O curso de extensão DUA, por meio do Programa Tertúlias Inclusivas do Pampa, ofertado pela e Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação

do Ministério da Educação, a SEESP-MEC, mediante o Grupo INCLUSIVE (Grupo de Estudos e Pesquisas em Inclusão e Diversidade na Educação Básica e Ensino Superior). Vem oportunizar aos professores da rede pública, de todo Brasil, formação continuada na perspectiva inclusiva, de forma a contemplar muitos profissionais da educação que requerem e anseiam pela formação na área de inclusão.

A partir do objetivo deste artigo que foi descrever sobre o trabalho desenvolvido entre as três turmas do curso DUA em consonância com a perspectiva colaborativa, durante os encontros síncronos entre turmas. Podemos observar que o ponto alto da atuação das tutoras das turmas envolvidas, neste artigo, foi essencial para compartilharmos novos saberes e trabalharmos em colaboração.

Durante a oferta do curso, e em especial os encontros síncronos, as tutoras das turmas *Acessibilidade, Flexibilidade e Protagonismo*, a partir do terceiro módulo, presenciamos muitos aprendizados e trabalhamos de forma colaborativa, no que se refere a proposta do DUA.

Assim, exercitamos através da nossa prática como tutoras uma experiência muito enriquecedora e que nos possibilitou construir juntos aos nossos cursistas novos saberes e suscitou muitas reflexões, onde podemos socializar e compartilhar nos encontros síncronos entre turmas.

Concluimos que o curso DUA nos proporcionou muitas experiências enriquecedoras e percebemos que superou as expectativas, por meio de um curso *on-line* acessamos muitos profissionais da educação e compartilhamos experiências e saberes que vieram contemplar a nossa prática diária nos espaços escolares.

Referências

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Metodologia Dialética em Sala de Aula**. In: Revista de Educação AEC. Brasília: n. 83, abril de 1992.

A experiência com design gráfico acessível no curso DUA Tertúlias

*Augustho da Costa Soares¹⁶
Marcelo Rodrigues Barboza Duarte¹⁷*

Introdução

A educação, em uma perspectiva inclusiva, tem ganhado cada vez mais espaço no meio acadêmico. No entanto, no contexto atual do ensino regular ainda se encontram inúmeros desafios na prática docente para tornar este conceito uma realidade no processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Prais e Rosa (2016), a partir disso, um dos aspectos que impedem a efetivação da educação inclusiva é a carência na formação de professores para a prática pedagógica adequada ao contexto educacional inclusivo. Frente a isto, as autoras destacam a urgência em discutir e considerar que todos os profissionais da educação, principalmente os professores, deveriam ser formados para a realização de planejamentos docentes visando uma educação inclusiva. Nessa perspectiva, as autoras ainda salientam que cabe aos cursos de formação docente iniciais e continuadas, fornecer conhecimentos teóricos e práticos para a implementação da inclusão educacional nas intenções e práticas pedagógicas.

16 Jornalista; Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Unipampa (Universidade Federal do Pampa); Bagé, RS.

17 Jornalista; Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Unipampa (Universidade Federal do Pampa); Bagé, RS.

Desta forma, uma abordagem que pode ser adotada buscando esses objetivos é o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA). Este modelo, conforme CAST (2011), é uma estrutura que orienta a prática educacional oferecendo flexibilidade na forma como as informações são apresentadas, assim como nas formas como os alunos respondem ou demonstram conhecimentos e habilidades e nos modos como os alunos se envolvem; além de reduzir as barreiras na instrução, fornecer suportes e desafios apropriados e mantém expectativas de desempenho para todos os alunos, incluindo aqueles com deficiência ou com dificuldades de leitura.

Assim, com o objetivo de formar profissionais que consigam atuar com base nos fundamentos do DUA e da educação na perspectiva inclusiva, o Curso de Extensão *Desenho Universal para a Aprendizagem com foco no público da Educação Especial e na perspectiva inclusiva*, o qual será chamado neste capítulo como “DUA Tertúlias” foi oferecido nos meses de agosto, setembro e outubro de 2022, de forma gratuita e on-line, oferecendo 600 (seiscentas) vagas para professores de Educação Básica das redes públicas de ensino.

Neste contexto, para a produção do DUA Tertúlias foi necessário o trabalho de um Designer Gráfico, o qual é explicado por Cardoso (2008) como um profissional responsável pela realização de um conjunto de atividades voltadas para a criação e a produção de peças de comunicação visual. Assim, segundo Medeiros, Teixeira e Gonçalves (2016), o profissional desta área é conhecedor de técnicas, cores e teorias para a comunicação da mensagem de certo projeto. “Ou seja, pode-se afirmar que o profissional (designer gráfico) é um conhecedor da linguagem visual” (MEDEIROS, TEIXEIRA, GONÇALVES, 2016, p. 24).

Dessa forma, este capítulo pretende ressaltar o trabalho do seu primeiro autor enquanto Designer Gráfico do curso de extensão DUA Tertúlias, o qual foi responsável por produzir todas as peças visuais estáticas para comunicação ao público externo e interno do curso, assim como organizar a parte visual dos cadernos de estudos e dos recursos pedagógicos do curso como um todo.

Design thinking na criação da identidade visual do curso dua tertúlias

A primeira demanda a surgir com o início dos trabalhos foi a criação de uma identidade visual para o curso de extensão. Neste sentido, entende-se identidade visual da forma explicada por Vásquez (2007, p. 203) como “a materialização da identidade conceitual” do curso desenvolvida por meio de elementos gráficos como logotipo, rótulos e até mesmo fontes utilizadas, por exemplo. Assim, utilizando uma empresa como exemplo, a autora explica os conceitos de identidade visual e conceitual.

Para cada produto ou empresa corresponde uma marca, e com ela características visuais específicas. Essas características fazem parte da identidade visual da marca que, tal como a ponta do iceberg, representa o que está na superfície, o que está visível. A parte submersa do iceberg representa a área interna, chamada de identidade conceitual da marca (VÁSQUEZ, 2007, p. 203).

Dessa forma, em um primeiro momento se optou por criar a logomarca do curso. Para isso, optou-se por realizar este processo utilizando a abordagem do *Design Thinking* (DT). Segundo Brown (2008), o *Design Thinking* é uma abordagem que utiliza da sensibilidade e dos métodos de um designer para resolver um problema ao combinar-se as necessidades de um público com o que é tecnologicamente viável e com uma “estratégia de negócio” que possa ser aplicada para atender a essa demanda.

Assim, Gonsales (2014) pontua algumas características do *Design Thinking*: centrado no humano; colaborativo, otimista e experimental. Primeiramente, esse método é centrado no ser humano, ou seja, começa com o entendimento das necessidades e motivações das pessoas envolvidas. Além disso, o DT é colaborativo, pois coloca várias mentes com perspectivas distintas, considerando a criatividade de outras pessoas para reforçar a sua própria criatividade.

Fora isso, a autora ainda destaca que o DT é otimista, pois não importa quão grande é um problema, quanto tempo é disponível ou quão restrito seja o orçamento, é possível realizar a atividade. “*Design Thinking* é a crença fundamental de que nós todos podemos criar mudanças” (GONSALES, 2014, 12). Por fim, Gonsales (2014) também destaca o caráter experimental do método, por ele dá a quem o utiliza a liberdade de errar e aprender com seus erros, ter novas ideias, receber *feedback* de outras pessoas e ainda repensar suas ideias.

Quanto à sua aplicação, em um contexto educacional, o *Design Thinking* conta com cinco etapas descritas por Gonsales (2014): descoberta; interpretação; ideação; experimentação; evolução.

A descoberta é quando os envolvidos encontram qual é o seu desafio, refinam o plano estabelecendo um cronograma de atividades e coletam inspirações. Já a interpretação é uma fase que envolve a seleção e a condensação de pensamentos, até que tenha se encontrado um ponto de vista convincente e uma direção clara (GONSALES, 2014). Desse modo, nestas etapas foi feita uma pesquisa sobre o DUA e a educação especial na perspectiva inclusiva, buscando entender os preceitos do curso de extensão, assim como se decidiram os passos para a elaboração da identidade visual.

Após essas duas etapas, chega o momento da ideação, em que é realizado um *brainstorming*, ou seja, um momento para escutar as ideias e a criatividade de todos os envolvidos de uma forma que se possa ter, em um primeiro momento, o maior número de ideias para que em seguida se pos-

sa selecionar aquelas que mais encaixam-se na realidade e na resolução do problema para que assim essas sejam melhor desenvolvidas (GONSALES, 2014). Nesse contexto, foi produzido, em parceria com o editor audiovisual do curso, o qual também é co-autor deste capítulo, um questionário *on-line* com o Google Forms, no qual foi questionado aos integrantes da equipe técnica sobre quais seriam suas expectativas e também foi pedido suas indicações para o que desejariam que fosse representado no logo do DUA Tertúlias.

Em seguida, conforme Gonsales (2014), é chegado o momento da experimentação, etapa na qual as ideias ganham vida, mesmo que sejam, inicialmente, no formato de protótipos iniciais e rústicos para então serem mostradas a outras pessoas e, por meio de um *feedback*, consigam ser refinadas e melhoradas. Assim, foi feito um protótipo da logomarca, a qual foi mostrado aos coordenadores do curso e integrantes da equipe técnica, que deram suas contribuições, as quais foram acatadas gerando uma nova versão do logo. A qual contava com as cores azul e vermelho, sendo as mais votadas no questionário, sendo que azul é descrita por Carvalho (2013) como a cor que representa a calma, confiança e segurança, além de aumentar a criatividade, contemplação e espiritualidade, enquanto o vermelho é representado como a cor que estimula a energia e incentiva ações e a confiança, enquanto o roxo, produzido pela junção das duas cores anteriores, estimula a resolução de problemas e a criatividade.

Além disso, como mostrado na Figura 1, nesta primeira versão, a logomarca ainda possuía um lápis e globo representando o “desenho universal” no nome do curso, com mãos segurando este globo e o símbolo da acessibilidade desenvolvido pela Organização das Nações Unidas (ONU), representando a união pela educação inclusiva.

Figura 1: Protótipo da logomarca do curso de extensão DUA Tertúlias



Fonte: Produzido pelos autores, 2022

Audiodescrição: Sobre fundo branco, o desenho em traço azul com tons de rosa, azul e branco de um globo terrestre sustentado por duas mãos, no centro, o símbolo universal da acessibilidade. Na parte inferior, um lápis e na parte inferior está escrito: DUA Tertúlias. Fim da audiodescrição.

Porém, após a apresentação da logomarca às professoras formadoras, foi discutido sobre o lápis e as mãos não representarem a todos e até mesmo poderem passar uma mensagem errada sobre o curso, considerando que estes signos estão ligados à um modelo de aprendizagem focado na escrita e que existem pessoas sem movimentos nas mãos, as quais não têm condições para segurar um lápis e poderiam não se sentir incluídas em um curso com estas imagens na logomarca. Levando isto em conta, foram feitas novas alterações até que se chegasse à logomarca final do DUA Tertúlias, apresentada na Figura 2.

Figura 2: Logomarca oficial do curso de extensão DUA Tertúlias



Fonte: Produzido pelos autores, 2022

Audiodescrição: Desenho de um quadro azul, no centro, uma bola branca com o globo terrestre. Os continentes estão em tons de azul e rosa. No centro, o símbolo universal da acessibilidade em torno do símbolo está escrito: "DUA Tertúlias". Fim da audiodescrição.

Então, com a conclusão do logo chegou a etapa da evolução, descrito por Gonsales (2014) como o momento em é refletido sobre o que foi feito e são planejados os próximos passos. Desta forma, com a conclusão do logo foi refletido sobre os processos e as opiniões dos envolvidos para que assim fosse montado o restante da identidade visual do DUA Tertúlias.

Nesse contexto, foram utilizadas na identidade visual do curso cores mencionadas pela equipe técnica durante o questionário que se encaixassem para representar um ambiente educativo, criativo e inovador. Fora isso, buscou-se deixar as informações entendíveis e auxiliar no fluxo de trabalho até a divulgação das peças, que ainda contava com revisão ortográfica e produção

de legendas para audiodescrição – através do leitor de tela – realizadas por outros integrantes da equipe técnica do curso. Assim, optou-se por utilizar poucos elementos gráficos além dos personagens animados Dualina e Tertúlio, desenvolvidos com o programa de computação gráfica para criação e animação de avatares *LoomieLive*, o que resultou na produção de peças gráficas como as mostradas na Figura 3, a seguir.

Figura 3: Montagem com cartazes para redes sociais e avisos à equipe do curso



Fonte: Produzido pelos autores, 2023

Audiodescrição: Composição com 4 cartazes de avisos do Curso DUA Tertúlias. Os cartazes são coloridos e trazem informações de serviços e datas. Todos têm desenho de Dualina e Tertúlio. Fim da audiodescrição.

Os cartazes na figura acima foram criados com a intenção de informar os cursistas através das contas do DUA Tertúlias nas redes sociais e também avisar a equipe do curso sobre reuniões gerais e outros encontros com mensagens. Porém, não foram apenas nestas situações que se precisou de materiais gráficos para o curso de extensão, sendo que também foi preciso elaborar a parte visual de recursos pedagógicos do curso, como será discutido no próximo tópico.

Planejamento gráfico de materiais gráficos inclusivos para a prática pedagógica

Entre as atividades desenvolvidas pelo Designer Gráfico, quanto aos recursos pedagógicos produzidos durante o curso DUA Tertúlias, estiveram a elaboração de peças como os modelos dos slides nas videoaulas do curso, adaptações de planilhas e produção de capas para as turmas no ambiente virtual do *Google Classroom*. Porém, o profissional em questão teve como principal demanda o planejamento gráfico dos cadernos de estudos interativos distribuídos aos cursistas.

Nesse contexto, vale explicar que o planejamento gráfico de uma publicação é um processo composto por duas etapas, que são o projeto gráfico e a diagramação. Desse modo, Damasceno (2013) explica esses conceitos utilizando como exemplo um jornal diário.

[...] a diagramação consiste no ordenamento diário dos elementos nas páginas, enquanto o projeto gráfico se concentra na definição conceitual, no estabelecimento do padrão gráfico geral da publicação, que deverá ser replicado pela diagramação e no monitoramento desta (DAMASCENO, 2013, p. 11).

Fora isso, também deve ser explicado que os cadernos de estudos do curso de extensão são materiais didáticos, ou seja, produtos pedagógicos utilizados na educação como instrumentos desenvolvidos com finalidade didática (BANDEIRA, 2009). Assim, os cadernos em questão são arquivos em PDF produzidos pelas professoras formadoras com auxílio da equipe técnica do curso, com responsáveis pela revisão, legenda de audiodescrição e planejamento gráfico dos recursos.

Os materiais em questão tiveram como objetivo oferecer aos cursistas um embasamento teórico sobre o Desenho Universal para a Aprendizagem, a Educação Especial na perspectiva inclusiva e demais temáticas que os rodeiam. Além disso, estes recursos foram produzidos levando em conta o primeiro princípio do DUA, que respeita heterogeneidade dos alunos, no intuito de respeitar os estilos de aprendizagem de todos e, também, apresentar formas diversificadas de apresentação de um mesmo conteúdo, como textos, áudios, vídeos, imagens etc. (SONDERMANN *et al.*, 2014).

Então, foi estabelecido um modelo de trabalho remoto com a utilização do aplicativo de gerenciamento de projetos Trello, o qual já havia sido usado em outros cursos promovidos pelo grupo de estudos e pesquisas inclusive. Nessa perspectiva, em um primeiro momento o texto era produzido pelas professoras formadoras e enviado para a equipe técnica, que então começaria os processos de revisão ortográfica (revisora), produção de legendas para audiodescrição (audiodescritora) e desenvolvimento de demandas gráficas como produção e edição de imagens (*designer* gráfico).

Após esta etapa, com textos revisados e figuras com audiodescrição concluídas, era iniciada a diagramação do caderno, que após ser concluída ainda passaria por mais uma revisão realizada pela coordenação do curso e professoras formadoras, além de uma revisão ortográfica final. Assim, foi preciso um contato constante entre a equipe técnica, realizado através do Trello e de ferramentas como o *WhatsApp*, no qual foram criados grupos de avisos e trocas de informações entre os integrantes.

Neste contexto, os três cadernos de estudos foram produzidos levando em conta as orientações para produções em texto no Manual de acessibilidade em documentos digitais, produzido por Salton, Agnol e Turcatti (2017). Portanto, o documento foi produzido inteiramente em linhas únicas, utilizando tabelas somente quando fosse uma demanda das professoras formadoras. A decisão por esse formato foi tomada considerando que “[...] na navegação por setas, os leitores de tela consideram apenas a primeira coluna de cada página e não leem as demais” (SALTON; AGNOL; TURCATTI, 2017, p. 55).

Quanto à escolha das fontes para os textos do caderno, assim como para a identidade geral do curso foram utilizadas fontes sem serifa¹⁸ recomendadas, como Arial, recomendadas pois fontes serifadas podem dificultar a leitura de alguns grupos de usuários, considerando que dão a impressão de estarem juntas devido aos prolongamentos nos fins das hastes das letras (SALTON; AGNOL; TURCATTI, 2017).

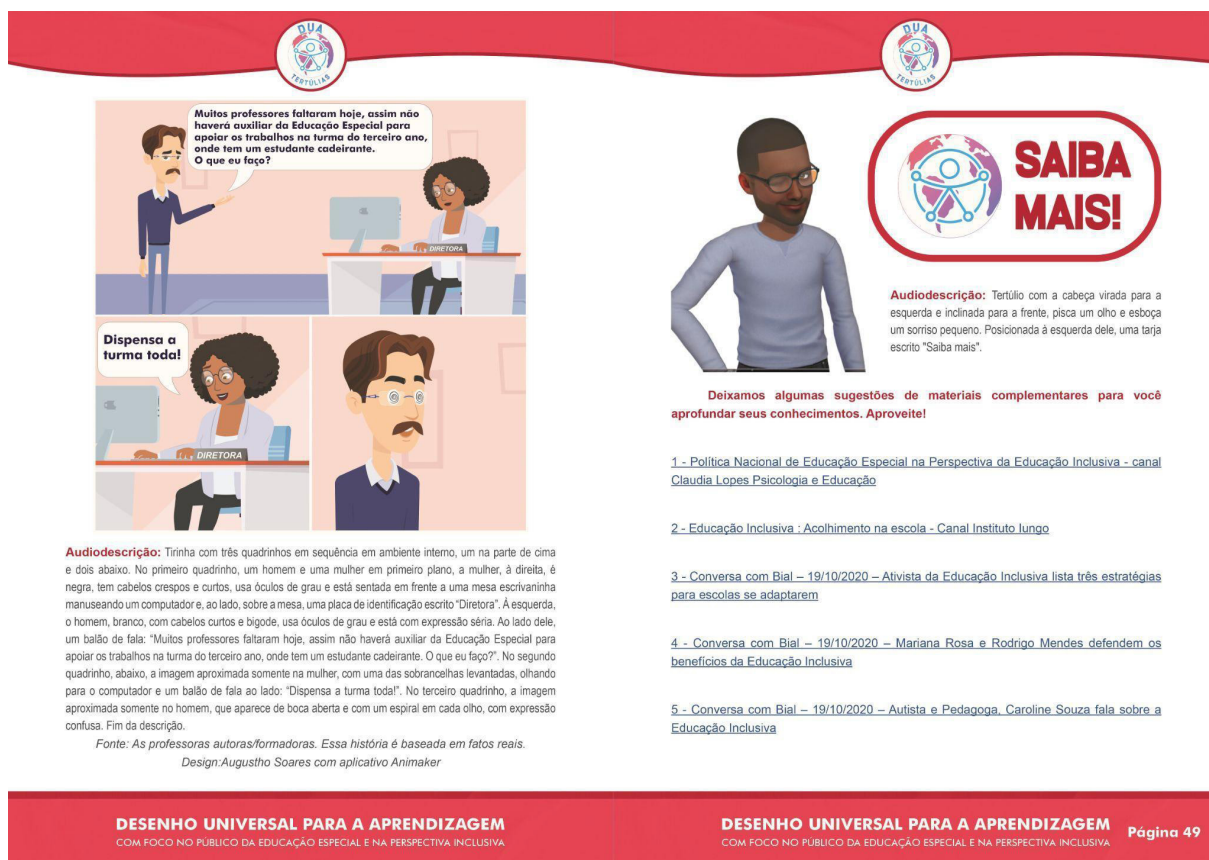
Além disso, as legendas para audiodescrição foram colocadas junto às imagens sempre que necessário, visando descrever o que continha nestas figuras para pessoas cegas ou com baixa visão, que poderiam utilizar leitores de tela para ter acesso ao conteúdo. Com o mesmo intuito, os *links* para conteúdos externos disponibilizados pelas formadoras eram fornecidos com uma descrição no lugar do endereço.

Para uma pessoa que utiliza leitor de tela, a leitura de uma URL é demorada e confusa. Além disso, ela pode ter dificuldade de compreender qual a finalidade daquele link. Se o próprio texto for o link, fica fácil para a pessoa cega saber qual sua finalidade, ou seja, para onde ela será remetida se acessar aquele link (SALTON; AGNOL; TURCATI, 2015, p. 51).

Assim, na montagem de imagens, na Figura 4, é possível ver páginas do caderno do segundo módulo do curso. Na primeira página, da esquerda para a direita, é possível ver a audiodescrição abaixo da tirinha planejada pelas formadoras do curso e produzida pelo primeiro autor deste capítulo utilizando o aplicativo Animaker e o *software* de edição de imagens Photoshop. Já na segunda imagem, é possível ver o personagem Tertúlio apresentando a sessão “SAIBA MAIS!”, a qual é uma lista com links para conteúdos externos escolhidos pelas formadoras como sugestões de materiais complementares ao DUA Tertúlias.

18 Serifas são os traços e prolongamentos que ocorrem no fim das hastes das letras em fontes como Times New Roman. Assim, fontes sem serifas são as que não possuem estas características, como é o caso da fonte Arial.

Figura 4: Montagem com páginas do caderno do segundo módulo do curso



Fonte: Produzido pelos autores, 2022

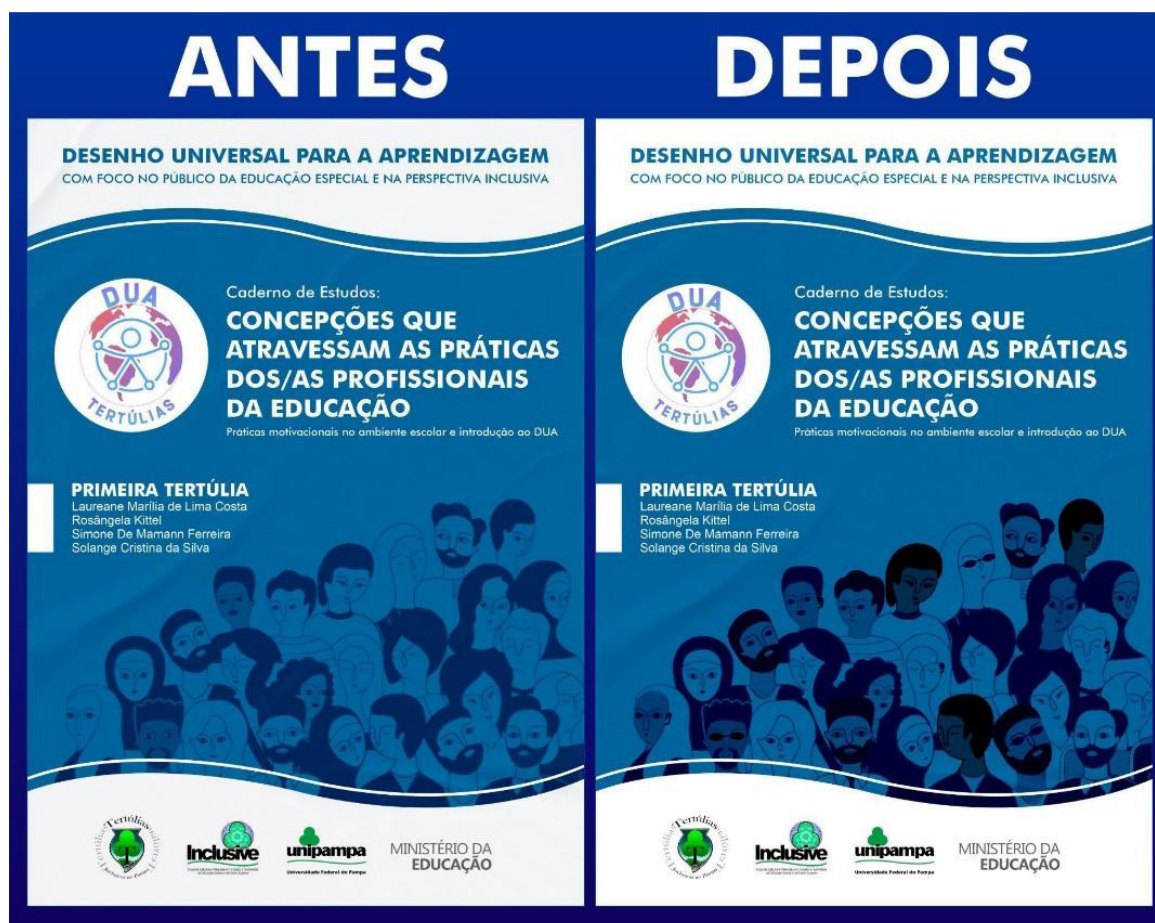
Audiodescrição: Composição com o print de duas folhas do caderno do curso. À esquerda, uma história em quadrinhos com um texto em letras pequenas. À direita, no alto, o desenho de Tertúlio ao lado o símbolo da acessibilidade com a frase em vermelho: "saiba mais!". Abaixo, textos escritos em vermelho e verde com letras pequenas. Fim da audiodescrição.

No entanto, algo que se destacou na produção dos cadernos de estudos foi a produção das capas dos mesmos, que foi a primeira atividade a ser realizada em relação a eles. Nessa etapa, foi feita uma capa padrão para os três cadernos buscando uma uniformidade dos três módulos (chamados de primeira, segunda e terceira tertúlia) diferenciando cada módulo por meio dos títulos que cada um recebeu e das cores utilizadas para representar cada caderno sendo elas o azul, o vermelho e o roxo, cores que já eram encontradas na logomarca do curso de extensão.

A versão inicial da capa buscou representar pessoas de etnias e culturas diferentes, no entanto, após reunião junto às professoras formadoras, foi decidido que ainda precisava-se mostrar mais diversidade nas figuras, buscando a representação social que fizesse referência ao objetivo do DUA em oferecer educação para todos. Assim, como é mostrado na Figura 5, foram feitas mudanças nas cores dos personagens, para que fossem representadas

mais pessoas de pele escura, e também foram inseridos aparelhos auditivos, óculos escuros e cadeira de rodas, com o objetivo de representar pessoas com deficiências auditivas, visuais e físicas.

Figura 5: Mudanças nas capas dos cadernos de estudos



Fonte: Produzido pelos autores, 2022

Audiodescrição: Print das capas de dois cadernos de estudos. No caderno da esquerda está escrito: “antes” e no caderno da direita está escrito: “depois”. Os cadernos são semelhantes, têm fundo azul escuro com faixas em formato ondulado no alto e no rodapé. Ao longo das páginas, textos escritos em branco. E no centro, o desenho em silhuetas de pessoas diversas. No cartaz da esquerda, todas as silhuetas são iguais e no cartaz da direita, as silhuetas são em diferentes tons de pele, algumas pessoas usam óculos e outras usam aparelhos auditivos. Fim da audiodescrição.

Desse modo, como é destacado por Crusoé (2004), mediante a representação social é possível facilitar com que os sujeitos interpretam o mundo, além de facilitar a comunicação e orientar ações e comportamentos. Dessa forma, considerando que havia um número relevante de pessoas com deficiência no curso, essa representação gerava identificação dos cursistas, desde a capa do caderno, mostrando o cuidado do curso com a inclusão até nos pequenos detalhes e chamando essas pessoas para conferir o conteúdo que lhes era disponibilizado.

Considerações finais

No decorrer destes meses de trabalho na equipe técnica do Curso de Extensão *Desenho Universal para a Aprendizagem com foco no público da Educação Especial e na Perspectiva Inclusiva* foi oportunizada uma experiência profissional que foge dos padrões da maioria das vagas do mercado de trabalho do Design Gráfico, o que possibilitou um desenvolvimento profissional para além do convencional. Além disso, também foi possível conhecer práticas e conceitos de trabalho visando a educação inclusiva que até então eram desconhecidas pelos autores.

Fora isso, além desse desenvolvimento profissional, também foi possibilitado aos autores um primeiro contato com o Desenho Universal para a Aprendizagem, o qual inspirou-os a procurar uma maior compreensão do conceito para até mesmo inseri-lo em suas práticas pessoais, acadêmicas e profissionais. Ainda, por meio desta experiência, foi desenvolvido nos autores um pensamento de coletividade e organização no trabalho, buscando desenvolver as suas próprias atividades com responsabilidade e se comunicar com os colegas para que assim fosse possível criar um fluxo de trabalho e diminuir situações de retrabalho nas criações gráficas para o curso.

Também foi percebido que a utilização de etapas do *Design Thinking* na criação da identidade visual do curso permitiu a participação da equipe técnica do projeto no processo de elaboração da logomarca do curso. Assim, foi possível criar uma marca que representasse os esforços de todos os envolvidos, unindo criatividade e experiências em prol de um mesmo objetivo, findando em uma identidade assertiva para os objetivos do curso e dos profissionais envolvidos.

Referências

BANDEIRA, Denise. **Material didático**: conceito, classificação geral e aspectos da elaboração. Curso de Materiais didáticos para smartphone e tablet. Curitiba, IESDE, p. 13-33, 2009.

BROWN, Tim et al. **Design thinking**. Harvard business review, v. 86, n. 6, 2008.

CAST (2011). **Universal Design for Learning Guidelines version 2.0**. Wakefield, MA: Author. Disponível em: <https://wvde.state.wv.us/osp/UDL/4.%20Guidelines%202.0.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2022.

CARDOSO, Rafael. O design gráfico e sua história. Revista artes visuais, cultura e criação. Rio de Janeiro: Senac, p. 1-7, 2008.

CARVALHO, Henrique. **[Infográfico] A psicologia das cores no Marketing e no Dia-a-Dia**. [S.l.]: Viver de Blog. 2013. Disponível em: <https://viverdeblog.com/psicologia-das-cores>. Acesso em: 15 nov. 2022

CRUSOÉ, Nilma Margarida de Castro. **A teoria das representações sociais em Moscovici e sua importância**. Aprender - Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação para a pesquisa em educação, n. 2, 2004.

DAMASCENO, Patrícia Lopes. **Design de Jornais**: projeto gráfico, diagramação e seus elementos. Rio de Janeiro, 2013.

GONSALES, Priscila *et al.* **Design Thinking para Educadores**. [S.l.]: Instituto Educadigital, 2014.

MEDEIROS, Diego Piovesan; TEIXEIRA, Felipe; GONÇALVES, Marília Matos. Metodologia de tradução Intersemiótica aplicada ao design gráfico. **Revista Vincici** - Periódico Científico do UniSATC, v. 1, n. 1, p. 23-38, 2016.

PRAIS, Jacqueline LS; ROSA, Vanderley F. Princípios do desenho universal para a aprendizagem: planejamento de atividades pedagógicas para inclusão. **Ideação-Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde da UNIOESTE**, v. 18, n. 2, 2016.

SALTON, Bruna Poletto; AGNOL, Anderson Dall; TURCATTI, Alissa. **Manual de acessibilidade em documentos digitais**. Bento Gonçalves, RS: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, 2017.

SONDERMANN, Danielli Veiga Carneiro *et al.* **O design educacional inclusivo frente a heterogeneidade no perfil dos alunos professores em formação para educação a distância**. In: Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância. 2014.

VÁSQUEZ, Ruth Peralta. Identidade de marca, gestão e comunicação. **Organicom**, v. 4, n. 7, p. 198-211, 2007.

Tutoria e envolvimento

EXPERIÊNCIAS E DISCUSSÕES COM FOCO NO DESENHO UNIVERSAL PARA A APRENDIZAGEM

Samara de Oliveira Pereira¹⁹

Fernanda de Lima Pinheiro²⁰

Claudete da Silva Lima Martins²¹

O tutor precisa acreditar no aluno, precisa incentivá-lo a desenvolver conhecimentos dentro e fora dos limites do ambiente de aprendizagem

Souza et al. (2011, p. 8)

Introdução

Sabe-se que a facilidade ao acesso da tecnologia atualmente ampliou as possibilidades de formação continuada para uma grande gama de profissionais. Neste cenário, conforme discute Santos (2020, p. 3), a formação continuada de professores na atual era digital, se destaca, “[...] apontado a grande demanda existente no país, tanto na formação inicial como na formação continuada”.

De acordo com o autor citado anteriormente, essas formações, realizadas remotamente através da internet e plataformas digitais, reconfiguram o

¹⁹ Tutora voluntária; Licenciada em Química; Especialista em gestão de processos industriais químicos; Discente no Mestrado Acadêmico em Ensino; Bolsista CAPES-FAPERGS; Universidade Federal do Pampa; Bagé-RS.

²⁰ Tutora voluntária; Licenciada em Ciências da Natureza; Discente no Mestrado Acadêmico em Ensino; Bolsista CAPES-FAPERGS; Universidade Federal do Pampa; Bagé-RS.

²¹ Coordenadora do projeto; Licenciada em Pedagogia, com especializações na área da Educação Especial (UR-CAMP-UFSM); Docente do Mestrado Acadêmico em Ensino; Universidade Federal do Pampa; Bagé-RS.

cenário da sala de aula tradicional, visto que além da “presença” do professor, os estudantes passam a contar com a figura de um tutor (SANTOS, 2020).

Souza et al. (2011, p. 8) discute que o tutor deve ir além de monitorar ou avaliar as atividades realizadas pelos estudantes, mas sim “[...] precisa acreditar no aluno, precisa incentivá-los a desenvolver conhecimentos dentro e fora dos limites do ambiente de aprendizagem”.

Frente a isso, busca-se como objetivo geral deste capítulo realizar um relato de experiência, evidenciando a trajetória de duas mestrandas em ensino, estudantes do programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Pampa - Campus Bagé, que atuaram como tutoras voluntárias na turma Envolvimento de um curso de extensão para professores da educação básica que teve como temática o Desenho Universal para a Aprendizagem. O nome da turma surgiu após uma dinâmica junto com outros tutores, no qual cada um deveria dizer uma palavra que estivesse associada à inclusão de alunos com deficiência. Surgiu assim, a turma Envolvimento.

A temática deste curso de formação é importante e essencial para os professores da educação básica, visto que garantir a qualidade de vida das pessoas com deficiência e torná-las não só presentes, mas ativas nos espaços que percorrem, assegurando autonomia e liberdade não é um ato de amor ou caridade e sim uma lei, prevista no artigo de nº 13.146, de 6 de julho de 2015, que Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2015).

Nesse sentido, entende-se nesse estudo que oportunizar um espaço de aprendizagem seguro e eficaz é fundamental para que todos os estudantes, independente de suas questões específicas tenham acesso a uma educação de qualidade.

Ao se pensar em ambientes inclusivos para todos, abrimos as discussões acerca do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA), visto que esse conceito emerge dos princípios de acessibilidade utilizados por arquitetos denominados de Desenho Universal (DU) no qual foi pensado para proporcionar ambientes acessíveis a toda a população (MUNSTER, 2019).

A proposta de ensino baseada no Desenho Universal para a Aprendizagem, conforme discute Zerbato e Mendes (2018, p. 53) “[...] é uma ferramenta que visa a acessibilidade ao conhecimento por todos os estudantes, uma vez que pressupõe que todos os indivíduos são diferentes e possuem estilos e maneiras variadas de aprender”.

Portanto, o conceito do DUA, segundo o CAST (2014), corresponde a um conjunto de princípios e estratégias para acessibilidade relacionadas com o desenvolvimento curricular que visa reduzir e minimizar as barreiras

ao ensino e possibilitar a aprendizagem de todos os alunos de uma escola regular incluindo os que apresentam algum tipo de deficiência.

Esses princípios e estratégias são alicerçadas nos estudos da neurociência que discute que a aprendizagem é um processo multifacetado, que envolve o uso de três grandes redes, que são elas: Afetivas, de conhecimento e estratégicas (NUNES; MADUREIRA, 2015).

Diante dessas redes, considera-se três princípios do DUA que devem ser acionados no processo de ensino, sendo eles: proporcionar múltiplos meios de representação dos conteúdos a serem trabalhados em sala de aula; proporcionar múltiplos meios de ação e expressão do conteúdo por parte dos estudantes e, proporcionar múltiplos meios de envolvimento com a aprendizagem, vínculo e compromisso dos alunos com o processo de aprendizagem (COSTA, 2018).

Frente a esses conceitos importantes acerca das temáticas do curso de extensão realizado, no tópico a seguir serão evidenciados os procedimentos metodológicos para a construção da presente narrativa.

Procedimentos Metodológicos

O relato de experiência descrito neste capítulo busca evidenciar experiências vivenciadas por duas mestrandas, estudantes do programa de pós-graduação em Ensino da Universidade Federal do Pampa - *campus* Bagé, que atuaram como tutoras, de maneira voluntária, no curso de extensão Desenho Universal para a Aprendizagem com foco no público da educação especial e na perspectiva inclusiva.

Esse curso de extensão é uma iniciativa criada pelas coordenadoras de um grupo de pesquisa conceituado da universidade referida anteriormente, chamado INCLUSIVE, sigla para Grupo de Estudos e Pesquisa em Inclusão e Diversidade na Educação Básica e Superior.

Para a construção desse relato, utilizou-se o método de narrativas que conforme discute Dutra (2002), contempla experiências e vivências de pesquisadores. A autora supracitada discorre ainda que através de uma narrativa:

[...] podemos nos aproximar da experiência, tal como ela é vivida pelo narrador. A modalidade da narrativa mantém os valores e percepções presentes na experiência narrada, contidos na história do sujeito e transmitida momento para o pesquisador. O narrador não “informa” sobre a sua experiência, mas conta sobre ela, dando oportunidade para que o outro a escute e a transforme de acordo com a sua interpretação, levando a experiência a uma maior amplitude, tal como acontece na narrativa (DUTRA, 2002, p. 374).

Nesse sentido, considera-se que as experiências narradas pelas tutoras deste curso irão sensibilizar os leitores, a conhecerem e estudarem sobre os conceitos em torno do Desenho Universal para a Aprendizagem.

Antes de adentrarmos nos resultados, cabe aqui ressaltar a estrutura organizacional do curso e, conseqüentemente, da nossa turma. Todas as segundas-feiras, tínhamos encontros síncronos via *Google Meet* com duração de no mínimo uma hora. Nesses encontros, conversávamos sobre as atividades e sobre as experiências de cada participante em suas respectivas cidades e escolas. Vale ressaltar que o curso foi totalmente *on-line*, sendo assim, pudemos ter contato com professoras de diversos estados do país.

As atividades eram entregues em um ambiente virtual de aprendizagem, via *Google Classroom*. Além desses locais, mantínhamos um grupo de *WhatsApp* para enviar recados e engajar as cursistas. O grupo também era utilizado para que elas expressassem suas dúvidas e comentários a respeito do curso. Através dessa ferramenta, conseguimos ter uma relação mais próxima com as cursistas, pois também nos disponibilizamos a responder questionamentos fora do grupo, em conversas privadas. Desta forma, cursistas que tivessem problemas específicos ou vergonha de se expressar no grupo, poderiam contatar-nos de maneira privativa. A seguir, demonstraremos os resultados e discussão dessa sistematização em nossa turma.

Resultados e discussão

No cenário da educação a distância e em cursos de formação profissional (inicial e continuada) o tutor é um personagem de grande importância, visto que auxilia os estudantes nas atividades a serem realizadas durante o curso, acompanha o processo de aprendizagem e media debates e encontros virtuais (SANTOS, 2020).

Nesse sentido, como tutoras nesse curso de extensão com foco no DUA, buscamos orientar os cursistas e levá-los da melhor forma possível a um aprendizado significativo.

Ressalta-se que o nosso papel foi além de simplesmente mediar ou informá-los das atividades no sistema, buscamos criar um ambiente interativo e de diálogo para criar laços e instigá-los acerca da temática estudada, promovendo um espaço de reflexão e aprendizagem em conjunto.

Essas ações são corroboradas e aprovadas por Souza et al. (2011, p. 2) ao discutir que:

Ao tutor cabe a promoção de interatividade, buscando identificar as dificuldades e limitações de cada aluno. Para tanto, o tutor precisa ser dedicado

e dispor de tempo. Não pode apenas “cumprir” seu tempo previsto para o curso. Se o tutor apenas executar suas tarefas formais, a interatividade estará muito comprometida.

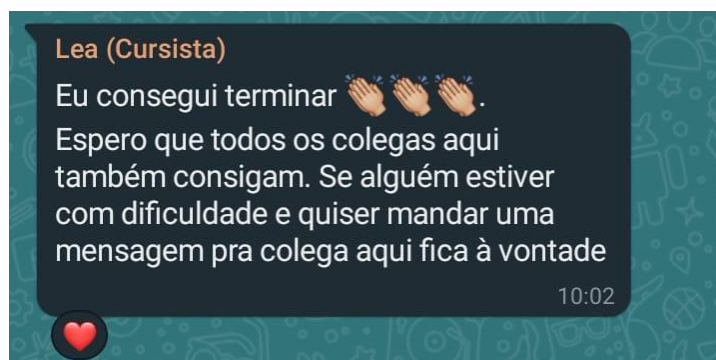
Assim, percebeu-se durante nossa atuação como tutoras, que são necessários meios para “trazer” o aluno para o ambiente do curso, favorecendo assim, a aquisição do saber, na medida em que essas ações permitem a troca de conhecimentos e experiências (SOUZA et al., 2011).

Ao nos depararmos com uma turma de professoras experientes da educação básica, sentimos amorosidade, envolvimento e compromisso com o ensino, visto que a partir de seus relatos durante as aulas, foi possível notar que eles vivem com o intuito de ensinar, não para alguns, mas para TODOS os estudantes.

Percebeu-se inicialmente que os conceitos do DUA trazidos no curso eram novidades para a maioria delas, sendo que as mesmas, relataram que nunca ouviram ou estudaram acerca da temática. Contudo, notou-se a evolução dessas professoras ao fim do curso, pois elas tinham propriedade e convicção ao discutirem sobre os princípios e estratégias do DUA em grupo.

Ao iniciar o curso, como expresse anteriormente, um grupo de Whatsapp foi criado para que a interação entre tutoras e cursistas fosse ainda maior. Nesse grupo, notou-se o envolvimento das professoras/cursistas para com o curso, e a relação construída entre elas, conforme pode-se observar na Figura 1, a seguir, devido a esse espaço de amorosidade e diálogo construído pelas tutoras.

Figura 1: Print Screen do grupo do Whatsapp



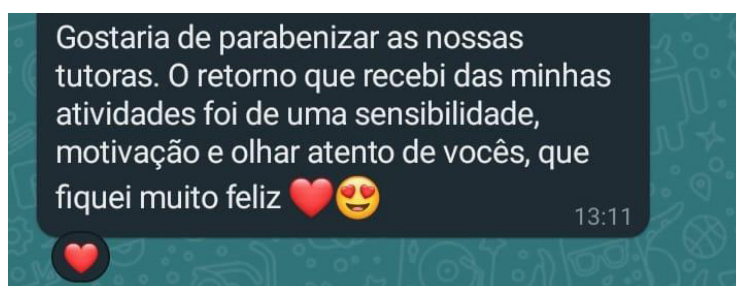
Fonte: Autoras, 2022

Audiodescrição: Print de tela de uma conversa em grupo do whatsapp. Sobre fundo preto, o texto de Lea (cursista): “Eu consegui terminar” e 3 emojis de mãos batendo palmas. Espero que todos os colegas aqui também consigam. Se alguém estiver com dificuldade e quiserem mandar uma mensagem para colega aqui fica à vontade.” Fim da audiodescrição.

Essa interação entre os cursistas foi importante para o processo de ensino e aprendizagem, pois, diante de um cenário no qual os professores fazem uma excessiva carga horária em suas escolas, ter a oportunidade de se apoiar e tirar dúvidas com colegas de profissão é fundamental e inspirador.

Ao fim de todo o processo no curso, além dos *feedbacks* diários pelo grupo de whatsapp quando solicitado e/ou via conversas privadas, as tutoras enviaram a cada uma das cursistas que concluíram o curso, pareceres individuais, através do e-mail vinculado ao ambiente virtual de aprendizagem, ressaltando os pontos positivos e atraentes de suas atividades. Essa ação, conforme mostra a Figura 2, a seguir, reforça a amorosidade vivida durante o curso, no qual acredita-se que tenha potencializado o envolvimento das estudantes e sua relação com o seu próprio processo de ensino e aprendizagem ao longo da trajetória.

Figura 2: Print Screen do grupo do Whatsapp



Fonte: Autoras, 2022

Audiodescrição: Print de tela de uma conversa em grupo do whatsapp. Sobre fundo preto, o recorte do texto: “Gostaria de parabenizar as nossas tutoras. O retorno que recebi das minhas atividades foi de uma sensibilidade, motivação e olhar atento de vocês, que fiquei muito feliz. Imagem de emojis de coração e carinha com olhos de coração.”. Fim da audiodescrição.

Entendemos que ao ler e ressaltar as potencialidades dos trabalhos elaborados pelas cursistas, conseguimos incentivá-las a continuar buscando cursos de aperfeiçoamento como os que vêm sendo promovidos pelas Tertúlias inclusivas do pampa. Além disso, tivemos grande satisfação ao constatar que as cursistas falavam com tanta propriedade sobre a temática do curso.

A exemplo disso, temos a última atividade do curso. Nesta atividade, cada uma deveria fazer um planejamento com base nos conceitos do Desenho Universal para a Aprendizagem, indicando o perfil da turma, possíveis parcerias e alicerçando esse planejamento nos preceitos do DUA e demais conhecimentos adquiridos durante o curso. Obtivemos planejamentos incríveis e muito bem estruturados, que evidenciaram o aprendizado das cursistas.

Um fator que pode ter contribuído para o engajamento e entrega das tarefas, é que boa parte das atividades poderiam ser entregues de variadas

formas, tais como por áudio, vídeo, escrita, uso de imagens, entre outros. Tivemos cursistas que escreveram textos muito bem embasados com uso de um rico referencial teórico, enquanto outras realizaram falas potentes em áudio e vídeo, além disso também tivemos o envio de fotos e apresentações em *powerpoint*.

Disponibilizar vários meios de envio e feitiço das atividades permitiu que cada cursista buscasse a melhor maneira de dividir seus aprendizados, explorando suas potencialidades e expressando os conhecimentos que o curso lhes proporcionou da forma que se sentiam mais confortáveis. Para nós, como tutoras, receber essas tarefas tão diversas, foi bastante empolgante.

Considerações finais

Consideramos, enquanto tutoras, que aprendemos tanto quanto nossas cursistas, pois como bem escreveu Paulo Freire: “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 1996, p. 23). A cada encontro, aprendemos e construímos mais um pouco de conhecimento, não apenas sobre o Desenho Universal para a Aprendizagem, mas também sobre a realidade das professoras que se propunham a dividir conosco suas experiências e incertezas.

Muitas vezes, vimos que a inclusão esbarrava em barreiras impostas por grandes processos burocráticos e entendemos que nem sempre o poder de mudar a realidade de uma escola estava em nossas mãos. Ao mesmo tempo, compreendemos que ao nos propormos estar em um curso como este, já não estávamos mais no mesmo lugar de antes. Já estávamos em movimento e envolvidas de alguma forma em um longo processo de mudança nos nossos contextos escolares. Mudanças que podem quebrar barreiras e construir pontes.

Referências

BRASIL. **Lei nº. 13.146, de 6 de jul. de 2015.** Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm. Acesso em: 14 nov. 2022.

CAST. **Center for Applied Special Technology.** 2014. Disponível em <http://www.cast.org/udl/index.html>. Acesso em: 14 nov. 2022

COSTA, Elisangela da Luz. **Desenho universal para a aprendizagem no ensino de ciências:** estratégias para o estudo do sistema digestório. 340p. Bagé: universidade

federal do pampa, 2018. Disponível em: <http://dspace.unipampa.edu.br/handle/riu/4008>. Acesso em: 14 nov. 2022

DUTRA, Elza. A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. **Estudos de Psicologia**, v. 7, n. 2, p. 371-378, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/vc3HmxqcjLnrQpFpLwskhzm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 nov. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 39 ed. São Paulo: Paz e Terra (Coleção Leitura), 1996.

MUNSTER, Mey de Abreu van; OLIVEIRA, Amália Rebouças de Paiva; GONÇALVES, Adriana Garcia. Desenho Universal para Aprendizagem e Educação Inclusiva: uma Revisão Sistemática da Literatura Internacional. **Revista Bras. Ed. Esp.**, Bauru, v. 25, n. 4, p. 675-690, out.-dez., 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/rGFXP54LSxdkfNmXsD9537M/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 14 nov. 2022.

NUNES, Clarisse; MADUREIRA, Isabel Pizarro. Desenho Universal para a Aprendizagem: Construindo práticas pedagógicas inclusivas. *Da Investigação às Práticas*, v.5, n.2, p. 126-143, 2015.

SANTOS, Yara Magalhães dos. O papel do tutor nos cursos de formação continuada de professores: atribuições, desafios e construção identitária. *In: Congresso internacional de educação e tecnologias, 2020, Universidade Federal de São Carlos. Anais [...]. [S. l.: s. n.], 2020. Tema: Ensino e aprendizagem por meio de/para o uso de TDIC*, p. 1 - 11. Disponível em: <https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2020/article/view/1376>. Acesso em: 14 nov. 2022.

SOUZA, Antônio Artur de; OLIVEIRA, Rosemary da Paixão; LINHARES, Ana Cláudia Linhares; OLIVEIRA, Ligiana Ferreira de. O papel do tutor em cursos a distância baseados em ambientes virtuais de aprendizagem. *In: XI Colóquio internacional sobre gestão universitária na américa do sul, 2011, Florianópolis / SC. Anais [...]. [S. l.: s. n.], 2011. Tema: Gestão Universitária, Cooperação internacional e compromisso social*, p. 1-15. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/26006/3.6.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 14 nov. 2022.

ZERBATO, Ana Paula; MENDES, Enicéia Gonçalves. **Desenho universal para a aprendizagem como estratégia de inclusão escolar**. 147p. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2018. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2018.222.04>. Acesso em: 14 nov. 2022.

Tutoria

REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS COLABORATIVAS DE APRENDIZAGEM NA PERSPECTIVA DO DUA

Roseli de Fátima da Silva Feitosa Galvão²²

Tamara Campos Vaz²³

Michela Lemos Silveira²⁴

*Quem ensina aprende ao ensinar.
E quem aprende ensina ao aprender.*

Paulo Freire

Introdução

O Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) é a temática central deste relato, portanto, é imprescindível que, no resumo do relato de experiência, sejam destacadas as concepções dos princípios do DUA pelas(os) autoras(es), ainda que de forma teórica.

A introdução deverá abranger a contextualização do DUA, da sua atividade e da forma como atuou na construção do curso, desde que voltada à área educacional; o público-alvo; a justificativa para realização da experiência pedagógica/trabalho educativo, que estará relacionada à(s) vivência(s), à(s) prática(s), com viés inovador (O que foi realizado e analisado?). Na sequência,

22 Tutora do Curso DUA; Graduanda em Letras, Universidade Federal do Pampa; Bagé-RS.

23 Tutora do Curso DUA; Graduanda em Letras, Universidade Federal do Pampa; Bagé- RS.

24 Tutora do Curso DUA; Mestra em Ensino - Unipampa, Professora do AEE rede municipal de Bagé-RS.

apresentar os objetivos do trabalho realizado (Por que foi trabalhado desta forma? Para qual(ais) finalidade(s)?

O Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) é um modelo de educação baseado no desenvolvimento do aluno e leva em conta suas deficiências, faixa etária, classe social, diferenças culturais, acesso à informação e diversos outros fatores que interferem no processo de aprendizagem. Todas essas “barreiras” impulsionam o professor a buscar ferramentas que tornem sua aula inclusiva para todos os alunos e, para isso, é necessário que se utilizem de materiais que sigam os princípios do DUA que são: proporcionar múltiplos meios de envolvimento, proporcionar múltiplos meios de representação e proporcionar múltiplos meios de ação e expressão do conhecimento.

O curso de extensão DUA foi proposto com essas intenções citadas acima para que professores do Atendimento Educacional Especializado (AEE), da sala de recursos e da rede pública municipal, estadual, e federal tivessem acesso às informações e as principais concepções do DUA para colocar em prática nas suas salas de aula, não somente para os alunos com algum tipo de deficiência, mas também para aqueles alunos que têm dificuldades na aprendizagem. Ao longo do curso foi possível analisar cada um dos princípios do DUA e unir com as experiências vividas pelos professores cursistas, fazendo assim, um elo entre a teoria e a prática e incitando-os a levar para seu dia a dia na escola os ensinamentos e técnicas passados nos conteúdos apresentados.

Foi possível identificar também os princípios do DUA no desenvolvimento do curso em que foram trazidos recursos de acessibilidade, tais como: a audiodescrição (AD) que foi utilizada no decorrer das atividades ofertadas no curso, possibilitando aos professores cursistas a oportunidade de realizar e exercitar o uso da AD em várias atividades do curso e, dessa forma, levar para suas salas de aula essa experiência vivenciada e propor aos seus alunos que também pudessem utilizar e aprender sobre esse recurso de acessibilidade.

A decisão de trabalhar o DUA de forma não somente teórica, mas também prática, com análises, debates e diversas atividades, teve como objetivo a real prática e implementação dos conceitos do DUA, objetivando de maneira sólida as atividades desses professores/cursistas para que os ensinamentos não fossem perdidos e, sim, enraizados em suas práticas diárias nas escolas.

Procedimentos Metodológicos

Os encontros síncronos, planejado pelas tutoras do Curso DUA, aconteceram através do Google meet, embasados nos cadernos de estudos do curso, que foram divididos em três módulos. A partir destes cadernos era desenvolvido

todo o trabalho de troca de experiências, conhecimento e aprendizagem, pois o conteúdo era riquíssimo.

A metodologia utilizada durante o curso foi baseada na dialética de Vasconcelos (1992) e os encontros síncronos foram realizados pelas tutoras durante os meses do curso (agosto a novembro de 2022) com base na dialética do conhecimento: Mobilização para o conhecimento, Construção do conhecimento e Elaboração da síntese do conhecimento (VASCONCELLOS, 1992).

Uma metodologia dialética poderia ser expressa através de três grandes momentos, que na verdade devem corresponder mais a três grandes dimensões ou preocupações do educador no decorrer do trabalho pedagógico, já que não os podemos separar de forma absoluta, a não ser para fins de melhor compreensão da especificidade de cada um. Como superação da metodologia tradicional, exige-se, pois, - Mobilização para o Conhecimento -Construção do Conhecimento -Elaboração da Síntese do Conhecimento (VASCONCELLOS, 1992, p.02).

No intuito de elucidar o trabalho desenvolvido durante o curso pelas tutoras em consonância com o trabalho desenvolvido pelas formadoras, segue abaixo informações dos conteúdos trabalhados durante cada módulo.

No decorrer do Módulo I, intitulado *Concepções que atravessam as práticas dos/as profissionais da educação*, foi trabalhado da seguinte forma: apresentação das autoras/formadoras; apresentação da Dudalina, um avatar criado pela equipe técnica, para trazer informações sobre horários e datas de entregas de atividades e, também, as vídeo aulas para o desenvolvimento e aprendizagem dos cursistas.

O primeiro módulo tratamos os seguintes conceitos: mobilização para o conhecimento; construção do conhecimento; modelos de concepção de Deficiência; (1- Modelo místico de concepção de deficiência, 2 - Modelo médico de concepção de deficiência, 3 - Modelo médico de concepção de deficiência, 4 - Modelo social de concepção de deficiência); Capacitismo e a desconsideração das várias formas de ocupar o mundo e pôr fim a elaboração da síntese do conhecimento.

Durante o primeiro módulo do curso podemos perceber junto aos cursistas a importância dos conceitos abordados no caderno de estudos e proporcionar aos cursistas nos encontros síncronos, todas as segundas-feiras, momentos de trocas de experiências e práticas relacionadas às temáticas abordadas no caderno 1, conforme Costa et. al, [2023?].

Entendemos que a oferta de um curso online deve priorizar e proporcionar a construção de conhecimento dos cursistas e estar presentes através de meios eletrônicos, tais como: a plataforma *Google Classroom*, *WhatsApp*

e *Google Meet*, no intuito de dar o suporte teórico, técnico e colaborativo para que os cursistas possam construir seus conhecimentos.

Dando continuidade ao segundo módulo do curso, passamos a apresentar o segundo caderno que trabalhou o histórico, conceitos e diretrizes do DUA, a seguir.

O Módulo II, de acordo com Kittel et. al, [2023?] foi denominado de “Histórico, princípios e diretrizes do DUA”, foi organizado pelas formadoras da seguinte maneira: apresentação do personagem Tertúlio, mais um avatar que teve o intuito de mobilizar os cursistas e trazer informações referentes ao módulo em andamento; temática abordadas: mobilização para o conhecimento: Como aprendemos; Estilos de aprendizagem; Construção do conhecimento: Barreiras e Acessibilidade; O encontro de 3 Conceitos: Educação, educação inclusiva e Desenho Universal para Aprendizagem/DUA. Desenho Universal para Aprendizagem: princípios e diretrizes, finalizando com a Elaboração da síntese do Conhecimento.

No decorrer deste módulo, o caderno de estudos contemplou especificamente o DUA e seus conceitos de forma muito clara e didática, ofertando aos cursistas uma reflexão/ação, por meio das atividades ofertadas durante o módulo e dando indicativos de que uma escola para Todos tem o objetivo de pensar em estratégias que contemplem os diversos estilos de aprendizagem, priorizando através de práticas, recursos e planejamento colaborativo entre os professores da sala de aula em parceria com o professor de Atendimento educacional especializado.

Finalizando o curso de extensão DUA, em seu Módulo III, conforme Ferreira et. al, [2023?] foi intitulado de *Planejamento, práticas e recursos pedagógicos com foco no DUA*, relembramos os personagens Dudalina e Tertúlio, mediante informações das atividades, *live* e organização final do curso; abordando os seguintes conceitos: mobilização para o conhecimento: Apresentação de experiências das autoras/formadoras - Quais marcas a escola nos deixou?; Construção do conhecimento; Resgate dos princípios, diretrizes e apresentação dos pontos de verificação do DUA; O que é planejamento e o que é planejar considerando o DUA; Relatos de práticas com base no DUA e Elaboração da síntese do conhecimento.

Durante o período de três meses (de agosto a outubro de 2022) o curso ofertou diferentes formas de acesso para os cursistas no que se refere a conteúdos e atividades, objetivando os princípios do DUA e contemplando os diversos estilos de aprendizados de seus cursistas.

Com relação às ações no decorrer do curso foram ofertadas várias formas de acesso à aprendizagem dos cursistas, tais como: vídeos interativos,

videoaulas com a Personagem Dudalina, figuras ilustrativas e, também, usamos 2 (duas) músicas em momentos de reflexão *Samba Utopia* (Jonathan Silva), *Dazaranha* e *Camerata Florianópolis O Cubo* para despertar sentimentos. Vale destacar que todos os módulos tinham explicações em libras desenvolvidas pelos personagens Dudalina e Tertúlio, e atividades também com acessibilidade para serem desenvolvidas pelos cursistas e tutores, os trabalhos e desenvolvimento do curso contou com a participação de uma equipe técnica, coordenadores, formadoras, professoras, tutores/as e cursistas de quase todos os estados Brasileiros.

Resultados e discussão

Entre todos os tópicos que foram discutidos e desenvolvidos na tutoria no decorrer do curso, um dos temas abordados no módulo I foi sobre capacitismo. Esse tema despertou interesse de todos os participantes e, de imediato, ocorreu um retorno de respostas da turma Sensibilidade, na plataforma Classroom, onde trabalhávamos as atividades com eles. Em nosso encontro síncrono, via *Google Meet*, também houve um desejo dos(as) cursistas de comentar sobre situações cotidianas que aconteciam dentro e fora de seus ambientes de trabalho.

Todos(as) os(as) cursistas e acredito que, moralmente, devo me incluir nesta pauta, devido ao desconforto que o assunto gerou, não somente em mim mas em todos, pois encontramos em nossas falas algumas palavras que remetiam ao capacitismo. Não apenas em nossas falas, mas também na fala de alguns pais ou responsáveis por alguém com deficiência. Assim, fomos abrangendo o círculo entre comunidade escolar, família e sociedade. E sim, foi clara nossa percepção que de alguma maneira a sociedade é tendenciosa a avaliar o que uma pessoa com deficiência é capaz de fazer ou o que ela pode ser.

Seguimos nosso encontro trazendo falas que ouvimos no nosso cotidiano e refletindo sobre elas como, por exemplo: "Nossa, mãezinha, você é forte carrega um fardo pesado"; "Mãe, seu filho é especial? qual a deficiência dele?" Foi bem interessante a dinâmica da conversa no encontro da turma sensibilidade. A mesma dinâmica e sensação aconteceu na turma coletividade e protagonismo. A charge a seguir vem contemplar a temática abordada.

Figura 1: Capacitismo na charge de Ricardo Ferraz



Fonte: Ferraz (2022).

Audiodescrição: Charge em 1 quadro de Ricardo Ferraz. No centro de uma sala uma mulher em uma cadeira de rodas. Ela não tem os braços e as pernas, digita o computador que está na mesa à frente com um lápis preso à boca. Em torno dela, dois homens e duas mulheres comentam: o homem de cabelos amarelos diz: "Incrível". Outro, ao lado, fala: "Parece milagre!". Uma mulher de cabelos laranja segura um café e comenta: "É inacreditável o que estou vendo!". Pouco à direita, uma mulher negra de cabelos curtos tem junto a ela um balão com o pensamento: "Pensei que ela não seria capaz para tal tarefa!". A mulher com deficiência tem os olhos fechados e um balão de pensamento: "Um dia eles vão se acostumar que não somos ET". Fim da audiodescrição

Na turma 14, coletividade, o tópico sobre capacitismo também foi o que mais mobilizou a turma nos encontros síncronos. Foi levado para a sala um vídeo curto (<https://youtu.be/-RaeZm5JFI>), o qual se aprofundava mais no tópico sobre capacitismo e isso fomentou um longo debate sobre como o capacitismo está inserido em nosso dia a dia e como acabamos reproduzindo falas e práticas capacitistas mesmo sem perceber e sem ter a intenção de fazer. As alunas trouxeram várias falas e práticas que elas ouviam no ambiente escolar e essas falas foram desmembradas e analisadas. Foi de grande esclarecimento para todos e podemos observar o quanto essas práticas são prejudiciais e desmotivadoras para os alunos.

Procuramos, com esta discussão, deixar claro a importância da desconstrução do capacitismo no ambiente escolar, além de pontuar a influência que eles(as) cursistas têm como profissionais da educação. Esperamos que com esta nova visão todos consigam desenvolver trabalhos que possibilitem a acessibilidade e a participação total de todos em sala de aula de maneira plena.

A temática capacitismo, abordada no curso, suscitou em diversas reflexões na turma Protagonismo, sendo um assunto bem importante para o momento no qual vivemos. Essa discussão foi muito importante e esclarecedora para os/as cursistas da turma, pois fizeram diversas considerações e muitas também relataram desconhecer o termo capacitismo, mas, com certeza, levaram esse ensinamento para seus espaços de trabalho e vivência.

Considerações finais

Concluimos que o Curso de Extensão DUA, Tertúlias Inclusivas do Pampa, ofertado pela Universidade Federal do Pampa e Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação do Ministério da Educação, a SEMESP-MEC, por meio do Grupo INCLUSIVE (Grupo de Estudos e Pesquisas em Inclusão e Diversidade na Educação Básica e Ensino Superior), oportunizou aos tutores e cursistas, de todos os cantos do Brasil, muitas reflexões em torno do assunto Educação Especial na Perspectiva Inclusiva e suscitou muitos aprendizados, reflexões e ações por parte dos participantes, sobretudo no que se refere aos conceitos abordados sobre DUA, pois entendemos que a garantia de acesso e permanência nas escolas de pessoas com deficiência tem se consolidado, mas que o acesso a um planejamento que respeite, os diversos estilos de aprendizagem, se faz necessário e imprescindível na garantia de direitos para todos.

Referências

COSTA, L. M. L; KITTEL, R; FERREIRA, M, S. Estudos da Deficiência na Educação: refletindo o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) como uma Possibilidade de Ensino para Todas as Pessoas. Capítulo 1 - Concepções que atravessam as práticas das profissionais da Educação, [2023?] No prelo.

KITTEL, R; FERREIRA, M, S; COSTA, L. M. L. Estudos da Deficiência na Educação: refletindo o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) como uma Possibilidade de Ensino para Todas as Pessoas. Capítulo 2 - Saber como incluir é importante, mas saber por que incluir é fundamental, [2023?] No prelo.

FERREIRA, M, S; COSTA, L. M. L; KITTEL, R. Estudos da Deficiência na Educação: refletindo o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) como uma Possibilidade de Ensino para Todas as Pessoas. Capítulo 3 - Planejamento, Práticas e Recursos Pedagógicos com Foco no Desenho Universal para a Aprendizagem/DUA, [2023?] No prelo.

FERRAZ, Ricardo. Disponível em: <https://www.deficienteciente.com.br/entrevista-com-o-cartunista-ricardo-ferraz.html>. Acesso em: 14 nov. 2022.

VASCONCELLOS, Celso dos S. Metodologia Dialética em Sala de Aula. In: **Revista de Educação AEC**. Brasília, nº 83, abril de 1992.

Vídeos

O que é capacitismo? CEART colaborativo. Disponível em: <https://youtu.be/-RaeZm5JFI>. Acesso em: 14 nov. 2022.

O perfil dos participantes do curso de extensão desenho universal para aprendizagem - DUA

Jéssica Corrales da Silva Brandli²⁵

Introdução

O artigo 205, da Constituição Federal, determina que “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família”. O que só aconteceu nos últimos anos com as mudanças na escolarização de pessoas com deficiências intelectual, sensorial, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, devido a implementação da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008) e das Diretrizes Operacionais do Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial (BRASIL, 2009). Esses documentos evidenciam que a inclusão deve ocorrer em todos os níveis de ensino, desde a educação infantil até o ensino superior. Indicam também que o suporte

²⁵ Mestranda em Engenharia Química; Universidade Federal de Santa Maria; Santa Maria – RS. Graduanda do curso de formação pedagógica de professores; Instituto Federal Farroupilha; Júlio de Castilhos – RS.

educacional especializado deve ocorrer, em salas de recursos multifuncionais por meio do Atendimento Educacional Especializado (AEE).

Com essas mudanças houve um aumento significativo no número de matrículas de pessoas com deficiência ao ensino comum. Fazendo com que escolas, universidades, centro de ensino, professores e futuros professores busquem aperfeiçoamento, para atender de forma positiva todos os alunos. Nessa perspectiva a autora buscou cursos para aperfeiçoamento, pois um professor qualificado atende melhor o aluno e influência na permanência deste em sala de aula.

O Desenho Universal para Aprendizagem surgiu a partir do Desenho Universal, que teve origem para remover obstáculos que impedissem a mobilidade de pessoas com deficiência. O DUA “[...] pode ser entendido como uma extensão do Design Universal, de maneira a ampliar seus conceitos, tanto em relação a flexibilização do currículo educacional, quanto no apoio à acessibilidade, e principalmente à aprendizagem” (SANTOS, 2016). Sendo assim, pode-se planejar atividades educacionais para alunos no contexto de uma sala de aula inclusiva.

O uso do DUA inclui reduzir as dificuldades dos professores no ensino e melhorar as oportunidades para que todos os alunos da educação básica tenham êxito no processo de aprendizagem.

O presente relato de experiência tem como objetivo apresentar os dados do curso, as etapas de construção a interação entre equipe técnica, formadoras e cursistas.

Procedimentos metodológicos

O relato de experiência apresenta-se como um texto descritivo, no qual uma experiência vivida é relatada de acordo com o que foi observado no curso *Desenho Universal para a Aprendizagem com foco na Educação Especial e na Perspectiva Inclusiva*, ocorreu nos meses de agosto a outubro de 2022.

O curso adotou a metodologia dialética, com caráter inclusivo, dialógico e crítico-transformador. Essa metodologia propõe que o conhecimento é construído pelas pessoas na sua relação com as outras e com o mundo. Durante os encontros foi possível realizar ações formativas teórico-práticas que buscassem promover a mobilização, engajamento e construção de conhecimentos de forma coletiva, colaborativa, acessível e participativa, utilizando as ferramentas digitais.

O curso teve 25 (vinte e cinco) turmas, 605 (seiscentos e cinco) cursistas, 28 (vinte e oito) tutores, 13 (treze) membros da equipe técnica e 4 (quatro) formadoras. Foram selecionados profissionais de diversas áreas de formação e residentes de cidades por todo o Brasil.

Para facilitar a comunicação utilizou-se o ambiente virtual para a aprendizagem (AVA), o Google Sala de Aula e para encontros síncronos com tutores e cursistas a plataforma de vídeo Google Meet. No ambiente virtual foram postados cadernos de estudos, sequência de atividades que deveriam ser realizadas pelos cursistas e, também vídeos aulas com a explicação de conceitos trazidos nos cadernos de estudos.

Nas quartas-feiras ocorria um encontro virtual com a equipe técnica para alinhar as atividades, organização de material, verificação das atividades da próxima semana e avaliação do desempenho da equipe. E segundas-feiras tutores e cursistas se reuniam para os estudos do caderno e tira dúvidas.

Resultados e discussão

Participaram das atividades do curso 605 (seiscentos e cinco) professores da rede pública de educação básica de todo o Brasil por meio de atividades assíncronas incluindo videoaulas, disponibilização de cadernos de estudo e atividades práticas, disponibilizadas por meio da plataforma Google Classroom e atividades síncronas entre eles, bate papos semanais com os tutores das turmas e com os professores formadores, além de *live* de abertura para cada um dos módulos com a presença de palestrantes externos. Os cursistas foram organizados em 25 turmas, cada turma com a participação de um tutor responsável, que manteve contato por meio de grupos de WhatsApp que permite a rápida interação em cada uma das turmas de forma mais descontraída e informal.

Sobre o perfil dos 605 cursistas, destaca-se a ampla maioria, 93%, do gênero feminino (563), enquanto apenas 7% do gênero masculino (41). Dentre os inscritos, 553 (91,4%) declararam não ter nenhum tipo de deficiência e outros 52 (8,6%) informaram possuir deficiência. As especificidades foram informadas conforme gráfico 1 a seguir:

Gráfico 1: Tipos de deficiência informados pelos cursistas



Fonte: Autora, 2022.

Audiodescrição: Gráfico colorido em formato pizza com os dados dos “Tipos de deficiência informados pelos cursistas” na seguinte ordem: Transtorno do espectro autista; TDAH, Surdez; Dislexias, Deficiência Física, Deficiência Auditiva; Baixa Visão ou Visão Subnormal; Cegueira; Visão Monocular CID H54.4; Deficiências Múltiplas; Superdotação/Altas Habilidades; Epidermólise Bolhosa, Deficiência. Fim da audiodescrição.

É possível observar que é pequeno o número de cursistas que informaram algum tipo de deficiência e, que entre as deficiências, a maioria está relacionado com TDAH. O Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) é um transtorno neurológico, de causas genéticas, ele se caracteriza por sintomas de desatenção, inquietude e impulsividade. Essas informações são importantes para observar as necessidades dos cursistas e, assim, adaptar ou analisar o material a ser disponível, pois o curso é voltado para a produção de recursos pedagógicos acessíveis, verdadeiramente inclusivo e planejado para atender as expectativas e demandas de todos os participantes.

Neste mesmo sentido, os cursistas foram questionados sobre o seu nível de conhecimento sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras), informando que 47% (301) não têm conhecimento, 46% (289) têm conhecimento básico, 3% (15) informaram ter conhecimento intermediário e outros 4% (20), informaram nível avançado em Libras.

Em consonância com os dados apresentados acima, é importante destacar que todo o curso, considerando desde as comunicações realizadas para

o público interno e externo do curso, materiais pedagógicos, atividades síncronas, os bate papos com os tutores e as live, foram trabalhados em paralelo com a tradução em Libras e com a produção do recurso de áudio descrição.

A diversidade dos cursistas pode ser expressa também se observados que 24 estados brasileiros estiveram representantes, uma mistura de sotaques, experiências, vivências e perspectivas que enriqueceram os momentos de bate papo. Embora a ampla maioria dos cursistas seja das regiões Sul e sudeste (Rio Grande do Sul com 263 inscritos, Santa Catarina com 47, Paraná com 20, São Paulo com 66, Minas Gerais com 6, Rio de Janeiro com 18, e Espírito Santo com 3 inscritos), nota-se a presença de cursistas de todas as regiões brasileiras e do Distrito Federal (com 5 inscritos). Estes dados demonstram a abrangência da proposta do curso e o amplo interesse dos professores participantes que se mobilizaram em todos os cantos do Brasil para participar da proposta.

Neste mesmo sentido é possível compreender que a proposta contemplou todos os níveis e modalidades de ensino, estando presente nas redes municipal (com 389 cursistas), estadual (com 163 cursistas), rede particular (com 26 cursistas) e federal (com 23 cursistas) e outros 4 que não informaram seu vínculo profissional com as redes de ensino.

Assim, o curso, em toda a sua extensão, realizou um conjunto de atividades teórico-práticas com relações entre os conceitos trabalhados nos 3 módulos. As atividades foram desenvolvidas de maneira para melhor contemplar a realização da aprendizagem, buscou-se, também, aproximar os cursistas por meio das tecnologias educacionais.

O curso não se resumiu a oferecer subsídios informativos, mas a estabelecer relações teórico-práticas que se traduzem nos cotidianos das escolas e contribuam diretamente para a realização de práticas pedagógicas acessíveis.

Por fim, a participação no curso não significou apenas uma atividade técnica em equipe, mas também uma oportunidade de aprendizagem tanto para os cursistas quanto para os membros da equipe.

Considerações finais

A realização das atividades profissionais como equipe técnica, participação do curso e envolvimento com os cursistas não são uma realidade constante na área profissional da autora. Desta forma, considera-se que houve um ganho significativo de experiência em relação à acessibilidade e, com certeza, acabará impactando em experiências profissionais futuras.

Percebe-se que a aprendizagem não foi apenas no que diz respeito às questões profissionais, mas também para o crescimento pessoal, visto que muitas temáticas trabalhadas no curso não faziam parte do dia a dia da autora.

Por fim, pode-se concluir que independentemente do nível de educação, seja ele, básico, médio, graduação ou formação continuada, todas as pessoas têm o direito de aprender e professores, diretores e comunidade acadêmica em geral tem que estar preparada para recebê-los, ensiná-los e orientá-los. Portanto, considera-se o DUA ferramenta importante e essencial para que todos consigam aprender juntos.

Referências

BRASIL. **Constituição 1988**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, Senado, 2010.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, janeiro de 2008.

BRASIL. **Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial**. Resolução 4. Brasília, 2009.

SANTOS, C.E.R. **Ambiente Virtual de Aprendizagem e Cenários para investigação**: contribuições para uma Educação Financeira acessível. (Tese de Doutorado). Universidade Anhanguera de São Paulo, São Paulo, 2016.

Perspectiva Inclusiva

DUA EM HARMONIA COM OS ESTILOS DE APRENDIZAGEM

Mariléia Corrêa Camargo Rocha²⁶

Mireille Mabel Machado Dworakowski²⁷

Taís Granato Nogueira²⁸

Introdução

A educação é um direito de todos, dever do Estado e da família, garantido pela Constituição Federal de 1988, sendo estimulada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988).

Ao pensar no ensino, devemos pensar em garantir aprendizado para todos, na coletividade, em que não há exceções. É necessário considerar cada educando, individualmente, singulares e únicos, levando em conta que os alunos têm estilos de aprendizagem diferentes que influenciam no modo como aprendem.

Nesse sentido, o Desenho Universal para Aprendizagem (DUA) busca compreender e lidar com a individualidade humana, ao mesmo tempo em que lida com o coletivo, num ambiente em que existem pessoas com diferentes modos de aprendizagem, promove a acessibilidade e amplia o direito de todos/as aprenderem. Seu principal objetivo é superar barreiras estabelecidas em currículos clássicos, apresentados de modo uniformizado, engessado e que estabelecem um modo exclusivo de ensinar e aprender (ROSE; MEYER, 2002).

O curso de extensão, Desenho Universal para Aprendizagem (DUA) com foco no público da Educação Especial na Perspectiva Inclusiva, ofertou 600

26 Tutora da turma esperançar; Universidade Federal do Pampa; Bagé.

27 Tutora da turma colaboração; Universidade Federal do Pampa; Bagé.

28 Tutora da turma comunicação; Universidade Federal do Pampa; Bagé.

vagas para professores da rede pública, nível Brasil, os quais foram separados em 24 turmas. Aqui neste relato de experiência participam três tutoras das respectivas turmas: Colaboração, Comunicação e Esperançar.

Os estilos de aprendizagem (Auditivo, Cinestésico ou Multimodal) são a maneira que um aluno utiliza para poder assimilar os conhecimentos. Isso porque cada estudante identifica-se com um determinado estilo e apresenta mais dificuldade de aprender com outros. Portanto, **cada pessoa é única e singular** no seu modo de aprender.

O objetivo é refletir sobre os estilos de aprendizagens e identificar no DUA alternativas para atender as necessidades das diferentes formas de aprender. Para tanto, utilizamos os cadernos de estudos disponibilizados nos módulos dois e três, a fim de construirmos o autorreconhecimento, refletindo e debatendo sobre as propostas apresentadas.

Procedimentos metodológicos

O presente relato foi desenvolvido pelas tutoras do curso Desenho universal para a Aprendizagem com foco no público da Educação Especial e na Perspectiva Inclusiva. Adotou-se abordagem qualitativa como procedimento metodológico, nos oferecendo a possibilidade de uma pesquisa etnográfica. A partir dos temas apresentados nos cadernos de estudos oferecidos pelo curso, identificamos os estilos de aprendizagens existentes dentro de uma sala de aula, proporcionando reflexões acerca do assunto.

Segundo Sebastian (2019), tem sido realizados estudos há mais de 50 anos, com o objetivo de perceber e distinguir os estilos de aprendizagem. A partir dessas contribuições, apontadas pelo autor, iremos refletir e descrever como melhor chega a informação em cada um de nós. A seguir citamos os estilos de aprendizagem conforme as orientações relatadas acima:

Quadro 1: estilos de aprendizagem

AUDITIVO/A:	Prefere informações faladas e usa perguntas como uma parte importante do aprendizado. Gosta de discutir sobre o que vivencia.
CINESTÉSICA/O OU MANIPULATIVA/O:	Prefere vivenciar os conceitos na prática, aplicar as atividades na vida real. Gosta de envolver o toque em seus afazeres.
MULTIMODAL:	Prefere aprender por meio de métodos visuais, auditivos, de leitura, escrita e cinestésicos.

Fonte: elaborado pelas autoras com base em Sebastian-Heredero, 2019

A partir dos estudos dos três princípios orientadores do Desenho Universal para Aprendizagem (DUA), verificamos que existe a necessidade de atentarmos para a variedade de métodos que possibilitem à aprendizagem quando se almeja um ensino para todos, pois os estilos de aprendizagens devem ser respeitados para que não haja exclusão. Com isso, o objetivo do DUA vai ao encontro com o principal princípio da Educação Inclusiva que é promover a equidade de oportunidades e a valorização das diferenças humanas em todos os aspectos, seja pelas desigualdades étnicas, sociais, culturais, intelectuais, sensoriais, físicas e de gênero. Sendo assim, no modelo inclusivo, a educação especial é diluída na escola regular, transformando-a em um espaço de convívio entre todos, considerando que qualquer pessoa possa vir a ter necessidades particulares em seu processo de aprendizado.

Os princípios orientadores do desenho universal para aprendizagem, de acordo com Nelson (2013), estão fundamentados em pesquisas científicas sobre a aprendizagem, apontando que:

- a. A aprendizagem está relacionada tanto aos aspectos emocionais quanto aos biológicos do indivíduo, isto é, a quantidade de sono e alimentação adequada, as predisposições e as emoções, são fatores que precisam ser respeitados;
- b. É importante que os alunos tenham experiências significativas, tempo e oportunidade para explorarem o conhecimento;
- c. As emoções têm uma importância fundamental uma vez que motivam a aprender, a criar e a conhecer;
- d. O ambiente é muito importante. Os conhecimentos aprendidos precisam ser significativos e se essas aprendizagens não forem usadas em outros ambientes, tais conhecimentos e conexões estagnam-se. Destaca-se nesse princípio, não só a relação entre diferentes contextos de aprendizagem, mas também a transferência dessas aprendizagens para outros ambientes;
- e. A aprendizagem deve ter sentido para o sujeito, de modo que as informações se relacionem e estejam interligadas com quem aprende. Se não for assim, há memorização, mas não aprendizagem;
- f. Cada indivíduo é único e, conseqüentemente, isso nos remete para os estilos, ritmos e modos singulares de aprendizagem em cada indivíduo;
- g. A aprendizagem é aprimorada com desafios e inibida com ameaças, ou seja, o indivíduo precisa tanto de estabilidade quanto de desafio. Tais aspectos têm como premissa os estudos de três grandes sistemas

corticais do cérebro envolvidos durante a aprendizagem: redes de reconhecimento, estratégicas e afetivas (ROSE & MEYER, 2002).

Para melhor compreensão, o quadro abaixo detalha os sistemas corticais do cérebro envolvidos na aprendizagem:

Quadro 2: sistemas corticais do cérebro envolvidos na aprendizagem

Redes afetivas: O porquê da aprendizagem	Redes do reconhecimento: O quê da aprendizagem	Redes estratégicas: O como da aprendizagem
Como engajar os alunos e motivar, desafiar, mantê-los interessados. Estas são dimensões afetivas.	Como reunir fatos e classificar o que vemos, ouvimos e lemos. Identificar letras, palavras ou números é tarefa do reconhecimento.	Planejar e executar as tarefas. Como se expressar e organizar as ideias. Escrever algo ou resolver cálculos matemáticos é tarefa das redes estratégicas.
Instigar por meio dos interesses e motivar para a aprendizagem.	Apresentar informações e conteúdo de diversas maneiras.	Diferenciar as maneiras de expressar o como se deu a aprendizagem.

Fonte: elaborado pelas autoras a partir de Rose e Meyer, 2002

Audiodescrição: Na primeira linha com a coluna “Redes Afetivas: O porquê da aprendizagem”, as informações: “Como engajar os alunos e motivar, desafiar, mantê-los interessados. Estas são dimensões afetivas. Na coluna “Redes do reconhecimento O quê da aprendizagem” as informações: Como reunir fatos e classificar o que vemos, ouvimos e lemos. Identificar letras, palavras ou números é tarefa do reconhecimento.”. Na última coluna “Redes Estratégicas: O como da aprendizagem” as informações: “Planejar e executar as tarefas. Como se expressar e organizar ideias. Escrever algo ou resolver cálculos matemáticos é tarefa das redes estratégicas.” Na segunda linha com a coluna “Redes Afetivas: O porquê da aprendizagem”, as informações: “instigar por meio dos interesses e motivar para a aprendizagem.”. Na coluna “Redes do reconhecimento O quê da aprendizagem” as informações: “Apresentar informações e conteúdo de diversas maneiras.” Na última coluna “Redes Estratégicas: O como da aprendizagem” as informações: “Diferenciar as maneiras de expressar o como se deu a aprendizagem.” Fim da audiodescrição.

Pensando no modo como aprendemos, percebemos que cada um aprende de uma maneira, sendo assim, as autoras deste relato de experiência irão descrever como ocorre o seu processo de aprendizagem.

A tutora da turma colaboração, não havia ainda realizado este exercício de identificação das suas preferências e, a partir da participação no curso, passou a refletir sobre os estilos de aprendizagem. Percebeu que tem facilidade em aprender com vários registros escritos e reescritos, costuma destacar o que considera mais importante, utiliza como estratégia de aprendizado a leitura, apresenta dificuldades com ruídos e sons alheios. Após a autoanálise, se identificou como cinestésica.

A tutora da turma Comunicação identifica-se com o estilo de aprendizagem Multimodal, pois aprende por meio de vários métodos, sendo eles visuais, auditivos, de leitura, escrita e cinestésicos. Tem facilidade na aprendizagem auditiva e precisa na maioria das vezes escrever para memorizar e compreender o que está sendo estudado e apresentado. Esse conceito sobre os estilos de aprendizagem não era de conhecimento da tutora da turma Comunicação, pois, apesar de compreender que as pessoas aprendiam de forma diferente, não tinha conhecimento de que existiam conceitos e estilos de aprendizagens no DUA que explicassem e esclarecessem sobre isso.

A tutora da turma Esperançar confessa nunca ter pensado como se dava sua aprendizagem, considerando o exercício proposto pelas formadoras uma vivência impactante, pois descrever como você aprende pode favorecer o autoconhecimento. A partir da leitura sobre os estilos de aprendizagem, ela se identificou como multimodal, pois costuma rabiscar, grifar pontos importantes, visitar os apontamentos, ouvir podcasts, assistir às aulas, percebendo-se totalmente dependente do papel, da escrita. Mistura as formas de aprendizagem e tem preferência pelo silêncio para não tirar sua atenção.

Resultados e discussão

Durante o curso de extensão, Desenho Universal para Aprendizagem com foco no público da Educação Especial na Perspectiva Inclusiva, o estilo de aprendizagem chama nossa atenção no sentido de resgatar e compreender o jeito próprio de aprender e ensinar, inquietando e identificando que na maioria das vezes, nós professores, ensinamos segundo o nosso próprio estilo de aprendizagem, esquecendo que somos singulares e únicos, e cada ser humano traz consigo o seu estilo de aprendizagem. Nota-se ser uma atitude normal de todo ser humano, visto que, quando estamos ensinando alguém, sem nos darmos conta, queremos que as pessoas aprendam da forma como aprendemos, exemplificando até mesmo um passo a passo com o objetivo de facilitar a aprendizagem. Portanto, já dizia Freire (2003, p. 47), instruir alguém não é diferir o que sabemos e sim criarmos as probabilidades para a construção do conhecimento.

Existem várias formas de aprendizagem, há pessoas que aprendem um conteúdo lendo, ouvindo, fazendo experiências ou até mesmo desenhando esquemas, porém não existe uma forma certa ou errada, nota-se que as habilidades diferenciam um indivíduo para o outro. Com isso fica evidente que a maneira como um assunto ou conteúdo apresentado pode fazer a diferença na compreensão e no aprendizado, pois algumas pessoas respondem melhor a determinados estímulos do que a outros.

No decorrer do curso de extensão, as formadoras inquietaram todos (as) para análise da auto aprendizagem e o resultado foi surpreendente, pois boa parte da equipe, tanto tutores como cursistas não haviam se analisado e não sabiam como se dava esse aprendizado. Considera-se importante o/a professor (a) reconhecer seu próprio estilo de aprendizagem, a partir de então analisar e conhecer o processo de construção do conhecimento de seus alunos, no intuito de criar oportunidades e táticas de acordo com a singularidade da turma.

Segundo Cavellucci:

Os estilos de aprendizagem são a maneira com que o aprendiz utiliza estratégias de aprendizagem na construção do conhecimento. Tais estratégias são ferramentas que o sujeito desenvolve para lidar com diferentes situações de aprendizagem incompatíveis com seu estilo. (CAVELLUCCI, 2006, p.10-11).

Ressalta a importância de avaliar a capacidade dos alunos de aprender, lembrando que cada um/uma têm estilos de aprendizagem diferentes, que influenciam no jeito de assimilar um conteúdo, com isso é necessário considerar o potencial de cada pessoa, desenvolvendo distintas formas de aprender e múltiplas competências, não apenas a que se sabe fazer melhor (MOURA, 2017). Sendo que o professor planeja suas aulas pensando em oferecer acesso à turma para poder desfrutar do conhecimento sem barreiras, estimulando todas as formas de aprendizagem.

Considerações finais

Levando em conta o que foi visto durante o curso, esperamos que todos (as) enxerguem o Desenho Universal para Aprendizagem (DUA) como uma formação continuada, reconhecendo que sua proposta não visa o ensino especificamente para o aluno com deficiência, mas sim em como aperfeiçoar a qualidade de ensino aprendizagem de todos os estudantes.

Conforme as análises constatadas pelas tutoras, tanto nas práticas pedagógicas de suas experiências como docentes, como em suas vivências próprias como discentes protagonistas em sala de aula, certifica-se de que cada pessoa possui um estilo de aprendizagem diferente, considerando suas singularidades, especificidades, particularidades, dificuldades e potencialidades de aprendizado. Cada um tem seu modo e tempo para aprender o que está sendo construído e apresentado. A análise dos estilos de aprendizagem contribuiu para ampliar a visão da busca de novas ferramentas, mudanças de intervenções de forma coletiva e colaborativa para que todos

possam construir os conhecimentos e que mesmo tendo estilos diferentes, o aprendizado possa ser entendido de maneira igual para todos, com o mesmo entendimento. É importante também relatar que, os diversos estilos de aprendizagem contribuem para o educador/docente não se limitar às aulas tradicionais e, sim aulas práticas, que incluem, dança, música, jogos, interatividade e interdisciplinaridade para que os alunos/discentes possam aprender de diversas formas.

Os estilos de aprendizagem no DUA, depende de todas as partes trabalharem juntas, o professor, o atendente de AEE e os alunos, pois somente com um olhar acolhedor, diferenciado e o uso de diversas técnicas, estratégias, ações e materiais adequados poderemos incluir os alunos e promover o acesso de todos estudantes no currículo.

Referências

- BRASIL. Constituição 1988. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, Senado Federal, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 09 nov. 2022.
- CAVELLUCCI, L. C. B. **Estilos de Aprendizagem**: em busca das diferenças individuais. Editora da UFRGS, p. 10-12, 2003.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia** - saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- MOURA, R. B. da S. **As singularidades dos Estilos de Aprendizagem**: a heterogeneidade que potencializa o aprender. 2017. 121f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2017.
- NELSON, L. L. **Design and deliver**: planning and teaching using universal design for learning. Baltimore, Paul. H. Brookes Publishing Co., 151p., 2013.
- ROSE, D. H.; MEYER, A. **Teaching every student in the digital age**: Universal design for learning. Alexandria, ASCD, 216p., 2002. Disponível em: <http://udlguidelines.cast.org>. Acesso em: 09 nov. 2022.
- SEBASTIAN-HEREDERO, E. Estilos de Aprendizagem. Un modelo de escala de observación docente para el registro de estilo de aprendizaje – **REA - Revista Ibero Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 14, n. 4, p. 2301-2317, out./dez., 2019.

O uso da comunicação social e das tecnologias da informação em um curso de extensão online

*Simôni Costa Monteiro Gervasio²⁹
Cristiane Bueno da Rosa de Azambuja³⁰*

Introdução

Este texto tem como objetivo realizar uma discussão sobre a utilização de recursos e conhecimentos oriundos das áreas da Comunicação Social e Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) para a construção e execução do curso de extensão “Desenho Universal para a Aprendizagem com foco no público da Educação Especial e na Perspectiva Inclusiva”, desenvolvido nos meses de agosto, setembro e outubro de 2022, pelo Programa de Extensão Tertúlias Pedagógicas Inclusivas do Pampa, vinculado à Universidade Federal do Pampa (Unipampa), campus Bagé, por meio da Pró-reitoria de Extensão e Cultural (PROEXT) e em articulação com a Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação do Ministério da Educação (SEMESP-MEC).

²⁹ Jornalista. Universidade Federal de Pelotas. Bagé/RS.

³⁰ Servidora Pública. Universidade Federal do Pampa. Bagé/RS.

A proposta é, então, apresentar as diretrizes do trabalho realizado e os seus principais resultados, considerando ainda que todas as propostas efetivadas tinham como premissa de que todas as ações e materiais produzidos precisavam atender aos recursos de acessibilidade e, sempre que possível, atender ao princípio do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) de ser “para todos”. Assim, a interdisciplinaridade se fez presente em todas as produções de modo que diferentes profissionais (intérpretes de libras, áudio descritora, editores de imagens e vídeos) trabalharam em conjunto para a produção e circulação de materiais de comunicação e didático-pedagógicos interessantes em conteúdo, proposta e acessibilidade.

Com a organização das atividades propostas pelo curso “Desenho Universal para a Aprendizagem com foco no público da Educação Especial e na Perspectiva Inclusiva”, com a realização de lives de abertura em cada um dos módulos, a tecnologia da informação e a comunicação social proporcionaram a produção e realização de transmissões ao vivo com a qualidade teórica (conteúdos trabalhados) proporcionada pelos palestrantes, mas também técnica de suporte para a gestão da atividade e produção de materiais complementares e interativos para estes momentos.

Assim, o que se busca com este artigo é demonstrar a utilização das TIC e Comunicação em um ambiente digital de formação continuada de professores, em que se buscou uma atuação complementar e facilitadora para as diferentes demandas, dificuldades e potencialidades vividas no cotidiano dos três meses de execução do curso.

Tecnologias da informação e comunicação

Por tratar-se aqui de um curso de extensão online, é evidente que ferramentas e pressupostos da TIC acompanham todo o processo. No entanto, neste texto, compreendido como um relato de experiência, trataremos do papel específico das tecnologias em relação à gestão do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) do curso e do que chamaremos de mediação técnico-pedagógica da formação.

Com relação ao AVA, ele foi organizado a partir das ferramentas do Google, como em cursos de extensão anteriores organizados pelo Grupo INCLUSIVE (BRIZOLLA et al., 2021; MARTINS, 2021). A Universidade Federal do Pampa contratou o serviço Google Workspace for Education, a partir do modelo NasNuvens da Rede brasileira para educação e pesquisa (RNP),³¹ e, portanto, dispõe de alguns recursos avançados das ferramentas da empresa destinadas a instituições de ensino. Os conteúdos e atividades do

31 Disponível em: <https://www.nasnuvens.rnp.br/solucoes-nasnuvens/google-workspace-for-education-plus>.

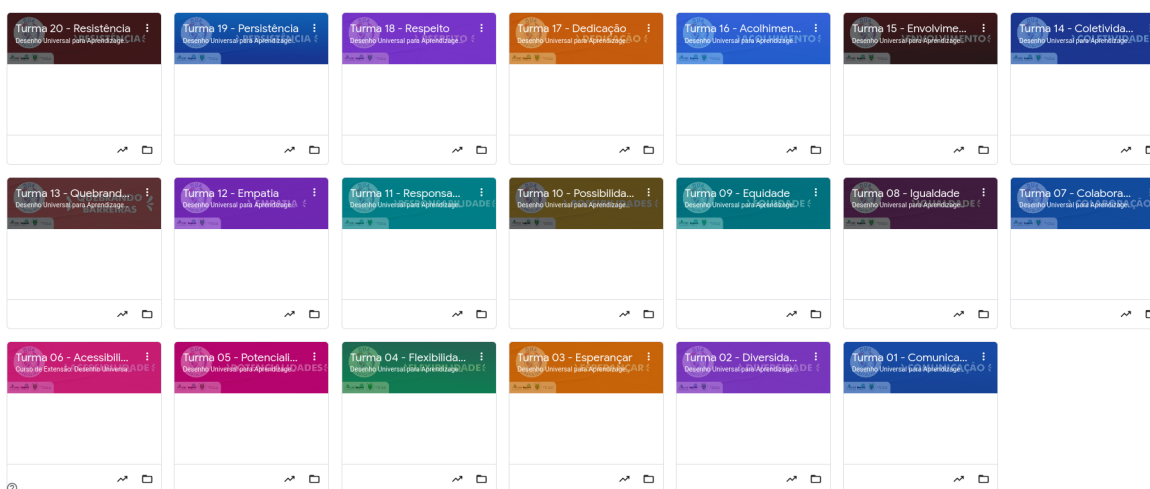
curso foram disponibilizados na plataforma Google Classroom, mas o AVA foi integrado ainda pela ferramenta Google Meet, utilizada para a realização de encontros síncronos semanais, e o Whatsapp, em que cada turma teve um grupo, mediado por seu tutor. Neste texto, somente as ferramentas do Google serão abordadas, já que o gerenciamento dos grupos aconteceu de forma independente, entre tutores e supervisão do curso, e à equipe técnica coube a gestão da plataforma.

No ambiente do Google Classroom, os 600 cursistas selecionados foram distribuídos em 24 turmas, organizados de forma aleatória, visando a diversidade regional e, em caso de cursistas com alguma deficiência, em turmas específicas, acompanhadas por tutores especializados. Da equipe de professores de cada turma, além do tutor, participaram o supervisor e outros integrantes da equipe técnica, como intérpretes de Libras.

Além das 24 turmas, organizamos uma turma adicional, prática aprovada em cursos anteriores, chamada “Espaço dos tutores”, em que os tutores poderiam interagir, receber antecipadamente, visualizar e realizar as atividades no papel de alunos/cursistas. Consideramos esse espaço bastante importante, pois os tutores têm acesso antecipado aos conteúdos e tarefas e podem avaliar as informações publicadas, solicitar ajustes aos professores formadores ou à equipe técnica e ter melhores condições de auxiliar a turma com eventuais dúvidas que possam surgir durante o curso.

Os conteúdos e atividades dos três módulos do curso foram previamente organizados pelas professoras formadoras e equipe técnica e publicados na plataforma na data de início de cada um. Assim, cada cursista pode completar as tarefas do curso de acordo com seu tempo e preferência. Todos os módulos foram apresentados com a mesma estrutura: live de abertura ou fechamento, transmitida também ao público externo pela plataforma Youtube, caderno de estudos, videoaulas gravadas, cronograma sugerido de leituras e atividades propostas, que compreendiam fóruns, envio de comentários, envio de documentos ou arquivos, a critério das professoras formadoras.

Imagem 1: Tela de administração do ambiente no Google Classroom



Fonte: Autoras (2022).

Audiodescrição: Print da tela de administração do ambiente no Google Classroom. Distribuídos em três linhas, 20 pequenos quadros com cabeçalhos coloridos. Cada quadro tem o número de turma e um título. Fim da audiodescrição.

A função de gestão do Google Classroom como AVA compreendeu desde a criação e administração do ambiente à publicação dos conteúdos e atividades. Criadas as turmas, foram realizadas configurações de ambiente (permissões de acesso e personalização), criados os links fixos das salas do Google Meet e adicionadas as equipes de professores. Após a homologação dos selecionados, os cursistas foram distribuídos e adicionados às turmas, sendo o aceite do convite da plataforma a confirmação de matrícula. Os materiais do módulo, assim que finalizados, foram publicados na turma dos tutores, para revisão e estudo, e replicados para as turmas dos cursistas.

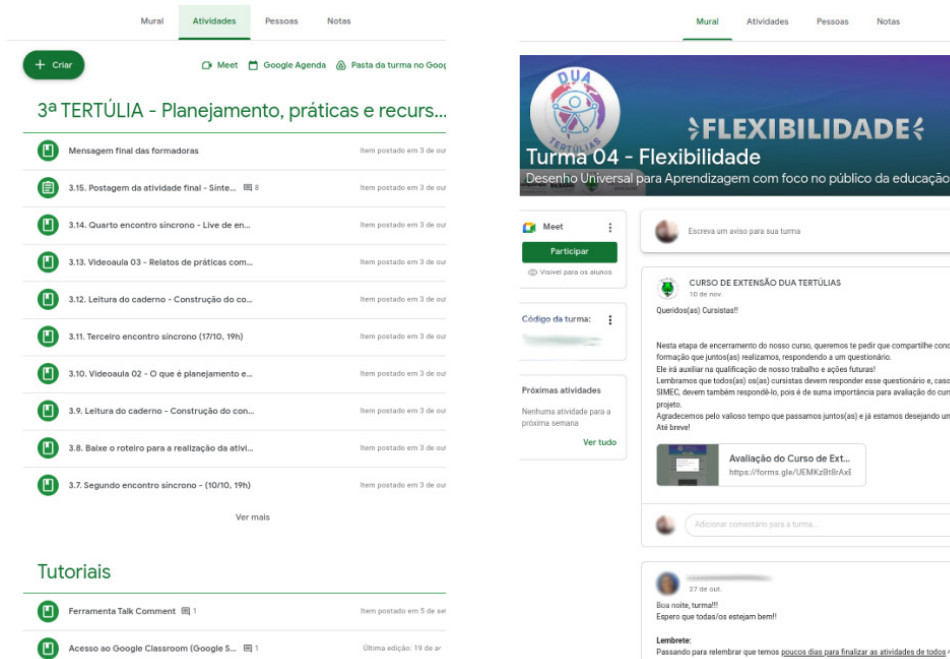
Além dessas atividades previstas, a gestão do ambiente também compreendeu a resolução de problemas e auxílio técnico aos participantes. Os principais problemas e pedidos de auxílio ocorreram nas semanas iniciais do curso, compreendendo principalmente dificuldades de ingresso na plataforma por conta da necessidade de acesso à conta de e-mail. Nesses casos, o espaço no Whatsapp foi fundamental, pois tutores e colegas conseguem auxiliar o cursista, que também recebe tutoriais produzidos pela equipe técnica. Com esse formato, normalmente é possível resolver o problema ou encontrar alternativas para que dificuldades com as TICs não impeçam alguém de participar da formação.

A outra função mencionada foi a de mediação técnico-pedagógica. Esse papel compreendeu o diálogo com a equipe de professoras formadoras, auxiliando com a definição na escolha de tecnologias e com o formato de apresentação de materiais e atividades, e o encaminhamento e gerencia-

mento de tarefas, relacionadas aos materiais didáticos, a outros integrantes da equipe técnica. Assim como outras tarefas relacionadas à organização do curso, a mediação técnico-pedagógica começou bem antes do início da formação, com o objetivo de esclarecer dúvidas e familiarizar a equipe que desenvolveria a proposta pedagógica com a infraestrutura a ser utilizada, e na medida do possível, ajustá-la ou pensar novos recursos que atendessem da melhor forma os objetivos pedagógicos do curso, critérios de acessibilidade e pudessem proporcionar uma melhor experiência aos cursistas.

Dessa forma, realizamos reuniões com a equipe de professoras formadoras, auxiliando na definição das atividades e na produção de materiais. Após a finalização do planejamento e dos materiais de cada módulo pelas formadoras, a responsável pela mediação encaminhava aos demais integrantes da equipe técnica as demandas de criação, edição, revisão e acessibilidade, acompanhando o fluxo de produção até que os materiais estivessem prontos para a publicação na plataforma. Na Imagem 2, apresentamos uma visualização da estrutura de conteúdos e atividades de um dos módulos do curso, publicados no Google Classroom (à esquerda) e da página inicial de uma das turmas, exibindo mensagens no mural e *link* para acesso à sala do Google Meet, da forma como exibida aos cursistas (à direita).

Imagem 2: Print de tela do ambiente de uma turma de Cursistas no Google Classroom



Fonte: Autoras, 2022

Audiodescrição: Print de tela do site do ambiente de uma turma de Cursistas no Google Classroom. À esquerda, um menu de opções. No centro, um campo de login e a direita, a apresentação do curso. Fim da audiodescrição.

Por fim, embora o uso de TICs para a educação não possa ser considerado nenhuma novidade, especialmente com a intensificação involuntária do uso das tecnologias em escolas e instituições de ensino que ocorreu por consequência da pandemia da covid-19, o letramento para a seleção, operação, uso e gerenciamento dos recursos de TIC em espaços educacionais ainda pode ser considerado aquém do necessário, considerando nossa experiência com formações a distância e também as avaliações deixadas pelos cursistas. Portanto, consideramos que as atribuições executadas em relação à área de TIC foram importantes para o bom andamento do curso, facilitando a interação entre a equipe multidisciplinar e proporcionando melhores escolhas de recursos tecnológicos para profissionais e cursistas.

Comunicação social

Revestida do fascínio da interatividade multimídia, a área da comunicação social contribui com a educação *on-line* na medida em que proporciona diferentes oportunidades para formas diferentes de acesso a informações e ao conhecimento. No caso específico de cursos de extensão para formação de professores, o formato online com a inclusão das expertises e conhecimentos da área, possibilitam a gestão de ambientes educativos destinados à aprendizagem onde os alunos possam construir os seus conhecimentos de forma cooperativa e interativa não esquecendo os estilos individuais de aprendizagem.

Trata-se de pensar nas formas como a Comunicação Social pode contribuir para a realização de atividades mais dinâmicas, criativas e participativas. As atividades exercidas pelo comunicador social do curso em questão foram descritas em edital de seleção que, em conjunto com a proposta e demandas do curso, estão explicitadas no quadro abaixo. Foi, a partir do detalhamento de atribuições prevista em edital que se elaborou as atividades a serem realizadas e a utilização das redes sociais e multimídias necessárias.

Quadro 1: Atribuições e atividades do comunicador social do curso

Atribuições Comunicador Social (conforme edital)		
Previsão	Atividade	Local
Atuação em tarefas relacionadas com a produção de materiais educacionais para propagação, difusão, acesso e socialização, entre os cursistas e público externo, do conhecimento sobre as temáticas (conteúdos) trabalhados no curso.	Produção de conteúdo (posts com vídeos/ animações, card Disponível em: https://www.nasnuvens.rnp.br/solucoes-nasnuvens/google-workspace-for-education-plus.s) a partir dos conteúdos trabalhados em cada módulo do curso.	Redes sociais (Facebook, Instagram, WhatsApp e Telegram). No caso de divulgações de atividade com possibilidade de participação do público externo, se usa o Newsletter.
Disseminação de materiais educativos e instrucionais e elaboração de plano de mídia com estratégias para colaborar na manutenção do engajamento dos cursistas.	Posts com canais de dúvidas, redes, e-mail e etc. para uso no moodle, e-mail; Posts sobre os dias de bate-papo; posts com datas e mensagens para continuação do engajamento e participação).	Redes sociais (Facebook, Instagram, WhatsApp e Telegram). No caso de divulgações de atividade com possibilidade de participação do público externo, se usa o Newsletter.
Realização de comunicação externa das informações e ações formativas do curso - contrapartida social para a comunidade e instituições envolvidas na execução do mesmo.	Posts e divulgação via newsletter das ações com possibilidade de participação externa (lives, etc.), release andamento atividades, produção de conteúdo (posts com vídeos/animações, cards) a partir dos conteúdos trabalhados em cada módulo do curso.	Newsletter, redes sociais (Facebook, Instagram, WhatsApp, Telegram). Site Unipampa. PROEXT.
Implantação de ações de relações públicas: planejamento e execução de cerimonial em atividades como palestras e lives e seminários de abertura e encerramento do curso.	Sob demanda para as lives e atividade externas.	Youtube
Gerenciamento de canais de comunicação utilizados no curso, como Telegram, SY, Moodle, WhatsApp, entre outros.	Aproveitamento dos canais de Facebook e Instagram (PRPAED e Inclusive), uso dos grupos de WhatsApp das turmas.	Facebook, Instagram, WhatsApp, Telegram.
Elaboração do plano de mídia e comunicação para o curso, realizando registros digitais das ações formativas nas plataformas digitais.	Com detalhamento das ações previstas no decorrer do curso, com previsão das postagens, conteúdo e datas. Plano de comunicação específico para as inscrições para potencializar a divulgação.	Drive "Materiais de comunicação".

Fonte: Autoras, 2022

Audiodescrição: Quadro de 3 colunas e 2 linhas com as "ATRIBUIÇÕES COMUNICADOR SOCIAL (CONFORME EDITAL) em relação às atividades, atribuições e local. Na primeira linha, na coluna PREVISÃO as informações: "Atuação em tarefas relacionadas com a produção de materiais educacionais para propagação, difusão, acesso e socialização, entre os cursistas e o público externo, do conhecimento sobre temáticas (conteúdos) trabalhados no curso.". No campo ATIVIDADE as informações: "Produção de conteúdo (post com vídeos/animações, card Disponível em: <https://www.nasnuvens/google-workspace-for-education-plus.s>) a partir dos conteúdos trabalhados em cada módulo do curso.". E na coluna LOCAL as informações: "Redes sociais (Facebook, Instagram, Whatsapp e Telegram). No caso de divulgações de atividade com possibilidade de participação do público externo, se

uma o newsletter.” Na segunda linha, na coluna ATRIBUIÇÕES as informações: Disseminação de materiais educativos e instrucionais e elaboração de plano de mídia com estratégias para colaborar na manutenção do engajamento dos cursistas”. Na coluna ATIVIDADE as informações: “Post com canais de dúvidas, redes, e-mail e etc. para uso do moodle, e-mail; Post sobre os dias de bate-papo; post com datas e mensagens para continuação do engajamento e participação). Na coluna LOCAL as informações: “Redes sociais Facebook, Instagram, Whatsapp e Telegram). No caso de divulgações de atividade com possibilidade de participação do público externo, se usa o Newsletter.” Na terceira linha, na coluna ATRIBUIÇÕES as informações: “Realização de comunicação externa das informações e ações formativas do curso - contrapartida social para a comunidade e instituições envolvidas na execução do mesmo.” Na coluna ATIVIDADE o texto: “Post e divulgação via newsletter das ações com possibilidade de participação externa (lives, etc.), release andamento, atividades, produção de conteúdo (posts com vídeos/animações, cards) a partir dos conteúdos trabalhados em cada módulo do curso.”. Na coluna LOCAL: “Newsletter, redes sociais (Facebook, Instagram Whatsapp, Telegram). Site Unipampa, PROEXT.”. Na quarta linha, na colina ATRIBUIÇÕES as informações: “Implantação de ações e relações públicas: planejamento e execução de cerimonial em atividades como palestras e lives e seminários de abertura e encerramento de curso.”. Na coluna ATIVIDADE o texto: “Sob demanda para as lives e atividades externas. E na coluna LOCAL está escrito: Youtube.”. Na quinta linha, na coluna ATRIBUIÇÕES o texto: “Gerenciamento de canais de comunicação utilizados no curso como Telegram, SY, Moodle, Whatsapp, entre outros.”. Na coluna ATIVIDADE as informações: “Aproveitamento dos canais de Facebook e Instagram (PRPAED e Inclusive), uso dos grupos de Whatsapp das turmas.”. Na coluna LOCAL, o texto: Drive “Materiais de comunicação”. Na sexta e última linha, na coluna ATRIBUIÇÕES o texto: “Elaboração do plano de mídia e comunicação para o curso, realizando registro digitais das ações formativas nas plataformas digitais.”. Na coluna ATIVIDADE o texto: “Com detalhamentos das ações previstas no decorrer do curso, com previsão das postagens, conteúdo e datas. Plano de comunicação específico para as inscrições para potencializar a divulgação. Na coluna LOCAL o texto: Drive “Materiais de comunicação.”. Fim da audiodescrição.

Assim, a primeira ação foi a elaboração de um Plano de Comunicação Social, com destaque para o período de pré-inscrições das pessoas interessadas em participar do curso, de modo a disseminar as informações e atingir plenamente o público-alvo do curso. Tal plano previa os objetivos do comunicador social e as ações, com detalhamento de datas e informações e conteúdos a serem trabalhados. Estabeleceu-se então as atividades a serem desenvolvidas e as mídias para cada tipo de comunicação.

A base da divulgação se deu por meio de páginas no Facebook³² e Instagram³³ e do uso de *Newsletter*, entendidos como ferramentas para a disseminação de informações como período de inscrições, cronogramas de atividades, divulgação das *lives* abertas ao público, bem como para a difusão de pequenos vídeos abordando alguns tópicos teóricos que estavam em trabalho nos módulos do curso e que eram apresentados ao público externo, como uma forma de contrapartida social e socialização das ações do curso. Todos os materiais contavam com a produção do designer gráfico e do produtor de vídeo a partir da proposição das informações a serem trabalhadas e, no caso dos vídeos, da produção de roteiros.

32 Disponível em: <https://www.facebook.com/TertuliasAEE>.

33 Disponível em: <https://www.instagram.com/tertuliasdua/>.

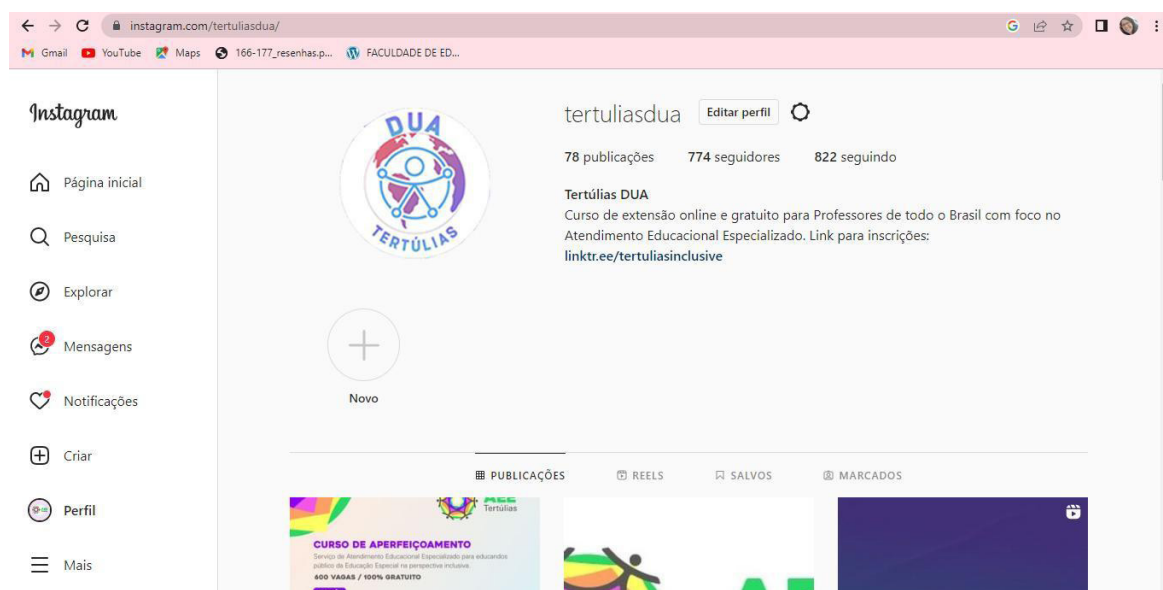
Imagem 3: Print de página do Facebook Tertúlias DUA



Fonte: Autoras, (2022).

Audiodescrição: Print de tela da página do Tertúlias DUA no Facebook. No alto da página um banner em tom degradê do azul para o violeta. À esquerda, logo do Tertúlia DUA e à direita, escrito em branco: Curso de Extensão: Desenho Universal para a Aprendizagem com foco no público da educação especial e na perspectiva inclusiva. Abaixo, logos da Unipampa, Inclusive, Tertúlias e Ministério da Educação. No rodapé a foto do perfil do Tertúlias DUA e à direita, pequenos círculos com as fotos dos seguidores. Fim da audiodescrição.

Imagem 4: Print de página do Instagram Tertúlias DUA



Fonte: Autoras, (2022).

Audiodescrição: Print de tela da página Tertúlias DUA no Instagram. À esquerda, menu de opções, À direita, sobre fundo cinza claro, foto com logo, dados e postagens do perfil. Fim da audiodescrição.

Imagem 5: Print do ambiente de envio de Newsletter



Fonte: Autoras (2022).

Audiodescrição: Print da tela do ambiente de envio de Newsletter. Numa página com fundo cinza claro lê-se: Abertas as inscrições para o curso de Extensão Inline Sobre DUA. Logo abaixo, textos em letras pequenas e um pequeno card de divulgação com fundo em degradê de azul e violeta. Fim da audiodescrição.

Em complementação, as publicações eram também compartilhadas com os grupos de WhatsApp formados pelos cursistas e tutores. Assim, o uso das redes sociais e de comunicação, serviu para a manutenção de um canal de comunicação direto e ativo tanto com os participantes do curso, como com o público externo que teve por meio do trabalho uma oportunidade de acompanhar as ações em desenvolvimento no curso.

Outra ferramenta utilizada nas ações de comunicação social do curso foi a produção de *press releases* que serviam para um detalhamento das atividades, sendo divulgados em parceria com a Universidade Federal do Pampa (Unipampa), por meio do seu *Website*. Assim, foram produzidos press releases para o lançamento do curso, para o período de inscrições, divulgação dos selecionados, para as lives de abertura e encerramento dos módulos, e encerramento do curso, sempre com o objetivo de informar a comunidade acadêmica sobre as ações em andamento.

Por fim, pode-se destacar o trabalho de organização das lives do curso, desde a proposição do roteiro com cerimonial das transmissões ao vivo, até, no caso da live de encerramento, produção dos roteiros dos vídeos de encerramento. Durante as lives, o acompanhamento se dava por meio do

monitoramento dos comentários e perguntas no bate-papo do YouTube de modo a responder a todos.

Internamente, o trabalho da comunicação social se deu por meio da interlocução entre as equipes (equipe técnica, tutores, formadores, gestão do curso) de modo a atender as demandas e agindo como um facilitador.

Em suma, se imagina que a área da comunicação social pode contribuir com o desenvolvimento do curso em questão na medida em que atuou como uma ferramenta disseminadora de informações e facilitadora das interações, contribuindo efetivamente para o andamento do curso e formação dos participantes, considerando ainda sua preocupação constante em tornar todos os materiais acessíveis.

Considerações finais

A partir do relatado, considerando a atuação dessas duas áreas distintas, mas que, em muitos momentos, se aproximam, percebemos que papéis especializados que, arriscamos dizer, normalmente não fazem parte de equipes de organização e execução de cursos de formação similares, são um importante diferencial para o trabalho que acontece além da relação entre cursistas, formadores e tutores. Nesse trabalho, que por não aparecer para o cursista chamamos de trabalho de bastidores, uma boa divulgação, organização do fluxo de processos, minimização e solução rápida de problemas com os recursos e infraestrutura tecnológica e uma boa interação entre todos os participantes é fundamental.

Consideramos, portanto, que com a equipe multidisciplinar e também interdisciplinar que trabalhou para o acontecimento desse curso de extensão, e aqui especialmente com a integração de pessoas com especialidades e atuações específicas nessas duas áreas, conseguimos construir e executar a formação de forma exitosa, construindo o aprendizado para todos os integrantes e proporcionando um espaço acolhedor para os cursistas.

Referências

BRIZOLA, Francéli et al. **INCLUSIVE: experiências, pesquisas e vivências em educação inclusiva no Pampa Gaúcho**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021.

MARTINS, Claudete S. L. (org). **O Serviço de Atendimento Educacional Especializado em contexto de pandemia**: Tertúlias Inclusivas. Vol. I. São Leopoldo: Oikos, 2021.

O intérprete de libras no contexto do desenho universal para aprendizagem (DUA)

Alini Mariot³⁴

Ringo Bez de Jesus³⁵

A sociedade precisa aprender a incluir o diferente, para que ela (sociedade) possa aprender com as potencialidades do diferentes novas formas de se reorganizar."

Mariot, Alini (2019)

Introdução

Ainda em tempos atuais vivenciamos inúmeras barreiras em nossa sociedade, que, muitas vezes, impedem a livre participação social. Uma possibilidade

34 Doutoranda em Diversidade cultural e inclusão social pela FEEVALE, Gestora pública e Intérprete/tradutora em Libras, FURG; Santo Antônio da Patrulha - RS.

35 Doutorando em Estudos da Tradução – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução – UFSC e Intérprete e tradutor de Libras/Português, UFPR, Matinhos – PR.

de enfrentamento destas barreiras foi a participação como intérpretes de Libras e língua Portuguesa do curso desenho universal para aprendizagem, doravante. Por meio da nossa participação no curso DUA, percebemos, a partir das narrativas dos cursistas Surdos, que a barreira da comunicação ainda é um entrave, especialmente quando o sujeito surdo está inserido em espaços inclusivos, e que a acessibilidade linguística não fora pensada desde a concepção da atividade proposta.

Por outro lado, encontramos propostas diferenciadas, como foi o caso do nosso curso, que desde o momento da sua concepção, não mediu esforços para que a acessibilidade linguística pudesse ocorrer conforme preconiza a comunidade Surda.

É importante destacar que, conforme as edições anteriores de cursos de extensão e atividades propostas pelo Grupo Inclusive, a turma bilíngue de Libras ainda permanece forte e cada vez mais ocupada por docentes Surdos de todo Brasil.

Nesta turma bilíngue há presença de Surdos, usuários ou não de Libras, pessoas oralizadas e não oralizadas, sujeitos que utilizam legendas em tempo real e mecanismos de ampliação sonora e demais tecnologias que apoiam a comunicabilidade linguística dos Surdos.

Com esta inúmera diversidade de pessoas surdas, a visualidade é um aspecto comum entre essas pessoas. Com a nossa participação, constatamos um ambiente linguisticamente harmonioso. As experiências que fizeram parte deste espaço enriqueceram a nossa tertúlia bilíngue.

Diante de todo esse cenário, qual é o papel de tradutor e intérprete de Libras no contexto do DUA?

O objetivo deste capítulo não é oferecer uma resposta pronta, mas criar subsídios para os que profissionais compreendam uma prática pedagógica através do DUA, que contemplem a presença do profissional tradutor e intérprete desde a concepção e organização do DUA no ambiente escolar.

O desenho universal para aprendizagem (dua)

Em um breve contexto do DUA na área educacional, ele se constituiu em meados de 1970, tendo seu foco no acesso físico dos alunos em sala de aula, mas, com o passar ele passou a se ancorar em três redes neurais: reconhecimento, estratégia e dimensão afetiva que dão subsídios para os professores durante seu processo de incluir os alunos. Portanto, objetivo geral desse relato de experiência é relatar a compreensão acerca da temática do Desenho

Universal para Aprendizagem e sua contribuição na inclusão e emancipação do sujeito surdo, através da atuação de profissionais tradutores e intérprete de Libras.

Conforme Kittel et. al, [2023?] precisamos reconhecer antes de tudo, que a educação homogênea não atinge a todas as pessoas de forma igualitária. Mas porque estamos levantando esta questão no nosso texto?

A resposta é simples, se somos diferentes, logo aprendemos de forma diferente, possuímos estilos de aprendizagem, e logo de início, o DUA ressalta esta qualidade, “os aspectos individuais que influenciam o modo de aprender de cada pessoa e caracterizam seu estilo de aprendizagem.” (ALONSO, 2007; CAVELLUCCI, 2006; SEBASTIAN, 2019).

Portanto, o profissional intérprete educacional deverá atuar de modo a reconhecer esta especificidade, e, principalmente, o impacto que essa questão se refletirá no seu processo de tradução e interpretação de Libras e Língua Portuguesa no âmbito educacional que estiver inserido.

Este impacto está diretamente ligado a questão da língua, uma vez que a expressão do conhecimento é registrada por intermédio das suas narrativas, sendo elas vocalizadas ou escritas.

De acordo com Kittel et. al, [2023?] o DUA proporciona ao educador refletir e renovar as suas práticas frente as novas demandas educacionais, e ainda “auxiliar as/os educadoras/es a alcançar esse objetivo, proporcionando uma referência para entender como criar currículos que atendam às necessidades de todas/os estudantes desde o primeiro momento”.

Portanto, o DUA pode ser resumido, para o nosso trabalho, mediante esta citação:

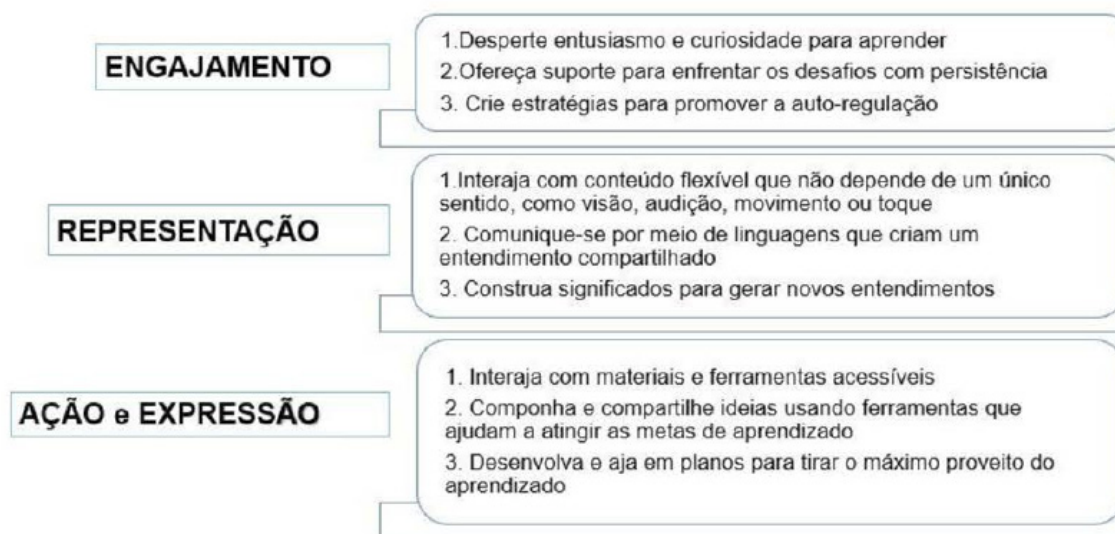
O DUA contempla a variabilidade das/os estudantes, sugerindo metas flexíveis, métodos diversificados, materiais e avaliações que capacitam as/os educadoras/es para atender às inúmeras necessidades. A estrutura do DUA incentiva a criação de designs de currículo flexíveis desde o começo, tendo opções personalizáveis, assim, permitem a todas/os as/os estudantes progredirem de onde realmente estão e não onde teríamos imaginado que elas/es estivessem. As opções para realizar isso são variadas e fortes o suficiente para fornecer um ensino eficaz para todas/os as/os estudantes. Então, pode ser um processo moroso, mas depois disso, mudanças fazem-se pouco necessárias. (Kittel et. al, 2023?).

Nesta perspectiva, para que o intérprete de Libras possa participar ativamente desta rede de articulação na construção do DUA em seu ambiente escolar, ele deverá orientar a sua prática e organização profissional partindo dos princípios e diretrizes propostas pelo DUA.

Por diretrizes, o DUA se baseia-se em três componentes, o engajamento, a representação e à ação e expressão. Os princípios por sua vez, evocação as diretrizes, e a sua variabilidade, com o objetivo de despertar a multiplicidade de implementação de cada prática proposta.

Os princípios e diretrizes se resumem a este quadro:

Quadro 1: descrever o quadro



Fonte: Kittel et. al, 2023, p. 114

Audiodescrição: Quadro em duas colunas com informações referentes aos 3 componentes: Engajamento, Representação e Expressão. ENGAJAMENTO: 1 Desperte o entusiasmo e curiosidade para aprender; 2 Ofereça suporte para enfrentar os desafios com persistência; 3 Crie estratégias para promover a auto-regulação. REPRESENTAÇÃO: 1 Interaja com conteúdo flexível que não depende de um único sentido, como a visão, audição, movimento ou toque; 2 Comunique-se por meio de linguagens que criam um entendimento compartilhado; 3 Construa significados para gerar novos entendimentos; EXPRESSÃO: 1 Interaja com materiais e ferramentas acessíveis; 2 Componha e compartilhe ideias usando ferramentas que ajudam a atingir as metas de aprendizado; 3 Desenvolva e aja em planos para tirar o máximo de proveito do aprendizado. Fim da audiodescrição.

É importante destacar que segundo experimentos realizados, pesquisadores orientam que o princípio do engajamento fique em primeiro lugar na organização das atividades, pois eles desempenham um papel crucial na aprendizagem, desta forma, a estrutura cíclica do DUA, encontra-se motivada na ordem do engajamento, representação, ação e expressão.

Para melhor elucidar os princípios, organizamos esta tabela para facilitar a compreensão deles em relação ao DUA.

Quadro 2: descrever o quadro

Engajamento (mobilização para o conhecimento)	<i>esse princípio está relacionado ao significado e impacto que cada conteúdo proposto terá sobre a/o estudante. Podemos denominar de o “porquê” aprender um determinado conteúdo, este princípio está sendo apresentado em primeiro lugar, mas ele é transversal, perpassa os demais princípios e deverá ser renovado em todos os momentos da aprendizagem.</i>
Representação (construção do conhecimento)	<i>esse princípio está relacionado com o próprio conteúdo que será desenvolvido como suporte teórico para ancorar determinado objetivo de aprendizagem, dessa forma, podemos denominar de “o que” a/o estudante irá aprender. Importante destacar que devemos oferecer diferentes gêneros textuais. As informações e instruções precisam ser apresentadas de maneiras diversificadas pela/o professora/or, ampliando as oportunidades de acesso e aprendizagem. Exemplo: apresentar o conteúdo por meio da palavra falada e escrita, de figuras, livros, vídeos, objetos de referência, dentre outros recursos.</i>
Ação e Expressão (síntese do conhecimento)	<i>o terceiro e último princípio está relacionado a “como” a/o estudante irá expressar o que aprendeu. Devem ser oferecidas diversas possibilidades para que ela/e possa dar materialidade ao seu aprendizado. A/O professora/or pode oferecer um rol de formas que considere adequado ao perfil da turma, para realizar a avaliação, que deve ser processual, valorizando todos os momentos da aprendizagem. Também é importante validar formas criativas e disruptivas de avaliação, que possam surgir de sugestões das/os estudantes como forma de demonstrar o conhecimento adquirido. Exemplo: a/o estudante pode comunicar o que aprendeu por meio da linguagem oral, criação de portfólios, desenhos (se possível), encenação, vídeos, fotografias.</i>

Fonte: Quadro inspirado em Kittel et. al, [2023?] p. 56-57

Por fim, indicamos uma leitura mais aprofundada do DUA, por meio das publicações do CAST³⁶ (Centro de Tecnologia Especial Aplicada/CAST),³⁷ pois o DUA é uma combinação estratégica que se desdobra em pontos de verificação para orientação de planejamentos e estratégias, atividades e avaliações acessíveis, com o intuito de que todos os estudantes alcancem as metas e objetivos de aprendizagem estabelecidos pelo docente.

Procedimentos metodológicos

A metodologia utilizada foi a bibliográfica e a observação em campo, por intermédio da vivência com os surdos que realizaram o curso DUA. Além disso, o destaque é voltado aos encontros síncronos, realizados nas segundas-feiras, que possibilitou a compreensão e o entendimento dos valores dos DUA, assim como a importância do protagonismo dos sujeitos surdos em espaços inclusivos.

36 O CAST reúne pesquisadoras/es, neurocientistas e profissionais da educação e tecnologia para fazer a aplicação dos princípios do Desenho Universal para Aprendizagem/DUA e assim tornar suas práticas mais concretas e aplicáveis ao desenho/planejamento curricular. Esse grupo tem conseguido o reconhecimento internacional pelo tratamento inovador que vem imprimindo com as diretrizes educacionais que expandem as oportunidades de aprendizagem para todos os indivíduos (KITTEL et al., 2023, p. 44).

37 CAST. Diretrizes do Desenho Universal para Aprendizagem versão 2.2. 2018 Disponível em: <https://www.cast.org/impact/universal-design-for-learning-udl>.

Essa proposta de discussão resultou das nossas observações no campo de atuação, por meio dos encontros de discussão de práticas profissionais, nos levando a um questionamento sobre a necessidade de se refletir sobre o papel do intérprete de Libras no contexto do DUA, apontando alguns possíveis caminhos para o melhor fazer profissional junto ao ambiente educacional.

Resultados e discussão

No momento que se utiliza o desenho universal na concepção de ensinar/aprender, o objetivo sempre resulta em incluir todas as pessoas envolvidas neste processo.

Desta forma, a intenção maior do DUA é projeção de uma sociedade que seja emancipadora e não segregadora de alunos e alunas, considerando opção mais inclusiva como a propulsora de equidade.

Em relação aos Surdos, participantes do curso de formação, o DUA se incorporou a uma perspectiva inclusiva, em termos de materiais totalmente acessibilizados em sua primeira língua, a Libras.

Além dos materiais, a nossa presença se deu em momentos de aulas remotas e *live* (síncronas), atendimentos individualizados, traduções de informações escritas, e quaisquer espaços que demandavam comunicação.

Mediante este movimento, estimulamos a presença da pessoa surda, incluindo a preservação da identidade dos surdos e as comunidades surdas de todo Brasil, valorizando e reconhecendo estes artefatos.

A inclusão dos surdos é algo legal, é neste espaço o momento de aprender e estruturar práticas emancipatórias, corroborando com a responsabilidade social e a eliminação de barreiras.

Utilizando os princípios e diretrizes do DUA para inclusão do surdo, muitas mudanças foram necessárias, tanto no nível do currículo, como na prática do professor, pois seu aprendizado é diferente do ouvinte, principalmente, na elaboração e interpretação de textos.

Para o surdo, o instrumento principal para sua aprendizagem é por meio da Libras, obviamente, ela é interconectada com a proposta de desenvolvimento da segunda língua, o português na modalidade escrita.

Na proposta do DUA, não há eliminação de primeira e segunda língua, tão pouco a obrigatoriedade de alguma, há, sim, a oportunidade do educando surdo em optar pelo melhor sistema linguístico diante daquela atividade, sempre valorizando um ambiente equitativo e com oportunidades.

O intérprete de Libras, assim como toda comunidade escolar, deve estar consciente sobre a necessidade de redimensionar valores e diretrizes, reestruturar ambientes, exigindo, muitas vezes, repensar processos de avaliações, investir na capacitação de toda comunidade escolar, e acima de tudo, pensar didaticamente ações físicas, emocionais e de ensino/aprendizagem para todos os alunos.

Portanto, pensar no DUA é também pensar no intérprete, uma vez que o processo é de construção coletiva, e o intérprete se torna fundamental na inclusão do sujeito surdo, pois ele estará presente no cotidiano da pessoa surda, além de ser o profissional especializado que dará o subsídio aos demais integrantes do processo de construção do DUA.

O intérprete neste contexto é quem vai trazer as necessidades e anseios da comunidade surda e muitas vezes vai utilizar deste conhecimento como ponte e momento de troca de experiências com os professores, e a partir desta troca os professores irão repensar estratégias para que todos/todas os alunos estejam na mesma oportunidade de aprendizagem.

O espaço escolar construído na perspectiva do DUA, ressalta o acolhimento a diversidade de todos os alunos, no entanto, este processo demanda que o docente realize um diagnóstico apurado, conhecendo aluno por aluno, identificando as suas limitações, e, principalmente, suas potencialidades, além de conhecer sua realidade cotidiana, visando implementar aulas e ações voltadas a partir deste diagnóstico.

Mesmo o Brasil compartilhando de convenções internacionais e de processos que visam aprimorar a educação especial, buscando cumprir o lema da educação para todos; a inclusão educacional só acontece quando é construída coletivamente, considerando todos os envolvidos. Este aspecto merece destaque, uma vez que grande parte das escolas não contemplam a aprendizagem e o desenvolvimento das potencialidades dos alunos, principalmente os estudantes com alguma deficiência ou dificuldade de aprendizagem.

As práticas de inclusão por meio do DUA, não possuem um significado único e consensual, ela é determinada por vários fatores. Esses fatores, por sua vez, visam um contexto educacional que assegure a participação democrática de cada estudante, pois o acesso à educação é um direito de todos/todas. Quando se trata do DUA, é necessário oportunizar a cada estudante, que aprende de forma singularizada, a vivência em um ambiente plural, que proporciona o respeito a diversidade.

O DUA estabelece paradigmas que vão ao encontro de uma compreensão de mundo construído para todos e por todos, mas para construir um pensamento novo e inclusivo é necessário a desconstrução das verdades

históricas imutáveis, verdades que são fixadas em modelos ideais e padronizados, onde as escolas muitas vezes acabam que por performar apenas um modelo de currículo feito para uma maioria de alunos, descartando o uso recursos visuais, como os alunos surdos necessitam.

Nesta mesma perspectiva, ainda encontramos escolas que estabelecem uma “norma”, ou tendência à normalização ou homogeneização, onde, muitas vezes, o aluno surdo acaba ficando a sua margem dos processos de ensino aprendizagem, situações muitas vezes mascaradas e justificadas pela dificuldade e falta de formação para o atendimento em Libras para o aluno surdo.

Para que a escola vença as barreiras na comunicação, primeiramente ela precisa reconhecer o plurilinguismo e as multiculturas, buscando entender as transformações nos modos de produção social que fazem surgir novas demandas e exigem novas reflexões do professor. Segundo Ferreira e Guimarães (2003):

Constitui verdade inquestionável o fato de que, a todo momento, as diferenças entre os homens fazem-se presentes, mostrando e demonstrando que existem grupos humanos dotados de especificidades naturalmente irreduzíveis. As pessoas são diferentes de fato, em relação à cor da pele e dos olhos, quanto ao gênero e à sua orientação sexual, com referência às origens familiares e regionais, nos hábitos e gostos, no tocante ao estilo. Em resumo, os seres humanos são diferentes, pertencem a grupos variados, convivem e desenvolvem-se em culturas distintas. São então diferentes de direito. É o chamado direito à diferença; o direito de ser, sendo diferente (FERREIRA; GUIMARÃES, 2003, p. 37).

Portanto, para que o DUA seja uma realidade escolar, há de se pensar além dos princípios e diretrizes da proposta, a construção de novos espaços/ currículos que dialoguem com as diferenças, em níveis culturais, linguísticos, sociais, com marcadores sociais, de gênero, classe, etnia, raça e deficiência, pois estes marcadores não podem ser fatores de exclusão mas sim, aspectos motivadores para a construção de novas práticas educacionais, onde os estudantes surdos possam ser protagonistas de seus discursos e que reconheçam o valor de transformação que a escola e a vida escolar podem impactar em sua história social.

Considerações finais

A figura do intérprete educacional, especialmente os profissionais imersos na prática do DUA, evidenciam a fusão entre a prática interpretativa e a ação pedagógica (ALBRES, RODRIGUES, 2018), interseccionando os princípios do

DUA e as novas demandas sociais de atuação dos profissionais no campo educação.

Para implementar a proposta do DUA, e conforme já mencionado anteriormente, o intérprete deverá atuar de modo a reconhecer esta especificidade, em detrimento da prática tradicional, e principalmente, vislumbrar o impacto que essa questão se refletirá no seu processo de tradução e interpretação de Libras e Língua Portuguesa no âmbito educacional que estiver inserido.

Desta forma, o intérprete deverá buscar, compreender e se empoderar dos princípios, diretrizes e pontos de verificação da proposta DUA, reconhecendo o seu lugar de protagonista na composição da interdisciplinaridade da estrutura educacional.

Referências

- ALBRES, Neiva de Aquino; RODRIGUES, Carlos Henrique. As funções do intérprete educacional: entre práticas sociais e políticas educacionais. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso** [on-line]. 2018, v. 13, n. 3 [Acesso em: 30 nov. 2022], p. 15-41. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2176-457335335>. ISSN: 2176-4573.
- ALONSO, C. M.; GALLEGO, D. J.; HONEY, P. **Los estilos de aprendizaje**: procedimientos de diagnóstico y mejora. Madrid: Mensajero, 2002.
- BARROS, D. M.V. **Tecnologias de la Inteligência**: gestión de la competencia pedagógica virtual. Madrid: Popular, 2007.
- CAST. **Diretrizes do Desenho Universal para Aprendizagem versão 2.2**. 2018 Disponível em: <https://www.cast.org/impact/universal-design-for-learning-udl>. Acesso em: dia mês ano.
- CAVELLUCCI, L. C. B. **Estilos de Aprendizagem**: em busca das diferenças individuais. Editora da UFRGS, p. 10-12, 2003.
- FERREIRA, Maria Elisa Caputo; GUIMARÃES, Marly. **Educação Inclusiva**. Rio de Janeiro, DP&A, 2003.
- MENDES, E. G. **Perspectivas atuais da educação inclusiva no Brasil**. Anais do III encontro de Educação Especial da UEM. Maringá, p. 15-35, 2001.
- SEBASTIAN-HEREDERO, E. Estilos de Aprendizagem. Un modelo de escala de observación docente para el registro de estilo de aprendizaje – REA -. **Revista Ibero Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 14, n. 4, p. 2301-2317, out./dez., 2019.

KITTEL, R; FERREIRA, M, S; COSTA, L. M. L. Estudos da Deficiência na Educação: refletindo o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) como uma Possibilidade de Ensino para Todas as Pessoas. Capítulo 2 - Saber como incluir é importante, mas saber por que incluir é fundamental, [2023?] No prelo.

Sobre os autores e autoras

NOME E AUTOBIOGRAFIA

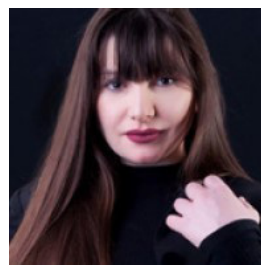
ADRIANA MARTINS DA SILVA

Atua como Professora do Ensino Médio, disciplina Educação Especial-Deficiência Auditiva na EEEM Dr. Carlos Kluwe. Docente substituta na Universidade Federal do Pampa, componente LIBRAS. Possui Graduação em Letras e Espanhol e respectivas Literaturas pela Universidade da Região da Campanha (URCAMP) e, ainda, Especialização em Educação Inclusiva pela Faculdade UNICID 455h, possui Especialização em LIBRAS pela faculdade São Braz 400h. Pós graduação Libras/Português - Tradução e interpretação 600h. De forma complementar. Possui cursos na área de LIBRAS. Prestou serviços como Tradutora e Intérprete de Libras em diversas atividades no Senac RS totalizando 254 horas. Atuou como ministrante de curso básico de Libras, módulo I, promovido pelo projeto INCLUIR do Ministério da Educação totalizando 60h Participou do Curso de Aperfeiçoamento O Ensino de Língua Brasileira de Sinais na Perspectiva da Educação Bilíngue como Tutora perfazendo carga horária 180h na Universidade Federal do Pampa. Participou do Curso "Socializando LIBRAS" organizado pela UERGS, perfazendo 80h. Curso de Aperfeiçoamento de Tradução e Interpretação na UFPEL, perfazendo 64h. Atuou como Monitora em curso de LIBRAS ofertado pela Universidade da Região da Campanha - URCAMP 40h. Atua como estudante no grupo de Estudos e Pesquisa em Inclusão e Diversidade na Educação Básica e no Ensino Superior, da Universidade Federal do Pampa. Tutora no Curso de Extensão em SAAE em contexto de pandemia 90h. Tutora no Curso de extensão de DUA. Mestrado Acadêmico em Ensino - Universidade Federal do Pampa Campus Bagé - RS (Em andamento).



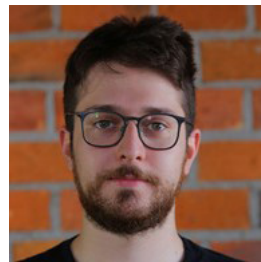
ALINI MARIOT

Escritora, formada em pedagogia pela UNESCO, Especialista em Interpretação/tradução e Docência em Libras pela UNINTESE, Especialista em Políticas Públicas, Especialista em Atendimento Educacional Especializado - AEE e estou cursando no momento uma Especialização em Gestão Pública pela UERGS. Também sou Mestre em Ciências Exatas pela Universidade Federal do Rio Grande -FURG e Doutoranda em Diversidade Social e Inclusão Social pela FEEVALE. Atualmente sou Coordenadora da Pró-reitoria de assuntos estudantis - PRAE da FURG de Santo Antônio da Patrulha, responsável pelo núcleo de inclusão da mesma PAENE e conduzo o Projeto Inclusão da Diversidade. Tenho mais de 10 anos de experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Especial, tradução/interpretação de Libras e gestão pública. Sou Pesquisadora na área de ensino e metodologias de ensino no âmbito da acessibilidade, gestão acessível, políticas públicas, Diversidade social, gênero e empatia social. Criadora e mentora do Projeto Bilíngue Não há barreiras que a Libras não possa transpor e autora do mesmo título que conquistou destaque na área acadêmica no ano de 2019 como o segundo melhor livro, conquistado por voto popular. Extremamente apaixonada por inclusão, gestão da diversidade, empatia e acessibilidade!

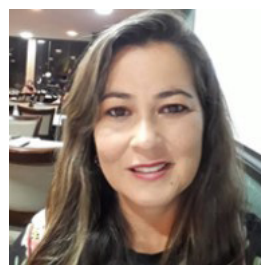


AUGUSTHO DA COSTA SOARES

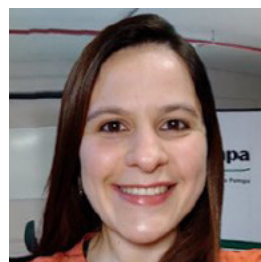
Mestrando do Programa de Pós-graduação em Ensino da Universidade Federal do Pampa (Unipampa). Bacharel em Jornalismo pelo Centro Universitário da Região da Campanha (Urcamp). Pós-graduado Docência do Ensino Superior e Metodologias Ativas de Aprendizado e, também, em Comunicação e Marketing pela Faculdade Descomplica. Atua profissionalmente como jornalista e designer gráfico. Possui pesquisas nas seguintes áreas: Mídias e Educação; Teorias da Comunicação e Ensino.

**CLAUDETE DA SILVA LIMA MARTINS**

Professora na Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA, atuando no Campus Bagé como docente dos cursos de licenciatura e de pós-graduação stricto sensu no Mestrado Acadêmico em Ensino (MAE). Licenciada em Pedagogia, com especializações na área da Educação Especial (URCAMP-UFSM), mestrado e doutorado na área da Educação (UFPEL). Atualmente, é coordenadora do Programa de extensão Tertúlias Pedagógicas Inclusivas no Pampa, dos Cursos de extensão Desenho Universal para a Aprendizagem com foco no público da Educação Especial e na perspectiva inclusiva, Produção de recursos pedagógicos acessíveis e do Curso de aperfeiçoamento Serviço de Atendimento Educacional Especializado para educandos públicos da Educação Especial na perspectiva inclusiva. na UNIPAMPA. Vice-líder do INCLUSIVE: Grupo de Estudos e Pesquisas em Inclusão e Acessibilidade na Educação Básica, membra do Grupo de Pesquisa em Inovação Pedagógica na Formação Acadêmico-Profissional de Profissionais da Educação (GRUPI) e do Grupo Interinstitucional Minuano. Foi orientadora educacional, gestora, supervisora e professora efetiva nas redes municipal e estadual de ensino de Bagé/RS. Tem experiência na área da educação, atuando e investigando temas vinculados à formação de professores, educação inclusiva, políticas públicas e práticas pedagógicas inclusivas. Currículo LATTES: <http://lattes.cnpq.br/6268846689825329>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9221-6065>. E-mail: claudetemartins@unipampa.edu.br.

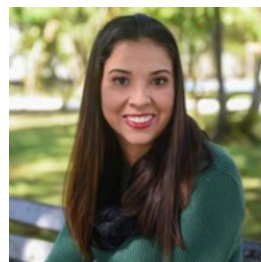
**CRISTIANE BUENO DA ROSA DE AZAMBUJA**

Técnica em processamento de dados e graduada em Informática pela Universidade da Região da Campanha (URCAMP), especialista em Redes de Computadores, graduanda em Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa, na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Mestra em Ensino pela UNIPAMPA e Analista de Tecnologia da Informação também na UNIPAMPA (Reitoria), atuando na área de Redes e Suporte em Tecnologia da Informação e Comunicação e em colaboração com diversas atividades de ensino, pesquisa e extensão. Suas áreas de interesse incluem: Linguística Aplicada, Tecnologias da Informação e Comunicação e suas relações sociais, Letramentos/Novos Letramentos escolares e não escolares e cultura digital.



EMANUELLE AGUIAR DE ARAUJO

Gestora de Recursos Humanos, licenciada em geografia pela UFPR Litoral, presidente do Conselho Estadual dos Direitos da Pessoa com Deficiência - COEDE/PR, membra do grupo Inclusive Grupo de Estudos e Pesquisa em Inclusão e Diversidade na Educação Básica e Ensino Superior da Universidade Federal do Pampa, palestrante, pesquisadora sobre acessibilidade, corpo e sexualidade da mulher com deficiência, capacitismo e educação inclusiva.

**FERNANDA DE LIMA PINHEIRO**

Licenciada em Ciências da Natureza pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), campus Uruguaiana. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ensino da UNIPAMPA, campus Bagé, com bolsa CAPES/FAPERGS. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Inclusão e Diversidade na Educação Básica e Ensino Superior - INCLUSIVE, do Grupo de Pesquisa em Inovação Pedagógica na Formação Acadêmico-Profissional de Profissionais da Educação - GRUPI e do Grupo Interinstitucional Minuano de Estudos e Pesquisa em Inclusão e Diversidade - GIMEPID.

**FRANCINE CARVALHO MADRUGA**

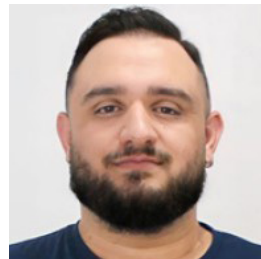
Professora da rede pública municipal de Bagé, atuando no atendimento educacional especializado – AEE. Formada em Magistério e Graduada em Educação Especial (UFSM). Pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional (PORTAL – Faculdades) e em Transtorno do Espectro Autista e Transtornos Globais do Desenvolvimento (UNINA). Com Especialização em Atendimento Educacional Especializado – AEE (UFC) e Mestrado Acadêmico em Ensino (PPGMAE/UNIPAMPA, Campus Bagé). Membro do Grupo INCLUSIVE - Grupo de Estudos e Pesquisa em Inclusão e Acessibilidade na Educação Básica e no Ensino Superior.

**JÉSSICA CORRALES DA SILVA BRANDLI**

Mestranda em Engenharia Química pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Graduada do curso de formação pedagógica de professores pelo Instituto Federal Farroupilha - IFFAR. Engenheira Química formada pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Atualmente é técnica administrativa na Universidade Francisca - UFN.

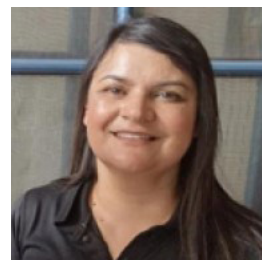
**MARCELO RODRIGUES BARBOZA DUARTE**

Mestrando em Ensino (Unipampa). Especialista em Docência do Ensino Superior com Metodologias Ativas de Aprendizagem (UniAmérica/Descomplica). Bacharel em Jornalismo (Urcamp) e produtor de conteúdo. Pesquisa sobre teoria da comunicação, educação midiática, estudos culturais, inovações pedagógicas e metodologias ativas de aprendizagem. Pesquisador do projeto Letramento midiático: educação no combate à desinformação, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Federal do Pampa. E-mail: marcelorbduarte@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0294-645X>.

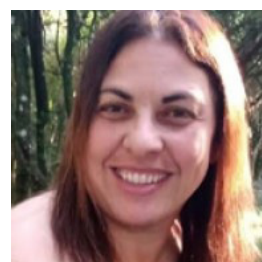


MARILÉIA CORRÊA CAMARGO ROCHA

Licenciada em Letras Português pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Membro do INCLUSIVE: Grupo de Estudos e Pesquisas em Inclusão e Diversidade na Educação Básica e no Ensino Superior. Atuou como Tutora no Curso de Extensão em SAEE em contexto de pandemia 90h. Tutora no Curso de Extensão em Produção de Recursos Pedagógicos Acessíveis para Estudantes com Deficiência - (PRPAED). Tutora no Curso de extensão de Desenho Universal (DUA) para Aprendizagem 90h E atualmente Tutora do Curso de aperfeiçoamento: Serviço de Atendimento Educacional Especializado para Educandos Público da Educação Especial na Perspectiva Inclusiva perfazendo 180h. Currículo: Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7330131616271595>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1780-4454?lang=pt>.

**MICHELA LEMOS SILVEIRA**

Mestra pelo Programa de Pós-graduação em Ensino da Universidade Federal do Pampa -PPGMAE- (UNIPAMPA - Bagé), pós-graduada em AEE (UEM-PR), Especialista em AEE com ênfase em Deficiência Intelectual (PORTAL- Faculdades), graduada em Educação Especial (UFSM-RS) e cursei magistério. Professora de AEE, há quinze anos nas SRM, da rede municipal de Bagé. Sou membro do Grupo INCLUSIVE - Grupo de Estudos e Pesquisa em Inclusão e Diversidade na Educação Básica e no Ensino Superior, que atua com estudos e pesquisas na área da diversidade e inclusão e acessibilidade pedagógica na perspectiva da Educação para Todos.

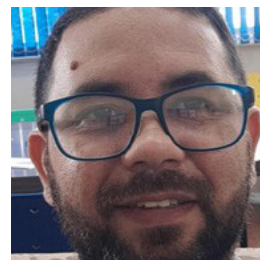
**MIREILLE MABEL MACHADO DWORAKOWSKI**

Graduada em Letras - Português e Literatura da Língua Portuguesa (UNIPAMPA - 2020). Professora da rede pública estadual/RS - componente Língua Portuguesa, para o Ensino Fundamental e Médio. Componente Arte, para o Ensino Médio. Membro do grupo INCLUSIVE: Grupo de Estudos e Pesquisas em Inclusão e Diversidade na Educação Básica e no Ensino Superior. Atuou como Tutora no Curso de Extensão em SAEE em contexto de pandemia. Tutora no Curso de Extensão em Produção de Recursos Pedagógicos Acessíveis para Estudantes com Deficiência (PRPAED). Tutora no Curso de extensão de Desenho Universal (DUA) para Aprendizagem. Atualmente, Tutora do Curso de aperfeiçoamento: Serviço de Atendimento Educacional Especializado para Educandos Públicos da Educação Especial e na Perspectiva Inclusiva.

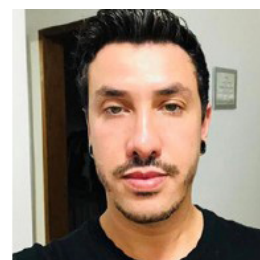


RICARDO COSTA BRIÃO

Possui graduação em Licenciatura em Filosofia - UFPEL (2018), Licenciatura em Química (2022) e Pedagogia (2021) e em Tecnologia em Agropecuária - Fruticultura pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (2008). Especialista em Educação e Diversidade Cultural na Universidade Federal do Pampa - Unipampa - Bagé - RS - 2017 e Pós-Graduação Latu Sensu em Neuropsicopedagogia (2020 - INTERVALE) Mestre em Ensino pela Universidade Federal do Pampa - Unipampa - Campus Bagé - RS. Membro do Grupo de Pesquisas em Inclusão - INCLUSIVE da Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA. Membro do Grupo de Pesquisa Inovação Pedagógica na Formação Acadêmico-Profissional dos Profissionais da Educação (GRUPI); Avaliador da Revista Eletrônica Científica de Ensino Interdisciplinar - RECEI - UERN (Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - RN); Avaliador da Revista Educação e Cultura Contemporânea - REEDUC - Universidade Estácio de Sá - RJ Professor de escolas públicas no RS desde 2009, tem interesse no desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras no ensino de Química e Ciências Humanas, constante participação em Feiras de Ciências e eventos em educação. Supervisor do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID QUÍMICA - CAPES - UNIPAMPA - 2013 Orientador de Estudos do Pacto Nacional pelo desenvolvimento do Ensino Médio na Escola Estadual de Ensino Médio Silveira Martins (2014) Coordenador do Projeto Ponto de Cultura - Secretaria de Cultura de Bagé RS 2014.

**RINGO BEZ DE JESUS**

Tradutor e Intérprete de Libras-Português na Universidade Federal do Paraná (UFPR) desde o ano de 2008. Doutorando (2019) e Mestre (2017) em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bacharel (2013) e licenciado (2018) em Letras com habilitação em Língua brasileira de sinais - Libras pela UFSC. É pesquisador do grupo de pesquisa PEDITRADI - Pedagogia e Didática da Tradução e da Interpretação, vinculado à CAPES/CNPq e à UFSC. Desenvolve pesquisas na área dos Estudos da Interpretação comunitária, interpretação em contextos da saúde, formação e profissionalização de intérpretes de língua de sinais no contexto da saúde e Didática de Tradução com base na Abordagem por Tarefas de Tradução e na Formação baseada em Competência Tradutória.

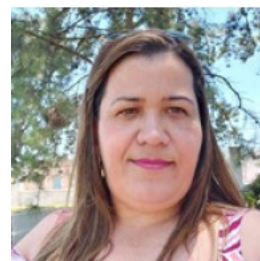
**ROSELI DE FÁTIMA DA SILVA FEITOSA GALVÃO**

Graduanda no curso de Letras e Línguas Adicionais e suas Respectivas Literaturas da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA).

Membro do INCLUSIVE: Grupo de Estudos e Pesquisas em Inclusão e Diversidade na Educação Básica e no Ensino Superior, com ênfase em estudos e pesquisas na área da Diversidade, Inclusão e acessibilidade pedagógica na perspectiva da Educação igualitária. Atuou como Tutora no Curso de Extensão no (DUA) Desenho Universal para Aprendizagem 90h.

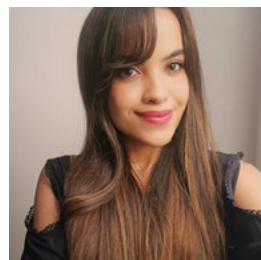
Atualmente, sou Tutora do Tertúlias AEE, Curso de Aperfeiçoamento do Atendimento Educacional Especializado, sendo ofertado e direcionado a professores (as), da Rede Pública nos estados Brasileiro, perfazendo 180h.

Apaixonada pela vida, por conhecer lugares, sou MÃE da Paty, do Pedro e Paulo, e sempre digo: função difícil e prazerosa que a vida me proporciona.

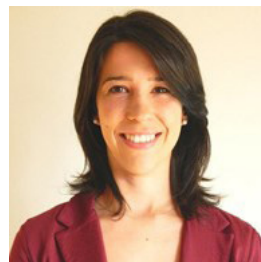


SAMARA DE OLIVEIRA PEREIRA

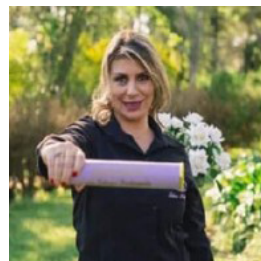
Licenciada em Química pela Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA, campus Bagé. Especialista em gestão de processos industriais químicos pela UNIPAMPA, campus Bagé. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ensino da UNIPAMPA, campus Bagé, com bolsa CAPES/FAPERGS. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Inclusão e Diversidade na Educação Básica e Ensino Superior - INCLUSIVE, do Grupo de Pesquisa em Inovação Pedagógica na Formação Acadêmico-Profissional de Profissionais da Educação - GRUPI e do Grupo Interinstitucional Minuano de Estudos e Pesquisa em Inclusão e Diversidade - GIMEPID.

**SIMÔNI COSTA MONTEIRO GERVASIO**

Jornalista e pedagoga. Doutoranda em Educação pela Faculdade de Educação (FAE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEl), na linha de pesquisa Filosofia e História da Educação. Mestre em Ensino (2019) pela Universidade Federal do Pampa (Unipampa) e especialista em Educação e Diversidade Cultural (2017) e Linguagem e Docência (2014), pela mesma universidade. Dedica-se a pesquisas relacionadas aos impressos pedagógicos históricos e seus processos de produção/escrita. Membro dos grupos de pesquisa Grupo de Pesquisa em História da Educação, Repositórios Digitais e Acervos Históricos (PHERA) e do Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (CEIHE). Professora voluntária da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), unidade Bagé no curso de Pedagogia. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/1781209696259968>.

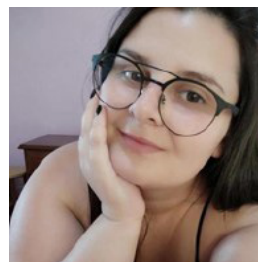
**TAÍS GRANATO NOGUEIRA**

Técnica em Processamento de Dados (URCAMP-1995).
Graduada em Letras - Português e Literatura da Língua Portuguesa (UNIPAMPA - 2020).
Professora da rede pública estadual/RS - componente Língua Portuguesa, para o Ensino Médio.
Membro do grupo INCLUSIVE: Grupo de Estudos e Pesquisas em Inclusão e Diversidade na Educação Básica e no Ensino Superior. Atuou como Tutora no Curso de Extensão em SAAE em contexto de pandemia.
Tutora no Curso de Extensão em Produção de Recursos Pedagógicos Acessíveis para Estudantes com Deficiência (PRPAED).
Tutora no Curso de extensão de Desenho Universal (DUA) para Aprendizagem.
Atualmente, Tutora do Curso de aperfeiçoamento: Serviço de Atendimento Educacional Especializado para Educandos Público da Educação Especial na Perspectiva Inclusiva.
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8391045845515017>.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0344-6406>.
E-mail: tais.granato.77@gmail.com.

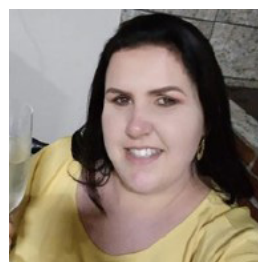


TAMARA CAMPOS VAZ

Tamara Campos Vaz, 27 anos, nascida em Bagé - RS e atualmente reside em Ibiúna - SP. Graduanda em Letras línguas adicionais pela Unipampa e pedagogia pela Anhembí Morumbi. Membro do grupo de pesquisas INCLUSIVE. Comecei minha caminhada na área da educação há pouco tempo e já venho recheando minha mala de experiências e conhecimentos adquiridos ao longo do caminho com colegas e alunos.

**TENELY CRISTINA FROELICH**

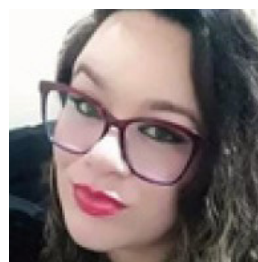
Sou professora, licenciada em Letras - Português e Literaturas pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), campus Bagé, RS, (2017). Especialista em Educação e Diversidade Cultural também pela UNIPAMPA (2018-2019). Mestranda no Mestrado Acadêmico em Ensino da UNIPAMPA/Bagé. Faço parte do INCLUSIVE: Grupo de Estudos e Pesquisas em Inclusão e Diversidade na Educação Básica e no Ensino Superior, que atua com estudos e pesquisas na área da diversidade, inclusão e acessibilidade pedagógica na perspectiva da Educação para Todos e Todas. Atuando como docente na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental na rede pública do município de Dom Pedrito. Mãe da Isis e da Ana Laura.

**THAINÁ PEDROSO MACHADO**

Mestre em Ensino pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Possui graduação em Licenciatura em Química pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). É membro do grupo de pesquisa INCLUSIVE. Atuou como professora de Química no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-riograndense - Campus Bagé/RS e desenvolve pesquisas na área da Educação Inclusiva com ênfase no Ensino de Química para alunos que apresentam o Transtorno do Espectro do Autismo e produção de recursos pedagógicos acessíveis para alunos com deficiências e necessidades educacionais especiais.

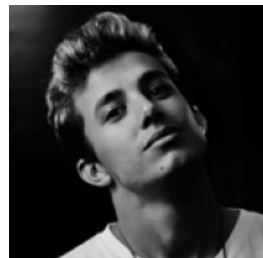
**TICIANE DA ROSA OSÓRIO**

Licenciada em Ciências da Natureza pela Universidade Federal do Pampa - Campus - Dom Pedrito (2016). Licenciada em Pedagogia pela Unicesumar (2021). Especialista em: Atendimento Educacional Especializado; Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS); Processos Formativos para o ensino de Ciências da Natureza e Ensino de Ciências da Natureza com ênfase na Educação do Campo. Mestre em Ensino pela Universidade Federal do Pampa - Campus - Bagé. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Membro do grupo de pesquisa INCLUSIVE - Grupo de Estudos e Pesquisa em Inclusão e Diversidade na Educação Básica e no Ensino Superior, da Universidade Federal do Pampa. Atua como docente de Química no Colégio da Universidade da Região da Campanha.

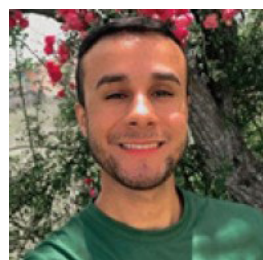


UILSON TUIUTI DE VARGAS GONÇALVES

Sou Licenciado em Ciências da Natureza pela Universidade Federal do Pampa - Campus Dom Pedrito (2019). Mestre pela Universidade Federal do Pampa - Campus Bagé, Doutorando pela Universidade Federal do Pampa - Campus Uruguaiana. Sou estudante no grupo de pesquisa INCLUSIVE - Grupo de Estudos e Pesquisa em Inclusão e Diversidade na Educação Básica e no Ensino Superior, da Universidade Federal do Pampa e estudante no Grupo de Pesquisa GPPEC - Grupo de Pesquisa em Práticas de Ensino em Ciências, da Universidade Federal do Pampa.

**YURI FREITAS MATROIANO**

Atua como professor de Química na rede pública de ensino (2022). Químico Licenciado pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Especialista em Educação Especial e AEE, Mestre em Engenharia e Ciência dos Alimentos pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Atuou como membro do grupo de pesquisa NEI - Núcleo de Estudos em Inclusão (2016-2021). Atualmente é membro do grupo de pesquisa INCLUSIVE da Universidade Federal do Pampa (2019). Desenvolve pesquisas nas áreas de Ensino de Química, Produção de materiais acessíveis ao Ensino de Química e Produção de Substâncias Poliméricas Extracelulares.

**Audiodescrição:**

Adriana Martins da Silva, mulher negra de pele clara com cabelos pretos e cacheados.

Alini Mariot, mulher branca com cabelos castanhos lisos, longos e com franja. Usa blusa de gola alta preta e batom vermelho.

Augustho da Costa Soares, homem branco, de cabelos castanhos e curtos, usa óculos de armação quadrada e uma barba rente.

Claudete da Silva Lima Martins, mulher de pele clara, cabelos castanhos lisos e longos.

Cristiane Bueno da Rosa de Azambuja, mulher de pele clara, cabelos castanhos, lisos e longos.

Emanuelle Aguiar de Araujo, mulher de pele clara, cabelos castanhos lisos e longos.

Fernanda de Lima Pinheiro, mulher de pele clara, cabelos castanhos presos. Usa óculos de armação clara.

Francine Carvalho Madruga, mulher de pele clara, cabelos castanhos, lisos e longos.

Jéssica Corrales da Silva Brandli, mulher de pele clara, cabelos pretos lisos e longos.

Marcelo Rodrigues Barboza Duarte, homem de pele clara, cabelos escuros e curtos. Tem barba escura e cheia.

Mariléia Corrêa Camargo Rocha, mulher de pele clara, cabelos castanhos lisos e longos.

Michela Lemos Silveira, mulher de pele clara, cabelos castanhos claros e lisos.

Mireille Mabel Machado Dworakowski, mulher branca de cabelos loiros, lisos e longos.

Ricardo Costa Brião, homem de pele clara, cabelos escuros e cortados rente com barba também escura e cortada rente.

Ringo Bez de Jesus, homem de pele clara, cabelos pretos, curtos e bigode escuro.

Roseli de Fátima da Silva Feitosa Galvão, mulher de pele clara, cabelos castanhos claros, lisos e longos.

Samara de Oliveira Pereira, mulher de pele clara, cabelos castanhos claros, lisos e longos.

Simôni Costa Monteiro Gervasio, mulher de pele clara, cabelos pretos lisos e na altura dos ombros.

Taís Granato Nogueira, mulher de pele clara, cabelos loiros e curtos. Ela segura um canudo de diploma lilás.

Tamara Campos Vaz, mulher de pele clara, cabelos castanhos lisos e longos. Usa óculos de armação fina marrom.

Tenely Cristina Froehlich, mulher branca de cabelos pretos, lisos e longos.

Thainá Pedroso Machado, mulher de pele clara, cabelos escuros, lisos e longos.

Ticiane da Rosa Osório, mulher de pele clara, cabelos castanhos levemente ondulados, usa óculos com armação quadrada.

Ulison Tuiuti de Vargas Gonçalves, fotografia em preto e branco de um homem de cabelos curtos e penteados para trás num topete.

Yuri Freitas Matroiano, homem de pele clara, cabelos e barba castanho claro e cortados rentes.

Fim da audiodescrição.